



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

Área de Concentração: Psicologia Aplicada



ANDRÉA GONÇALVES DIAS

**CAMPO-RELAÇÃO NA CLÍNICA DO CONJUGAL:
REFLEXÕES PSICANALÍTICAS
SOBRE A CULTURA HOJE**

UBERLÂNDIA

2007

ANDRÉA GONÇALVES DIAS

**CAMPO-RELAÇÃO NA CLÍNICA DO CONJUGAL:
REFLEXÕES PSICANALÍTICAS
SOBRE A CULTURA HOJE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de concentração: Psicologia Aplicada

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera

Uberlândia

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D541c Dias, Andréa Gonçalves.

Campo-relação na clínica do conjugal : reflexões psicanalíticas

sobre a cultura hoje / Andréa Gonçalves Dias. - 2007.

158 f.

Orientadora: Maria Lúcia Castilho Romera.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,

Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Psicanálise - Teses. 2. Relações homem-mulher - Teses. I. Romera, Maria Lúcia Castilho. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado
Área de Concentração: Psicologia Aplicada

ANDRÉA GONÇALVES DIAS

CAMPO-RELAÇÃO NA CLÍNICA DO CONJUGAL:
REFLEXÕES PSICANALÍTICAS
SOBRE A CULTURA HOJE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de concentração: Psicologia Aplicada

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

Prof. Dra. Ana Maria Loffredo-USP

Prof. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera
(orientadora)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais José Paulo e Lia, todo amor e gratidão.

Ao Tony companheiro de viagem que me dá o tom desta melodia: o amor.

Aos filhos, Artur e Marina nossos amores.

Aos irmãos Sérgio e Maristela minha admiração e amizade.

Aos mestres com carinho:

João Luiz Leitão Paravidini por despertar-me o pensar clínico.

Gregório F. Baremlitt por mostrar-me outra Clínica.

Ari Reifeld por apresentar-me a Fenomenologia na clínica.

Fabio Herrmann por surpreender-me com a clínica psicanalítica.

Maria Lúcia Castilho Romera por compartilhar a clínica do conjugal comigo e propiciar a realização de um sonho: o Mestrado.

RESUMO

Este estudo propõe-se a um trabalho reflexivo sobre a conjugalidade, através da investigação das relações conjugais para além do modelo de aliança heterossexual reprodutiva que norteou a vivência da sexualidade e da intimidade na Modernidade. Avalia a perspectiva de durabilidade das uniões no projeto Romântico em contraponto com a fugacidade das uniões atuais norteadas por uma lógica de concepção: produção-consumo. Coloca em questão qual a condição de sustentabilidade de uma relação conjugal hoje e sua implicação quanto ao amor. Objetiva investigar o campo da conjugalidade, refletindo sobre sua condição de diferenciação, considerada a criação de novos sentidos no modo de conjugar e constituir a realidade. Discute formas de alteridade e a articulação entre perspectivas teóricas na clínica do casal, tendo como ponto central o método psicanalítico por ruptura de campo sustentado por articulações teóricas da Teoria dos Campos com intuito de produção de conhecimento. Desenvolve um pensamento da clínica da cultura a partir de três rupturas ocorridas no campo sócio-histórico que influenciaram a concepção de conjugalidade hoje: o casamento, o feminino e a lógica vincular determinada pela Globalização e a Hipermmodernidade. Apresenta como analisadores a noção de Campo e Paradoxo tendo como hipótese a capacidade transformadora da conjugalidade no difícil jogo entre o uno e o múltiplo a que o projeto social da atualidade nos institui. Através de um olhar clínico da psique conjugal singularidades de cada relação foram reveladas e a partir de um recorte de sentidos comuns apreendidos, uma análise da cultura na clínica foi sendo delimitada. Descobriu-se que o projeto conjugal, ou representação do conjugal em condição de crise, erige uma multiplicidade de sentidos que, paradoxalmente, padroniza as relações e também possibilita a emergência de outra sensibilidade neste campo, ou seja, efetiva uma crítica paradoxal destas. Há a conjugalidade enquanto projeto dos sujeitos na atualidade, porém enquanto indefinição definida. Tais possibilidades já estão em jogo, pois a alteridade na condição de fragilidade presente, ainda persiste e insiste. Como se sabe: é no momento de crise que se está destinado ao novo e ao inesperado.

Palavras chave: Conjugalidade, método psicanalítico, alteridade.

ABSTRACT

This study proposes a reflexive work on conjugality, through the investigation of matrimonial relationships beyond the model of reproductive heterosexual alliance that has been orientating the existence of sexuality and intimacy in modern times. It evaluates the perspective of durability of the unions in the romantic project compared to the transiency of the current unions, orientated by a conception logic: consume production. It puts in subject which is the condition of sustainability of a matrimonial relationship nowadays, and its implication to love. It aims to investigate the conjugality field, considering its differentiation condition and the creation of new meanings in the way of conjugating and constituting reality. It discusses forms of alterity and articulation among theoretical perspectives in the couple's clinic, having as central point the psychoanalytic method of field rupture sustained by theoretical articulations of Campos' Theory with intention of knowledge production. It develops a thinking of the culture clinic, starting from three ruptures that happened in the social-historical field that influenced the present conjugality conception: the marriage, the feminine and the link logic determined by globalization and hypermodernity. It presents as analyzers the notion of field and paradox, having as hypothesis the transforming capacity of conjugality in the hard game between the one and the multiple that the social project of the present times institutes us. Through a clinical eye of the matrimonial psyche, some singularities of each relationship have been revealed and, using a set of learned common senses, an analysis of the culture in the clinic have been delimited. It has been found that the matrimonial project, or its representation in a crisis condition, erects a multiplicity of senses that, paradoxically, standardizes the relationships and also makes possible the rising of another sensibility in this field, in other words, it makes a paradoxical critic of these. Nowadays, there is the conjugality as a project of the subjects, as an defined indefinition. Such possibilities are already in place, because the alterity in the condition of present fragility, still persists and insists. As it is known: it is in the moment of crisis that one is destined to the new and the unexpected.

Keywords: conjugality, psychoanalytic method, alterity .

SUMÁRIO

1 - Apresentação	13
2 - Introdução: A propósito amar é ... a conjugalidade em questão	22
3 - Caminhando se faz ... caminho	36
4 - Conjugalidade (s)	46
4.1 - O Outro: Psicanálise-alteridade	46
4.2 - O nós: articulações teóricas possíveis	51
4.3 – Campo - relação conjugal	61
5 - O Tempo Longo das narrativas sócio-históricas: rupturas no Campo da Cultura.	67
5.1 - Da desnaturalização do casamento	67
5.2 - Do Feminino que conjuga a história de homens e mulheres	80
5.3 – Vínculos: da Globalização à Hipermodernidade	92
6 - O Tempo Médio e Curto das entre-vistas: Construções	108
6.1- O casamento ditado(r)	108
6.2 - Sobre casar: a conquista de um tempo que é a insônia da eternidade.	117
6.3 - O Casal no ideal de filho	125
6.4 - Um horizonte de (in)(di)visibilidade	130
6.5 - O lar: espaço “incomum” de encontro.	138
7 – Há (a) conjugalidade: conclusão	145
Referências	152
Anexos	
Anexo A – Termo de Esclarecimento e Consentimento	157
Anexo B – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	158

1 – APRESENTAÇÃO

Se meus joelhos não doessem mais

Diante de um bom motivo

Que me traga fé, que me traga fé

Se por alguns segundos eu observar

E só observar

A isca e o anzol, a isca e o anzol

A isca e o anzol, a isca e o anzol

Ainda assim estarei pronto pra comemorar

Se eu me tornar menos faminto

Que curioso, que curioso

O mar escuro trará o medo lado a lado

Com os corais mais coloridos

Valeu a pena, eh eh

Valeu a pena, eh eh

Sou pescador de ilusões

Sou pescador de ilusões

Se eu ousar catar

Na superfície de qualquer manhã

As palavras de um livro sem final

Sem final, sem final, sem final, final...

O Rappa - Pescador de Ilusões.

Quando apresentada a Teoria dos Campos me apaixonei. Iniciei um namoro à distância e fui me aproximando, por algum tempo duvidei da possibilidade de conjugar a Fenomenologia com a Psicanálise que influenciava meu pensamento clínico.

Seria mais um engano, seria possível tal conjugalidade? Psicanálise, àquela que me foi representada pelos lugares que transitava (escolas teóricas) na tentativa de apreendê-la, mas que acabavam por me expulsar, devido às nossas paralisias. E Fenomenologia? Mas Fábio Herrmann pegou-me pela mão e concedeu-me este recasamento, agora uma união consensual sem alianças para não ficarmos presos ao dogmatismo que as escolas teóricas acabaram por instituir na Psicanálise¹.

Faço minhas as palavras de Fábio em entrevista à Leda Herrmann (2004):

L - Você começou cedo na Psicanálise. Como foi o encontro? Ele afetou suas questões?

F - Algumas são anteriores de fato. Como qualquer adolescente da cidade, despertei cedo para a desconfiança. A diferença talvez tenha sido não acreditar nas alternativas nem a haver enterrado, com alguma ingênua profissão de ceticismo (Herrmann, 2004, p.10).

Ao afastar-me da Psicanálise em expectativa de trânsito, circulando descobri a Fenomenologia, uma experiência de encontro. Faço novamente minhas as palavras de Fábio no mesmo contexto citado acima.

L - Há mesmo bastante filosofia e epistemologia em seus escritos. As pessoas ficam curiosas. Quais os seus fundamentos?

F - Não chamaria de fundamento, mas de ginástica (...) A mistura de filosofia com interpretação psicanalítica pode levar aonde se quiser

¹ O autor utiliza Psicanálise com letra inicial maiúscula para referir-se ao método psicanalítico e psicanálise com inicial minúscula para referir-se à psicoterapia (Herrmann, 1999, p.24).

(...) A descoberta da Fenomenologia foi uma experiência refrescante. Brisa na praia. Permitiu-me compreender a falácia de reduzir a consciência à razão, só para depois denunciar o equívoco e chamar-lhe inconsciente (Herrmann, 2004, p.11-12).

Quase todo mundo acha que ele esconde o jogo ao não abrir claramente seus fundamentos, eu também desconfiei da minha percepção da Fenomenologia em seus escritos porque ele não a apresentava formalmente. Mesmo assim tive que tirar minha dúvida metódica com ele. Como numa relação amorosa onde se sente amado, mas, mesmo assim, necessita-se fazer a pergunta e ouvir a resposta acalmando com isso, o coração e confirmando a união.

Foi num momento de intimidade entre nós dois, a caminho de uma defesa de mestrado, entre o bloco da Psicologia e o auditório da biblioteca do Umuarama, entre uma conversa e outra, quando me arrisquei a descobrir o que temia confirmar, então lhe perguntei se havia Fenomenologia em seus escritos. Ele indubitavelmente respondeu-me meio indignado, *“claro que sim... nos meus e nos de Freud”*. Sinto me aliviada e continuamos nossa caminhada a caminho da defesa de uma colega que escreveu sobre campo-relação na consulta ginecológica: Considerações psicanalíticas a partir da Teoria dos Campos.

Foi aí que percebi que nossa confluência com a Fenomenologia permitiu nossa interseção na Psicanálise. A partir de então estou conjugando uma união com a Psicanálise proposta pela Teoria dos Campos: a apreensão do método psicanalítico por ruptura de campo. Neste as coisas se revelam na presença da ausência e na profundidade da superfície, por isso que dizem por aí que ele esconde o jogo, mas hoje não vejo assim, o jogo está posto em jogo, as regras do jogo se apresentam quando também entramos em jogo. Não é preciso nomear, mas acompanhar o jogo e apreender cada nova jogada.

Vejam bem esta jogada, uma análise de superfície. Estava eu resolvida, depois de muita dúvida, a ir ao V Encontro da Teoria dos Campos em São Paulo, setembro de 2005. Havia um grupo de pessoas que iriam em um Ônibus da UFU, resisti muito a esta idéia. Para não ir sozinha e enfrentar aquele novo tão duvidoso até então, resolvi enfrentar o velho, viajar novamente no Beethoven²: pequeno, desconfortável, durante a madrugada sabia que não iria dormir³, estava eu lá voltando para a condição (des)confortável de aprendiz, da percepção da falta e do excesso de dificuldades. Teria eu uma garantia indo com eles? Mas não conhecia a maioria das pessoas pessoalmente, metade eram estudantes de graduação, recém formados e outros poucos faziam parte de um grupo de estudos em Teoria dos Campos. E eu? Encontrava-me no meio do caminho? Era e não era estudante, fazia e não fazia parte do grupo da Teoria dos Campos.

Como a realidade está afogada no real, literalmente, fiquei no meio do caminho.

O ônibus estava marcado para sair às 20:00hs do Campus Umuarama, como boa mineira que sou, que não pode perder o Trem...⁴ estava lá pontualmente na hora marcada,

² Nome dado ao ônibus pelos estudantes há muitos anos, antes mesmo da minha entrada na UFU em 1991. Neste fiz várias viagens para congressos.

³ Desde o início de 2004 já não dormia durante a noite toda, foi quando iniciei o Mestrado como aluna especial e me apaixonei pela descoberta da Teoria dos Campos, por me aproximar de um lugar dos possíveis, isto me fazia sonhar acordada, uma mistura de fantasia e realidade. Depois de um dia tumultuado de aulas, atendimentos, casa, marido, filho pequeno, quando tudo se acalmava, eu ia ver os vídeos de algumas conferências com Fábio Herrmann e ler seus escritos. Sentia que tínhamos as mesmas idéias. Foi amor à primeira vista, fruto de uma supervisão com um lacaniano que me indicou um texto dele.

⁴ Agora me veio uma saudade da época em que minha mãe, meu irmão e eu íamos de trem de Uberlândia à Ribeirão Preto, chegávamos na estação às 6:30hs e em meio à neblina esperávamos até o horário da saída às 7:15hs. Íamos para lá uma vez ao mês para ver meu pai que nesta época trabalhava lá, era despachador na extinta FEPASA e controlava o tráfego de trens. Ele estava organizando as coisas para nos levar

mas os baianos estão em toda parte e tivemos que esperar. Enquanto isso reconheci e conheci algumas pessoas e fiquei surpresa ao ver uma amiga lá, não por ser amiga mas por não entender o que ela estava fazendo ali. Para mim ela era de um outro lugar não conjugava com aquele momento, depois descobri que ela só iria conosco, carona, para rever um amigo. Acabara de se separar do marido e estava indo passear em São Paulo.

Ainda no tempo da espera do ônibus, fui ao banheiro (ultimamente estava indo ao banheiro com frequência). Este era distante, havia maior luminosidade onde o ônibus estava e ao redor era tudo escuro. Fui sozinha e ainda avisei que estava indo para os conhecidos. Lá deparei-me com uma paciente que havia fugido da Psiquiatria. Ela estava perdida mas também apresentava ares de quem está em casa, vestia o uniforme do HC, parecia mais um pijama, percebi que os vigias do Campus já a conheciam. Ela ficou e eu fui, ou foi o contrário? Melhor (não) dizendo fomos para o local do ônibus.

Ao me aproximar do ônibus este começou a se movimentar em partida e eu fiquei parada, partida, fragmentada, era surreal, onde estava acontecendo aquilo, olhava para tudo e não via nada, catatonicamente me pus a correr e a gritar, tentativa vã, quanto mais eu me aproximava do ônibus mais ele se distanciava.

Quando já ia desistir e voltar para casa, durante toda a eterna corrida, pensava ininterruptamente indignada *“como eles não perceberam que eu não estou no ônibus, que*

também, foi um período de um ano e meio viajando ao seu encontro esperando o reencontro. Hoje sei que não precisava chegar em Ribeirão para encontrá-lo, pois no meio do caminho já estávamos juntos. Chegávamos lá por volta das 15:00hs, era uma viagem curta num longo período de espera, tinha muitos atrativos: passageiros, “geléia de mocotó colombo cada pedaço é um tombo”, banheiro que balançava com a janela totalmente aberta para a paisagem que espiava, o PF (paladar faminto) do restaurante com sukita e o gavião que sempre vinha, no mesmo horário e local da trajetória, o qual simulava um ataque para sutilmente agarrar um pedaço de carne crua que o moço do restaurante lhe oferecia e as longas paradas nas pequenas estações. Esta era a rotina de toda viagem.

absurdo...” e a minha amiga caroneira/partida, que estava sentada do meu lado não sentiu minha falta... e as pessoas que me conhecem e para quem avisei estar partindo para o banheiro? Se não fosse trágico seria cômico! E assim o fui.

Quando eu comecei a parar - magicamente - o ônibus também o fez, surpresa de alívio, “*o motorista me viu pelo retrovisor!*”. Fiquei esperando o que ia acontecer, tudo ficou quieto, “*acho que ele parou por algum outro motivo!*”, foi neste momento que vi um carro ao lado do ônibus, que no princípio da epopéia acreditava que já havia ido embora, mas não, estava lá ao lado, “*fazendo o que?*”. É o marido da Márcia que veio acompanhá-la e que me conheceu e reconheceu pelo retrovisor, na correria, na corredora, no corredor da dor entre eu e o ônibus, e foi até lá e cá avisar-nos.

No entanto, não foi nada disso que aconteceu, o ônibus não partiu de ré em minha partida, então eu me lancei em sua direção, em contra partida, caminhando lentamente, já não queria brigar mais, questionar as razões do ocorrido, a falta e o excesso de tanto abandono. Se quisessem me esperar bem, agora eu não me surpreendo mais com a condição de partir ou ficar. Como encanta Milton Nascimento, “*são só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida, a hora do encontro é também despedida, a plataforma desta estação é a vida desse meu lugar*”.

Naquele momento havia se dado uma concepção de algo ainda desconhecido, mas que o Campus Umuarama, campo da viagem, havia dado a luz.

Aconteceu que foi um rapaz, passageiro do ônibus, que não me conhecia que me reconheceu como alguém à espera de uma parada.

Ao entrar no ônibus para minha surpresa estavam todos surpresos com a presença da minha falta, então cada um a seu modo se reconheceu neste engano, pessoal e coletivo diga-se de passagem, dos passageiros daquela viagem que se iniciou.

Veja ... a minha amiga de passagem achou que eu havia resolvido mudar de companheiro de viagem e para aqueles a quem eu havia comunicado minha partida da viagem acharam que eu estava com minha amiga de temporada e como ela não disse nada sobre minha presença em um outro lugar, do lado de fora, eles não se preocuparam, cada um ficou pensando que eu estava na companhia do outro, no imaginário coletivo do ônibus eu estava com todos ao mesmo tempo, super acompanhada. Teve também o esquecimento do motorista e do organizador da viagem de conferir os passageiros.

Nossa! Será que eu transito tanto assim? Percebi que estava sem um lugar.

Já não queria mais discutir aquela relação, pois para mim a questão já estava posta, só queria viajar e ter notícias do mundo de lá... saber sobre a minha condição de permanência naquela viagem, pois já havia um prenúncio de vórtice frente à uma ruptura de campo no campo da Teoria dos Campos, a possibilidade da finitude de quem a concebeu.

Em meio a tudo isso estava eu tentando engravidar novamente de uma velha boa nova idéia: a idéia psicanalítica, qual seja, a idéia de sentido humano ou psique, afirmando a clínica como um ponto de vista no/do mundo e para além disso... conceber também um segundo terceiro campo, que há muito também já sonhava acordada. Estava num processo duplo de concepção. Daria conta de dar a luz a tamanho desejo e a desejos tão singulares?

Porém os processos de transformação ainda estavam por vir. Ao chegar na Faculdade de Medicina da USP, imersa no céu nublado entre ela e o cemitério cinza, separados por uma avenida, eu me deparei com a morte. Durante o encontro me encontrei, reconheci e formulei minhas idéias, sabia que o caminho de volta para a Psicanálise não seria mais tão angustiante. Estava pronta para trair minha tradição.

Minha criança ficou chocada ao rever o pai enamorado que tanto aguardou para agora, sozinha, brincar e transformar a realidade. Ele estava enfraquecido, desvitalizado, prenhe de vida. Tamanho encantamento estaria por terminar? Chorei compulsivamente mesmo sem

saber a razão, razões que a própria razão desconhece. Agora sim a menina abandonada se revelou nesta partida, ao chegar perto da dor da separação. Mas houve um olhar de um acompanhante de viagem que me acolheu na minha partida ao desconhecido. Seu olhar silencioso e presente acompanhou e velou as minhas dores. Assim entre o cemitério e a força do pensamento crítico e desafiador da Teoria dos Campos encarnado e desencarnando da pessoa de Fabio Herrmann eu pude fazer a minha reiniciação no campo do saber psicanalítico

Viajar novamente no Beethovem reacendeu meu coração de estudante, de investigadora, o qual acredito estar minimamente expresso nas páginas seguintes desta pesquisa.

O mais interessante desta viagem se deu nove meses depois, no dia 06 de Junho de 2006, quando parei com tudo para dar a luz a minha filha, Marina, (ela já era passageira daquela viagem) ao estilo baiano de Dorival Caymme. Diz a crença popular que baiano é a mistura de mineiro com goiano ... que sabedoria profunda ... e no dia 11 de Julho de 2006 fui parada pela presença da falta de Fábio Herrmann. Este deu a luz ao seu pensamento crítico-heurístico perante o mundo em que vivemos, ajudando a pensá-lo, e como sou um ser aí no mundo me sinto comprometida em transgredi-lo, a criar e recriar o fundamento de sua obra. Quanto *Absurdo* tem a vida!! Então, começando enfim, consegui parar para gerir uma Dupla face, método-absudo, conjugar vida e morte e recomeçar novamente a caminhar.

Nesta viagem com Herrmann houve outros passageiros de paisagens, dentre eles o João Luiz que me endereçou a este encontro e a Maria Lúcia que marcou o desencontro produtivo. Agora a idéia psicanalítica, nossa filha mais querida desta conjugalidade, começou a dar sinais de parto ou seria de partida, expressa nesta dissertação: uma aventura psicanalítica sobre estes outros que habitam dentro de nós e nos posicionam em condição de vida e morte.

Herrmann como um apaixonado por viagens e amante das possibilidades de suas narrativas, agora fez a mais radical delas - por sê-la inadiável e por não ter retorno - mas a sua maior viagem ele já realizou e continuará a realizar... iludir com suas ficções os viajantes pelas terras que passar... Sabido!!! Assim ele estará eternamente em trânsito, numa zona intermediária, entre um lugar e outro, privilegiado por ele, por ser imanente há possibilidades, transformações infinitas.

O desejo, o abismo interior que desconhecemos, faz parte do real, é como que uma parcela do real seqüestrada no íntimo do indivíduo. A idéia pode parecer esquisita ou difícil de compreender, mas se você considerar que cada um de nós foi criado, inventado, construído pelo real, e que ainda chegará a ser reabsorvido por ele com a morte, o estranho passa a ser evidente (Herrmann, 2001, p.16).

O rosto desta nossa filha já começou a ser delineado, no entanto os traços as linhas de contorno estarão permanentemente sendo reconhecidos e redefinidos por nós e pelo olhar dos outros, vocês leitores que, ao embarcarem nesta viagem, também se tornarão genitores desta idéia sobre a potência do homem psicanalítico, fruto proibido da identidade.

...

Se o azul é um sonho

Que será da inocência?

Que será do coração

Se o amor não tem flechas?

...

Frederico Garcia Lorca - Canção Outonal

2 - INTRODUÇÃO: A propósito de amar é... a conjugalidade em questão

Dizem-me: esse gênero de amor não é viável. Mas como avaliar a viabilidade?

Por que o que é viável é um Bem?

Por que durar é melhor que inflamar?

Roland Barthes

A concepção e os norteadores deste projeto se deram a partir de minha vivência conjugal, da clínica de consultório e das intervenções clínicas em Saúde da Família. Uma escuta itinerante pela vida: no consultório, nos lares, nas ruas e nos bares.

Nestes descaminhos verifiquei significativa presença de sofrimento, solidão e angústia. Psicopatologias advindas tanto das relações amorosas como da ausência destas, me levando a questionar sobre estes vínculos exercidos na atualidade.

Detectei dificuldades freqüentes e, em alguns, casos uma impossibilidade efetiva de vivenciar relações interpessoais de cunho conjugal.

Percebo que há uma queixa freqüente quanto ao exercício da conjugalidade, um movimento paradoxal de descolamento e aderência, sem reflexão/implicação a esta condição.

De onde se impõe uma exigência de conjugalidade que tanto insiste e tanto fracassa? Calligaris (1994) acredita que seja na busca de um ideal que a produção cultural há muito vem veiculando.

Frente a isto resgato no imaginário popular alguns dizeres que permeiam as relações cotidianas que acabam por conceber uma crença na proposta conjugal:

“Com quem será? Com quem será? Com quem será que o (a) vai casar, vai depender, vai depender se o (a) vai querer”, frequentemente cantado no dia do nascimento, nos aniversários. Cria-se uma expectativa de um futuro certo que só se concretizará frente ao desejo do outro, proposta objetificante que posiciona o sujeito numa condição passiva.

“Um dia você encontrará sua alma gêmea, sua cara metade”. Pensamento mágico de plenitude, mito da complementaridade, de um equilíbrio ilusório.

“E foram felizes para sempre”. Assim terminam as histórias infantis, novelas e filmes, onde o casamento é representado como objetivo final e que a partir dele estaremos no Jardim do Éden. Recompensa frente ao sofrimento da espera, induzindo ao mito da estabilidade, eternidade, à morte do sujeito desejante.

“Até que a morte os separe”, outra premissa que nos lança em uma condição de passividade frente ao destino, garanti-dor de uma questionável permanência para assegurar uma promessa de durabilidade. Tentativa vã de inscrição de um impossível.

Frente a tal imaginário idealizado, poderíamos nos questionar se casar não se tornou para nós algum tipo de dever, um fato natural? Com isso a conjugalidade tornou-se ao mesmo tempo um valor crucial, ou seja, um componente indispensável de qualquer sonho de felicidade e o lugar de um sofrimento, muitas vezes patológico (Calligaris, 1994).

Este lugar de sofrimento se dá a partir do momento no qual a conjugalidade deixa de ser não só uma decisão de conveniência segundo imperativos sociais e patrimoniais, mas supõe a exigir que seu fundamento seja o amor, fenômeno, próprio à modernidade ocidental. (Ariès, 1987).

No entanto, de que amor estamos falando? De um amor narcísico, que não abre mão de si e quer que o outro seja seu espelho? De uma homogeneidade falsa que nega as diferenças e que por isso vive em luta e de luto.

Seria isto um dos gera (dores) dos efeitos do individualismo contemporâneo, pois acreditamos que a conjugalidade deve nos dar a felicidade amorosa e sexual e a vivenciamos como suspensão ao nosso contentamento, uma vez que na vivência percebe-se que não ocorre plenamente (falha).

Bruxas ao redor do berço de qualquer casal (familiar, conjugal, sexual) sempre houve, porém estamos vivendo uma época em que estas bruxas se multiplicaram. Não estou, com isso, idealizando uma norma feliz ou querendo reconhecer a conjugalidade como algo da exigência do dever e do bem. Porém, quando utilizo os termos “berço e bruxas”, percebo que faço referência a algo da ordem do infantil e avalio que talvez estejamos presos a esta condição ainda quando se fala das relações conjugais. Laço primário, dual que exige uma reciprocidade, uma troca perfeita onde um tem que saciar o outro, paranóia conjugal que aprisiona e limita.

Sabe-se que a “*Modernidade Líquida*”⁵ dissolveu algumas das premissas acima citadas, mas a questão da idealização permanece, o mito do casal perfeito continua, vinculado agora ao prazer, traduzido como felicidade plena e freqüente.

A varinha mágica é agora o cartão de crédito e o belo não está mais no enfrentamento das dificuldades, do sofrimento a dois, representado no ideal do amor romântico, mas na apresentação de uma imagem esteticamente perfeita que se não for reatualizada continuamente não permite a vinculação e sua permanência, sustentado por um “*amor líquido*”⁶ que evapora-se frente às distorções das imagens.

Assim ao me indagar sobre o caminho a percorrer nesta pesquisa: qual é o meu objeto de estudo? Surpreendi-me: estou tentando pesquisar o amor, seria isto possível?

O que saber sobre o amor, buscaria pensar o que é, mas o que quero conhecer? A reflexão me é permitida, mas a garantia de apreendê-lo não o seria.

⁵ Termo utilizado por Bauman, Z. (2001) para denominar o momento atual, tido como uma outra perspectiva de Modernidade, repleta de sinais confusos, sentidos frágeis, propensos a mudar de forma rápida e imprevisível.

⁶ Nome dado por Bauman, Z. (2004) para representar a incapacidade de se manter a afetividade e os relacionamentos, caracterizados por uma facilidade em tecê-los e desmanchá-los, relações em “rede” muitas vezes de contato apenas virtual. Diz da fragilidade dos laços humanos na Modernidade Líquida.

Fala-se muito sobre sexualidade e erotismo na literatura científica do mundo contemporâneo e quase nada sobre o amor, talvez pelo fato de ele não se deixar decifrar, repelindo toda tentativa de classificação ou definição.

Seria esse vazio conceitual um reflexo da dificuldade de expressão do amor na atualidade? Tamanha visibilidade da sexualidade na modernidade talvez venha refletir a impessoalidade fundamental dessas relações, na medida em que o contato físico tornou-se um simulacro do encontro.

O que parece estar acontecendo é o que Freud (1910) já havia mencionado em seu artigo “a tendência à depreciação no amor”. Uma cisão entre amor e desejo, o que poderia acontecer em duas direções, quando há amor não há desejo e quando há desejo não há amor, isto traria o selo da impotência psíquica. O que existe é um isolamento secundário defensivo, mais do que índole contraditória básica destas duas forças conflitantes. Mesmo assim, para Freud, seria possível uma forma acabada de sexualidade e até uma atitude normal em amor, unindo a corrente da sexualidade e da ternura.

Nesse processo de conciliação, poderíamos pensar que o amor seria um objeto do desejo? Já que o desejo é a matriz simbólica das emoções, a sede de operações simbólicas que determinam a rede de seus sentidos. Com isso este objeto, como qualquer outro poderia ser querido como também temido, aquilo que se estranha ou evita, tanto quanto o que se busca desesperadamente. (Herrmann, 2001).

O desejo é tipicamente humano, é o inconsciente em ação em combate com o mundo, não há como fugir dele mesmo, a fuga é desejo de fuga, *há o inconsciente*, ou seja, possibilidade de produção de conhecimento, provisório e relativo. Porém ele “é regrado; em essência, é um conjunto de regras emocionais, uma lógica produtiva de concepção, que nunca alcançamos representar explicitamente.” (Herrmann, 2001, p.139).

Nesta relação de fascínio entre desejo e amor, Bauman (2004) também nos coloca que desejo e amor são irmãos gêmeos, porém nunca gêmeos idênticos, mas bivitelinos. Isso nos diz de uma diferença a partir de uma mesma origem.

Para este autor o desejo quer consumir e o amor por outro lado quer possuir. Amar diz respeito à auto-sobrevivência através da alteridade. Desejar é uma compulsão a preencher a lacuna deixada pela alteridade. O desejo coincide com a aniquilação de seu objeto e o amor cresce com a aquisição deste. Se o desejo se auto destrói, o amor se auto perpetua, encontram-se em campos opostos, porém ambos se orientam pela alteridade, ponto comum que os articula, seja pelo princípio da evasão, repulsão ou pelo da atração.

Uma outra dificuldade em lidar com o amor pode estar também na sua condição paradoxal (Aranha & Martins, 1986). No desejo de união com o outro o amante deve cativar para ser amado livremente. O fascínio é gerador de poder: o poder de atração de um sobre o outro. Aprisionamento que nos torna livres para criar.

Outro paradoxo consiste em ser ele uma união, com a condição de cada um preservar a própria identidade. Faz com que os dois seres estejam unidos e, contudo, permaneçam separados.

O paradoxo da relação amorosa coloca-se então ao mesmo tempo como desejo de união e preservação das diferenças, dimensiona a ambigüidade (amor e ódio) em que o homem é lançado. Condição de integração (vida) que resulta no abandono de outras possibilidades (mortes).

Amar nos coloca em risco. O risco do amor é a separação, estar numa relação amorosa supõe a possibilidade da perda. A separação é a vivência da morte numa situação vital: é a vivência da morte do outro em minha consciência e a vivência de minha morte na consciência do outro (Caruso, 1984).

Caso contrário haverá o impedimento do encontro verdadeiro. A lenda de Narciso, que, ao contemplar seu rosto refletido na água, apaixona-se por si próprio e causa sua morte, pois esquece de se alimentar, tão envolvido se acha com a própria imagem inatingível. Paradoxalmente ele morre por não querer sua morte. Morre na medida em que torna impossível a ligação fecunda com o outro.

Esta lenda nos lança a pensarmos sobre a aliança entre Eros e Tanatos. “Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive, morrer por razões internas... seremos compelidos a dizer que “o objetivo de toda vida é a morte...” (Freud, 1920, p.56). Se o objetivo da vida é a morte, Eros e Tanatos travam luta ferrenha e constante, sendo que Eros é ação e tensão, enquanto que Tanatos é inércia, repouso. Mas o alívio das tensões é sentido como prazer uma vez que o desejo tem como meta a satisfação, sendo esta a tendência da força libidinal. Portanto, Freud (1920, p. 84) conclui: “O princípio do prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte”.

Então, a presença estranha da morte ao atingirmos o prazer momentâneo pela fusão plena de Eros e Tanatos, ao afastar provisoriamente as tensões, frente à acomodação do desejo, eliminaria as antíteses entre morte e vida. Afinal Eros está a serviço de Tanatos. Ver a morte como uma necessidade pode ser tão somente uma ilusão que criamos para suportar o fardo da existência e assim manter a vida.

Neste jogo entre Eros e Tanatos, amar torna-se uma das “artes da vida” (Freud, 1930) importante na busca da felicidade e na evitação do sofrimento, mas como já foi dito, o amor paradoxalmente conjuga Eros e Tanatos, pois nunca estamos menos protegidos contra as penas do que quando amamos; nunca mais infelizes e desvalidos que quando temos perdido o objeto amado ou seu amor. Eros tinge de desejo o próprio destino, a morte.

Segundo Freud (1914), trataria-se de um amor objetual, embora parta do amor próprio ou do narcisismo normal, é o oposto do narcisismo patológico exemplificado pela lenda de

Narciso, pois implica que a fórmula “Eu+Tu=Nós” não resulte da anulação, nem do “Eu” nem do “Tu”.

Em outras palavras, se trata, segundo Buber (1979, p. XLI), de uma ontologia da relação, qual seja:

A reflexão inicial de “EU” e “TU” apresenta a palavra como sendo dialógica. A categoria primordial da dialogicidade da palavra é o “entre”. Mais do que uma análise objetiva da estrutura lógica ou semântica da linguagem, o que faria da palavra um simples dado, Buber desenvolve uma verdadeira ontologia da palavra atribuindo a ela, como palavra falante, o sentido de portadora de ser. É através dela que o homem se introduz na existência. Não é o homem que conduz a palavra, mas é ela que o mantém no ser. Para Buber a palavra proferida é uma atitude efetiva, eficaz e atualizadora do ser do homem. Ela é um ato do homem e se situa no mundo com os outros.”

Desta maneira o homem é um ser de relação. Cada atitude é atualizada por uma das palavras princípio, EU-TU ou EU-ISSO, sendo que cada uma fundamenta um modo de existir e de se relacionar; não constituem dois Eus mas sim a existência de uma dupla possibilidade de existir como homem. Chama-se relação para EU-TU e relacionamento para EU-ISSO.

Sou Eu, através da minha relação com o Tu; na medida em que me converto em Eu, digo Tu. Considero relevante o hífen que une e ao mesmo tempo separa EU de TU. Somos tanto *separados de*, quanto *em relação com* um outro. O dialógico é tanto Um quanto o Outro, já que não há Um sem um Outro e vice-versa, espaço entre, onde ocorre o encontro, dimensão do humano para Buber (1979).

Buber nos fala de modos relacionais fundantes: o EU da relação ontológica EU-TU configura seu espaço relacional de modo aberto à presença da irreduzível alteridade do outro. O EU da relação EU-ISSO configura seu espaço relacional com vistas a conhecer o mundo, transformá-lo em objeto de uso e experiência. Onde o estatuto ontológico do EU-TU antecede o estatuto EU-ISSO.

Portanto, o EU é relacional, se define na relação com um TU e com um ISSO. Não existe um EU como substância, da mesma forma o TU não é totalmente apreendido nem experienciado; ele é horizonte sem limites, é totalidade. A essência do humano não se fecha em si mesmo, mas está contida na unidade do homem com outro homem. Uma unidade que se apóia sobre as diferenças entre o EU e o TU.

Partindo desta perspectiva, mesmo que o amor seja a arte do encontro, sabemos que não está imune ao desencontro, sendo neste que está a possibilidade de devir, pois é preciso sair da idealização para transar a parcialidade que nos fascina e constitui nossa subjetividade (Souza, 1994). Tanto Freud quanto Buber propõe o descentramento do sujeito, do eu para o outro, pondo em questão o narcisismo.

Seria neste descentramento ocasionado na relação do eu com o outro que poderemos lidar com as questões narcísicas desta condição humana? Frente a isto proponho a conjugalidade como um viés catalisador desta condição narcísica, pois remete a questão da alteridade e do difícil jogo entre individualidade e conjugalidade, entre manter-se uno e duplo (múltiplo). Tenho como hipótese sua capacidade transformadora de subjetividades e da relação intersubjetiva.

Mesmo na ausência do amor teríamos uma chance, pois é na impossibilidade da experiência amorosa que se abre a possibilidade de ruptura. Para que ocorra a paixão é preciso que ocorra esse esvaziar em vida. A morte diária aparece como resposta libertadora

ao dia-a-dia atravessado de escuros, de opacidades. O contraponto, rasgo de vitalidade, uma quase loucura, um ir às fronteiras, para além dos limites demarcados (Caruso, 1984).

Poucas coisas se parecem tanto com a morte quanto o amor realizado. Cada chegada de um dos dois é sempre única, mas também definitiva: não suporta repetição, não permite recurso nem promete prorrogação. Assim não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer, como não se pode aprender a arte ilusória de evitar suas garras e ficar fora de seu caminho. E o mais imprevisível é quando isso acontecerá (Bauman, 2004).

Então, esta certeza já temos de que o amor e a morte ainda são imprescindíveis às relações humanas estabelecendo um princípio de regularidade no mundo, frente à sua condição de (im)previsibilidade. Por isso, evoco a possibilidade de aprendizado, sobretudo de um lampejo de sabedoria que se possa apreender a este respeito.

Neste sentido o estudo da conjugalidade implica investigar e refletir sobre as regras que estão estruturando o campo da relação conjugal, tido neste estudo como relações amorosas, na atualidade. Este tema, o amor conjugal, admite mais que quaisquer outros esse tipo de devaneio, querer saber sobre o amor, já que as coisas mais importantes sempre continuam por dizer.

O interesse por esta temática se deu frente à banalização do amor na cultura contemporânea os *fast loves* e também nos *casamentos relâmpagos*, expressos tanto na dificuldade de estabelecer vínculo amoroso como na permanência do mesmo. Culminando numa desafetação, um anestesiamiento de si e com o outro, nas relações. O amor seria mais um produto a ser consumido em larga escala?

Verifica-se como vantagem e ao mesmo tempo como uma queixa das pessoas um apaixonar-se e desapaixonar-se de modo muito fácil nos dias de hoje. Teríamos pessoas particularmente propensas ao amor ou vulneráveis a ele?

Neste cenário presenciamos relações em série ou como nos diz Bauman (2004), relações em “rede”, as quais podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade. Ainda que haja intenção de fidelidade mútua, a lei que o sujeito cria, diante do amor idealizado, *amores fantásticos*, tende a ser facilmente transgredida, devido a uma compulsão a apaixonar-se e a impossibilidade de se manter este estado indefinidamente, tomando-se um único objeto como alvo. “Os objetos amorosos podem substituir uns aos outros tão amiúde, que se forma uma extensa série dos mesmos” (Freud, 1910, p.151).

Para Bauman (2004) o que houve foi uma súbita abundância e a evidente disponibilidade das experiências amorosas alimentando a convicção de que amar é mais uma habilidade que se pode adquirir, onde seu domínio e habilidade aumentam com a prática e assiduidade do exercício.

Há uma crença de que tal habilidade será adquirida com o acúmulo de experiências. Uma ilusão de um conhecimento que se amplia juntamente com a série de eventos amorosos. Um amor tido como episódios intensos, curtos e impactantes, desencadeados pela consciência a priori de sua própria fragilidade e curta duração. Sujeitos compulsivos, habilidosos em terminar rapidamente e começar do início, tentativas sucessivas, desconectadas.

Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. (...) tornam impuras as relações humanas – como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido. (Bauman, 2004, p.65).

Associado a este processo verifica-se um outro de purificação do sexo, permitindo que a prática sexual seja adaptada a estes mesmos padrões de consumo, tendo-se em vista uma

espécie de garantia de reembolso. Assim os parceiros do encontro puramente sexual podem se sentir seguros, conscientes de que a inexistência de restrições compensa a perturbadora fragilidade de seu engajamento.

Um *homo sexualis* desejoso de que o sexo seja seguro, não só de infecções, mas também de afetações, utilizando-o como um meio para um fim ou um ato independente. Segundo Bauman (2004, p.20.) seria um impotente amoroso: “a compulsão a experimentar, por adquirir tais habilidades acaba por frustrar seu propósito, tendendo a ser um desaprendizado do amor uma ‘exercitada incapacidade para amar’”.

Assim, o desejo está cumprindo seu propósito, consumir, aniquilar com a alteridade, que o irrita por sua obstinada e evasiva diferença caminhando constrangido e desconfortável na direção do compromisso amoroso. Oferta-se a promessa de aprender a arte de amar a semelhança de outras mercadorias, com sedução, prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor, resultados sem esforço e conseqüentemente amor sem dor.

Um outro elemento, apontado por Bauman (2004), é o da instabilidade, não há uma sustentação da distinção entre o regular e o contingente. Há um conjunto de regras variáveis que se modificam constantemente.

A idéia de um único amor, “cara metade”, “até que a morte nos separe”, foi deixada para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraia seu vigor e valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de amor (Bauman , 2004, p.19).

Numa perspectiva diferente da descrita anteriormente Lipovetsky (2004) nos diz que não é preciso ensombrear o quadro, pois acredita que escapam ao mundo do consumo alguns valores, dentre eles o relacional:

O amor - eis outro domínio que escapa à esfera do lucro, do ganho, assim como, de modo mais geral, todos os valores relacionais que, em grande parte, constituem a riqueza de nossa vida privada. (...). O reino do dinheiro não é coveiro da afetividade; ao contrário, é ele que dá a essa última toda a sua legitimidade, como se sentíssemos ser necessário recuperar alguma inocência num mundo cada vez mais regido pela eficiência e pela racionalidade (Lipovetsky, 2004, p.36).

Poderíamos então, dizer que as formas alternativas ao casamento tradicional, uma diversidade de arranjos conjugais: uniões consensuais, casamentos sem filhos, relações estáveis sem coabitação, uniões e casamentos homossexuais, recasamentos e uniões em série, dentre outros, seriam o reflexo destas experimentações ou diferenciais desta lógica?

No entanto não podemos negar que a relação amorosa vem sendo desmobilizada ou banalizada. O que podemos perceber no adiamento frente à recusa em vivenciar esta relação, como também no seu término, uniões de curta duração, cada vez em períodos de tempo mais curtos.

A potência do amor, sua viabilidade, não estaria vinculada à lógica do tempo lógico, não ficarei presa a este tempo, mas também não o desconsiderarei. Haveria um meio tempo entre a eternidade romântica e a ditadura do presente, o instante(â)neo da atualidade?

A questão não é propor um único e verdadeiro amor e tão pouco um modo que faça com que as pessoas fiquem juntas como condição para a continuidade da relação, uma apologia à durabilidade, mas se está sendo possível conjugar, dentro desta nova lógica vincular, algo que propicie transformação na relação, produção de novos sentidos.

Assim, a questão neste estudo está na temporalidade do encontro e do desencontro no exercício da conjugalidade, na possibilidade de constituição de algo distinto de sua origem, a diferença, fruto da intersubjetividade.

Pode ser amor num lampejo, amor à primeira vista; mas o tempo, longo ou curto, deve transcorrer entre a pergunta e a resposta, a proposta e sua aceitação (...). Fazer a pergunta, esperar a resposta, ser indagado, esforçar-se para responder - isso é que faz a diferença.
(Bauman, 2004, p.34).

Digo das possibilidades frente ao desconhecido, o amor. Uma possibilidade de colocar a relação em questão, um descentramento do eu e do tu, do nós, do Campo. Um duplo compromisso de estar em relação.

Assim o objetivo desta pesquisa é investigar o Campo da conjugalidade hoje, refletindo sobre sua condição de diferenciação, criação de novos sentidos no modo de conjugar e constituir a realidade nas relações conjugais, ou seja, da condição de repeti-la ou re-inventá-la frente a todas estas características já apontadas na atualidade. É refletir sobre a relação conjugal a partir das regras que estão sendo construídas, operadas, neste campo, tendo em vista a singularidade de cada campo e as interseções entre eles, o compartilhado neste Campo Conjugal ou Psique Conjugal.

Portanto, este estudo visa a possibilidade de cada um criar sua própria estética da existência, buscando ampliar a própria criatividade e o direito de experimentar novos estilos de ser, implicando na sua diferenciação no/do social, na medida em que para a liberdade experimentadora do sujeito existirá sempre o limite ético da dor e do sofrimento do outro, e por isso aponta para uma alteridade manifesta.

O que sabemos, o que desejamos saber, o que lutamos para saber, o que devemos tentar saber sobre amor ou rejeição, estar só ou

acompanhado e morrer acompanhado ou só – será que tudo isso poderia ser alinhado, ordenado, adequado aos padrões de coerência – talvez sim – quer dizer na infinitude do tempo. (Bauman, 2004, p.16).

Talvez não seja possível saber sobre o amor, mas poderíamos exercitá-lo, não ao modo do consumo, da testagem. O exercício do amor supõe a descoberta do outro, por isso envolve respeito, não no sentido moralista que rotineiramente se dá a esse conceito, temor resultante da autoridade imposta, mas como *Respicere*, em latim, significa “olhar para”, ou seja, capacidade de ver uma pessoa como tal, reconhecendo sua individualidade singular. (Bauman, 2004)

Amar é querer “gerar e procriar”, e assim o amante “busca e se ocupa em encontrar a coisa bela na qual possa gerar”(...) não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese dessas coisas. O amor é afim à transcendência; não é senão outro nome para o impulso criativo e como tal carregado de riscos, pois o fim de uma criação nunca é certo. (Bauman, 2004, p.21).

Onde há dois não há certeza, um mais um é sempre mais que dois. Ser duplo significa consentir em indeterminar o futuro na possibilidade de talvez constituir um saber de dois, frente ao inesperado da espera e não por meio de uma procura. É neste impasse que falarei de conjugações possíveis na conjugalidade. Para tanto lhes apresentarei no capítulo seguinte o caminho das pedras percorrido nesta investigação. As teorias psicanalíticas, em especial a Teoria dos Campos, instruíram meu caminho e o método interpretativo foi o que me levou e também me deixou, me atordoou e confundiu, enfim apoderou-se de meu trajeto e inscreveu-se na minha pesquisa, no meu texto e contexto.

3 - CAMINHANDO SE FAZ... CAMINHO.

*Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais, feliz quem sabe
Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei
Eu nada sei.*

Almir Sater e Renato Teixeira

No contexto desta pesquisa utilizei do método psicanalítico por ruptura de campo como instrumento de investigação da psique, tendo em vista a Psicanálise enquanto uma ciência geral desta. Nesta, o método significa *caminho para um fim*, com interesse tanto para o resultado, como para a forma de construção do conhecimento (Herrmann, 2001).

Neste campo de conhecimento, o homem psicanalítico não é apenas nosso objeto, mas também o sujeito do conhecimento, assim como quem o opera, portanto estamos juntos nesta empreitada de descobrir e produzir os sentidos humanos. “Podemos estar descobrindo certas coisas no homem, que na verdade são propriedades do método e que só aparecem no homem (ou mundo humano) em condição de análise” (Herrmann, 2001, p.12).

Portanto, o conhecimento que advém deste método, acontece no próprio movimento de constituição da trajetória, na forma de construção deste conhecimento. Então, “difícil dizer o que será para aquilo que se faz indo.” (Romera, 2004, p.09). Tal processo diz de uma construção impensável a priori, pois é precipitada no fluxo do desejo de prosseguir, uma espécie de transgressão metodológica, uma vez que o caminho não foi predeterminado, mas reconhecida pelo paradigma emergente das ciências pós-modernas (Santos, 1989).

Assim se deu a produção de conhecimento no campo do conjugal nesta pesquisa empírica em psicanálise, onde o método ultrapassou a técnica e o conhecimento psicanalítico pôde ser construído nos espaços cotidianos, no mundo. Para melhor apreendê-lo lhes convido a percorrer alguns passos traçados nesta caminhada, configurados a posteriori quando me propus a rever minha trajetória.

Ao retomar o projeto inicial da pesquisa reconheci um intento muito pretensioso, ou seja, fazer uma vinculação entre o conjugal e o parental que, como se não bastasse, apontava como perspectiva repensar a família no seu processo de reconstituição. Estava centralizando na estrutura e processualidade conjugal os destinos do familiar.

Mantive esta proposta até a qualificação, que começou a oscilar quando precisei definir com qual amostra iria **coletar os dados**. Inicialmente cogitei via consultório, as crianças que atendia para assim chegar no casal conjugal via casal parental, mas esta idéia por sua complexidade ou ingenuidade não se sustentou.

Logo em seguida pensei em percorrer os caminhos do instituído formalmente, através da vara de família: divórcios consensuais como através dos grupos de diálogos conjugais desenvolvidos pela Igreja Católica, mas para quê tanta formalidade! Então fui para o mais à mão, e criei uma demanda de atendimento de psicoterapia do casal na clínica escola da Universidade Federal de Uberlândia no qual desenvolvi o processo de investigação na clínica padrão com 3 casais. Estava norteadada por um pensamento bem metodológico padrão, ***estava operando no campo do familiar, tentando conjugar com o familiar.***

Neste momento da pesquisa as questões que lhe estruturava estavam direcionadas para a hipótese de um inconsciente compartilhado, um ***em comum*** que daria sustentação ao campo e por isso sua continuidade. O tempo de ***Cronos*** reinava nesta perspectiva e de certa forma uma moralidade a respeito do bem e do mal, sobre a durabilidade, uma condição de poucos, uma vez que ela está em questão nos dias de hoje. Considerei, por algum tempo, a questão: ***o que faz um casal permanecer junto?***

Quando propus a ***clínica do casal*** já havia aí a idéia de campo-relação incluindo-me neste. Estabeleci tempo para a psicoterapia e número de sessões. Não visava intervenções mas não deixava de ter implícita a perspectiva de cura enquanto, trânsito pela multiplicidade

de sentidos e a reconciliação com o desejo absurdo, ao estilo de pequenas rupturas de campo como propõe Herrmann (2001).

Porém durante este tempo, 6 meses, fui me vendo transitando fora da clínica padrão, um movimento que já vinha exercitando muito antes da pesquisa. Fui me estranhando e me vi impactada com aquilo a que me propunha **reconhecer**: o método, a questão da repetição e da transformação, mas não àquele estilo, frente ao que me propunha estudar naquele momento. Na tentativa de perceber o que conjugavam, o em comum na relação, me percebi num lugar comum, aprisionada pela demanda que havia ofertado, a repetição do modelo clínico padrão como do discurso conjugal padrão organizado pela herança heterossexual reprodutiva.

Neste movimento os próprios casais imersos nas exigências da modernidade assim como eu, não conseguíamos muitas vezes acertar o passo nesta caminhada, pois demandávamos tempos diferentes para os encontros. Assim também a clínica escola não dispunha de tempo necessário de funcionamento para os horários que os trios dispunham. Então tive que literalmente conduzir a pesquisa para fora da Clínica escola, passei a atendê-los no consultório, no tempo que dispúnhamos em comum. Aí começava minha **abertura para outras visões** no caminho.

Ao apresentar este traçado como pré-requisito de uma disciplina, acabo por deixar escapar que o filho configura a conjugalidade. Cria-se um clima, e uma professora me questiona sobre casais que não têm filhos e se dispõe a ser sujeito da minha pesquisa. Surpresa naquele momento... senti-me autorizada a transgredir com o método e percebi que estava amarrada por uma idéia metodológica e conceitual padrão. Nesta época descobri também que conjugalidade não era uma questão de dois, mas de uma capacidade de criar elos de ligação frente ao campo da afetividade e da sexualidade, dizia da intimidade e que portanto não necessitaria de ouvir o casal conjugal juntos, mas que qualquer pessoa poderia

ser sujeito da pesquisa desde que fizesse *inserção no campo do conjugal*. Assim abri os olhos para a diversidade conjugal.

A partir de então comecei a estabelecer também o que chamei de *conversações clínicas*, rotineiramente chamadas de “*conversas informais*” frente uma escuta diferenciada. Estas poderiam se dar no consultório com pacientes em atendimento individual, na sala de aula, na rua, numa festa e assim se deram, desde que implicadas no campo da pesquisa.

Fui para a qualificação com duas vertentes: a clínica do casal e as conversações clínicas, narrativas totalmente opostas, uma compacta e estruturada representativa de uma estrutura conjugal clássica e outras fragmentadas, de alguns sujeitos modernos a negar e subverter a ordem conjugal já instituída e assim reafirmando-a. Nesta ocasião apresentei um atendimento clínico, voltado para a questão da ausência do desejo na relação, morte e vida não estavam sendo conjugadas, com destaque num *renascimento* da relação que resgata a possibilidade de potência deste casal. Apresentei também a lógica consumo sedução, descrita por Lipovetsky (2004), na relação das *baladeiras com os homens fumaça*, digo de uma alteridade não expressa e tão pouco expressiva na concepção do conjugal na atualidade.

A banca da qualificação me coloca em *vórtice*, rompe com a vinculação que queria fazer entre casal e família, declara que são campos que se entrecruzam, mas são distintos e que haveria de fazer uma escolha, separação para o momento da pesquisa. Outra questão estaria centrada nesta suposta diversidade conjugal, este novo seria representante do diferente ou uma diferença camuflada do idêntico, da repetição?

Inicia-se logo em seguida um outro movimento na pesquisa. Teria que decidir também entre uma coisa ou outra não daria mais para “escolher tudo”, percebi-me imersa no pensamento radical da inclusão, da diversidade e também da onipotência, ou seria da impotência! Estava oscilando entre o padrão e a fragmentação, entre a clínica do casal e a não expressão do pensamento, o ato puro, ambos representantes da psique do real no campo do

conjugal. Mas não era uma coisa nem outra que eu desejava pesquisar, então no meio do caminho entre um caminho e outro vislumbrei um *terceiro caminho* que se revelou: iria pesquisar o que é tido na *Crença*⁷ representacional do cotidiano como diversidade conjugal ou novas configurações conjugais⁸, para assim verificar a sua originalidade, no sentido de haver novos sentidos sendo produzidos no processo de conjugar na atualidade e assim refletir sobre este novo.

Este novo se daria na produção de um terceiro campo, distinto do entrelaçamento dos campos que o precederam, configurando-se em algo diferente do que era: um filho; um projeto; uma fantasia; um sentimento; uma idéia; uma dúvida, e até mesmo uma nova certeza. Seria um novo caminho a caminhar.

Já havia concluído que há o inconsciente compartilhado ou recíproco em toda relação, seja ele estruturado por regras transitivas ou intransitivas, assim como os verbos. O foco da pesquisa é deslocado do *em comum* para a *diferença* enquanto condição de sustentabilidade da relação, ou seja, a possibilidade de produção de sentidos no campo, deixando de ser o tempo cronológico o ideal para representar a viabilidade de uma relação amorosa, mas sim sua condição de transformação, o tempo de *Kairos*. Faço uma adesão ao ideal moderno “que seja eterno enquanto dure” e tomara que dure para sempre... que houver desejos sendo operados.

A questão passa a ser, para esta pesquisa: será que o que é tido como novo, novas configurações conjugais, apresentam a possibilidade de um jogo disposicional diferenciado no campo conjugal destes casais?

⁷ Função psíquica pré-consciente que mantém as representações vigentes para o sujeito, dando credibilidade ao vasto panorama que fazemos do mundo e de nós mesmos (Herrmann, 1997)

⁸ Estarei chamando de novas, aquelas tidas pelo pensamento cotidiano como diferentes das organizadas pela tradição da aliança heterossexual reprodutiva, norteadas pela família nuclear.

Iniciei um novo processo de divulgação da pesquisa. O pesquisador tem que ir aonde o conhecimento possa estar, no senso comum e no *non sense* da opinião. Acreditei num primeiro momento que seria fácil encontrar os sujeitos das *entre-vistas*, ingenuidade a minha!

Divulguei pela internet, repliquei para todos os meus conhecidos a proposta da pesquisa e dispus a quem se interessasse, aguardei e criei muitas expectativas, dentre elas que teria demanda. Que nada! Duas pessoas me retornaram, uma aceitou participar e a outra disse não conhecer ninguém dentro do recorte definido: casais em uniões consensuais, sem coabitação, sem filhos, homossexuais, separados e recasados em união estável, podendo tais condições estarem conjugadas.

Passei, então, para um processo de boca a boca, olho no olho, ao propor a pesquisa nos lugares que circulava: entre amigos; entre profissionais da área de saúde pública e privada e solicitava que divulgassem para mim a pesquisa a quem achassem de interesse, solicitando que os sujeitos entrassem em contato.

Neste momento vivenciei, o deixar que surja e tomar em consideração. Nesta espera foram surgindo lentamente os sujeitos, que apareciam como possibilidade e logo desapareciam. Neste movimento de parada ou de caminhada a passos lentos pude ir reorganizando meu pensamento e entre-vistando o que surgia.

Fui apreciando os pequenos resultados das conjugações no campo das *entre-vistas*, pude descobrir e produzir novos olhares. Segundo Herrmann (1992) a cada encontro significativo em que o homem seja escutado plenamente e em que o cruzamento dos olhares permita um reconhecimento recíproco esta aí a expressão natural da função terapêutica.

Neste caminhar minha questão foi a de fazer escolhas. Imersa, também, na lógica do consumo sedução na pesquisa acadêmica como na vida, fui *construindo vários dados* e não conseguia conjugar ponto e vírgula, fala pensamento e escrita. Fui tomada por uma avalanche de sentidos, me perdi no hipertexto e me vi sem contexto, os quais nesta trajetória fui

denominando de *escuta itinerante; clínica do casal; conversações clínicas e por fim entre-vistas*.

Frente a tanto material entrei em *expectativa de trânsito*⁹, mas consegui com muito trabalho de parto, parir uma parada, fiz a escolha pelas entre-vistas, por reconhecer nelas uma condensação de todo o material construído, após ter percorrido todos os outros processos anteriormente, sendo conduzida, por rupturas neste campo, a esta escolha *há* final.

Entendo, agora, que o tempo de parada, está para o fluxo contínuo como ato que leva à reformulação, à elaboração. É preciso essa atuação para que se desdobre num tempo que é duração, do raciocínio necessário para compreender o momento de concluir (Marçola, 2006).

Este processo de ver, em entre-vistas¹⁰, ao olhar o material a *posteriori* foi realizado entre-vistas minhas e de minha orientadora, um olhar multiplicado, na tentativa de desfocar a visão da relação e entre-ver-se (n)o campo.

Assim, as entre-vistas denominas por mim, foram micro análises de superfície que puderam abrir perspectivas, dentre elas, ir além do manuseio do enquadre padrão, da clínica padrão e do saber sobre a conjugalidade a partir do não saber. Produção a partir da clínica enquanto um ponto de vista, um lugar de onde se olha o mundo, o homem e sua psique. Uma *Clínica* para além do rigor técnico e da concepção de tempo de análise, tido tradicionalmente como o tempo longo.

Proponho um tempo médio e curto para análise, não no sentido do tempo cronológico, mas no da vivência de um possível, caso ocorra, um relativo abalo identitário, promovido

⁹ Momento de irrepresentabilidade, trânsito por uma terra de ninguém, sensação desconfortável. (Herrmann, 1992).

¹⁰ Elas serão apresentadas na ordem que foram feitas , segundo o critério de disponibilidade dos entrevistados de estarem em entre-vista para a pesquisa, Serão elas: casamento e *separação*; casamento e *recasamento*; casamento *sem filhos*; união consensual homossexual; casamento sem coabitação.

pelo campo transferencial, existente em toda relação. Isso não tem tempo pré-determinado para acontecer, podendo dar-se a qualquer instante e em qualquer um dos sujeitos do campo.

Enquanto micro perspectivas de superfície, pretendo através do consenso apreender o *non sense*. Portanto serão considerados como analisadores a concepção de ***Campo*** da Teoria dos Campos e conseqüentemente a de ***Paradoxo/absurdo*** para apreender os sentidos que sustentam o campo-relação da conjugalidade hoje.

Para percorrer este caminho fui traçando alguns aspectos teóricos relevantes para compreender e sustentar o momento de chegada, de concluir, para a apreensão e análise do que foi entre-visto. Porém todo o caminhar teórico já conteve, paradas, ***análises da clínica na cultura*** da conjugalidade.

No Capítulo 4 apresento-lhes ***conjugalidade(s)*** possíveis, tendo em vista a concepção de desejo para Teoria dos Campos. Falo de uma concepção de alteridade, enquanto o estranho que pode ser compartilhado num campo, que pode articular elementos até então tidos como distintos e incompatíveis. Proponho uma conjugalidade entre concepções de intersubjetividade. Em seguida uma conjugalidade entre complementaridade e suplementaridade a partir do paradoxal contido em qualquer relação conjugal. E por último uma conjugalidade já proposta por Herrmann (2001) entre Campo-Relação, entre consciente inconsciente, realidade e real, através de uma ***Dupla face***, método e absurdo.

Já no Capítulo 5 faço uma descrição de três rupturas no Campo Sócio-histórico da conjugalidade, tidos como o ***tempo longo*** das narrativas históricas. Transformações ocorridas na conjugalidade, a partir da descentralização do casamento e da abertura a uma pluralidade sexual na Modernidade, decorrente da crise do amor Romântico. Falo também da feminilidade que influenciou os processos de subjetivação do feminino e do masculino, pondo em crise as relações de gênero. Em seguida discuto a questão da vincularidade hoje frente às transformações ocorridas nos processos de subjetivação, advindos de uma lógica de

concepção norteada pelo *Regime do atentado e da farsa* representativa da Globalização e de uma Hipermmodernidade circunscrevendo uma nova cartografia da psique social e consequentemente da psique conjugal.

Em seguida, no Capítulo 6, estarei apreendendo cinco entre-vistas descritas e analisadas segundo o foco da Teoria dos Campos e do método psicanalítico por ruptura de campo. Primeiramente neste Capítulo delimitarei as *interseções* em cada relação conjugal, as especificidades de cada uma delas a partir das regras de sustentação de cada formação vincular que estruturam o campo daquela relação. Denominei do *em comum* no campo-relação, uma especificidade de sentidos para cada união.

Tive como foco também as *confluências*, tidas como aberturas de um em relação ao outro, ou somente aberturas no campo, apontamentos de possibilidades distintas do já estruturado e conjugado em comum. Os sentidos possíveis na relação; tido neste foco como o diferente do jogo disposicional em comum, denominado como *entre*. O paradoxo/absurdo enquanto uma fresta um *non sense* do desejo, suas possibilidades.

Estes dois recortes acima delimitados, dizem dos pressupostos de análise que elegi neste estudo, a partir dos referenciais teóricos já apresentados nos Capítulos anteriores, são eles: Há um campo que estrutura o funcionamento da relação conjugal; existem regras de sustentação de cada formação vincular; existe uma especificidade de sentidos para aquela união e a relação conjugal sustenta e é sustentada por uma condição paradoxal.

Finalmente no Capítulo 7 tentei fazer um desdobramento de uma entre-vista sobre a outra num movimento de convergir os sentidos compartilhados, em comum, as interseções entre as cinco narrativas, *faço uma análise da cultura na clínica*, ou seja, os sentidos compartilhados no Campo Conjugal hoje. Portanto pretendo apreender qual a relação conjugal que este campo vem produzindo.

Para continuarmos nesta caminhada, irei a seguir apresentando-lhes as minhas construções teóricas que deram sustentação ao método construído nos encontros e desencontros com a conjugalidade.

4- CONJUGALIDADE (S)

Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.
Ítalo Calvino.

4.1 - O Outro: Psicanálise-alteridade

Fundamentando-se na lógica interna da teoria psicanalítica, podemos dizer que o sentido da vida está submetido ao princípio do prazer, porém a perspectiva trágica que permeia o pensamento freudiano coloca-se quanto à não possibilidade de efetivação do mesmo. Podemos verificar com isto que a vivência do prazer só é possível em contraposição ao sofrimento.

Para nosso desencanto a felicidade é repentina e o sofrimento é mais comum. Para Freud (1930) a maior fonte de sofrimento são nossos relacionamentos. O outro se apresenta como o inferno corporificado, mas sem o encontro com ele não haveria mundo humano. A constituição da esfera psíquica depende do encontro com a alteridade, encontro este sempre traumático.

Apesar da obra de Freud ter sido norteadada pelo pensamento de uma época, afirmação da lógica identitária, da primazia do eu, do idêntico, percebe-se também implicitamente uma dispersão, ruptura, quando propõe um sujeito dividido, descentrado, aquele que esta além de toda fronteira: o inconsciente.

Neste sentido a temática da diferença, da alteridade está presente em seu estatuto originário, o inconsciente, tomado como objeto, por excelência da Psicanálise. Este fundamento encontra-se presente frente à ambigüidade da obra de Freud com a tradição

judaica (Moreira, 2003), condição até então implícita de estrangeiridade¹¹, de sustentação desta alteridade e diferença.

O deslocamento desta problemática desvela dimensões alteritárias subjacentes à constituição das subjetividades, como também, no interior da reflexão sobre a cultura, pois aponta o seu conflito entre duas fortes tradições, a greco-romana e a judaica.

Assim a alteridade estaria reconhecida como elemento constitutivo das subjetividades singulares. Com isto instaura-se conjuntamente a questão da intersubjetividade: como estabelecer pontes entre pólos eu-outro, como conceber a união destes pólos, no qual antes se reconhecia a separação, através do cogito cartesiano?

Surge aí uma oposição à grande parte da tradição filosófica moderna, que concebe o eu como uma unidade auto constituída, independente da existência de um outro e de outros singulares e diferenciados.

Nesta perspectiva, Figueiredo e Júnior (2004), apresentam algumas dimensões da intersubjetividade, dentre as quais focalizarei primeiramente a da intersubjetividade traumática, orientada pelo pensamento de Lévinas¹²:

¹¹ A ausência de uma pátria coloca o povo judeu na situação de nômade e, por consequência, de permanente estrangeiridade. O princípio do judaísmo é o da estrangeiridade, do diferente, daquilo que escapa. A tradição judaica evoca o tema da alteridade, revela que a identidade do Judeu consigo mesmo talvez não exista. Em Moisés e o Monoteísmo esta temática fica evidente na concepção freudiana (Moreira, 2003).

¹² A aproximação do pensamento filosófico de Lévinas se dá a partir de uma perspectiva de estranheza e familiaridade com o pensamento freudiano, isto é, o horizonte da alteridade. Acredita-se que a mais relevante discussão levinosiana sobre a problemática da alteridade esteja na reflexão de inspiração bíblica sobre Deus enquanto figura negativa, de uma “Alteridade Radical”, absolutamente transcendental que por princípio não poderíamos defini-la. Assim o pensamento levinosiano também recebeu forte influência judaica assim como o de Freud (Moreira, 2003).

(...) Uma relação intersubjetiva para Lévinas (1974), implica, necessariamente, em um certo deslocamento, em uma certa cisão ou modificação na experiência subjetiva, seja em sua constituição primeira, seja em subjetividades já constituídas, mas em processo de reconstituição [...] em cada processo de subjetivação a experiência inalienável de uma *passividade radical*, que seria a condição subjetivante básica (Levina, 1974 citado por Figueiredo & Júnior, 2004, p.20).

Figueiredo (2003), ao falar do projeto ordenador da Modernidade, a oposição entre atividade (sujeito) e passividade (objeto) nos fala de uma brutal inversão ao reconhecer no traumático a figura exemplar da paixão.

O sujeito é repentinamente apassivado pelo impacto de um objeto cujo dinamismo excede em muito sua capacidade de enfrentamento e domínio (prático ou simbólico); no trauma, a vontade do sujeito é submetida à sua sensibilidade, aos seus afetos; se a linguagem dos afetos padece sempre da equivocidade, para se falar do trauma não há, rigorosamente, linguagem alguma disponível (Figueiredo, 2003, p.15).

Forma de subjetivação que reconhece a alteridade, que foge da adequação, adaptação entre eu e outro, algo do outro excede sempre a mim, tornando-se traumática. Trauma e excesso que exigem trabalho/dor por parte do sujeito diante daquilo que a princípio tende-se a excluir, mas que justamente é o que difere e transforma. Produz fraturas e exige trabalho frente à inadequação entre eu e o outro. Concebe a experiência subjetiva como abertura permanente e inevitável ao outro, em sua alteridade e que sempre ultrapassará a capacidade

de recepção, mas que por expressão do sofrimento exigirá sempre, alguma resposta. (Figueiredo & Júnior, 2004).

Esta experiência traumática abre caminho para a compreensão da origem de angústias de separação e individuação, expressas na convivência subjetiva com a alteridade na experiência de perda, do abandono e da castração.

De certa forma, para Figueiredo e Júnior (2004), este tipo de experiência do outro é o contraponto necessário à experiência trans-subjetiva para que de fato se constitua um campo de intersubjetividade.

Essa primeira matriz intersubjetiva procura referir-se ao campo de uma realidade primordial e “materna”, concebida como continente, e em certa medida como um “continente engolfante” (anterior à separação entre externo e interno) com relação à experiência subjetiva. É a experiência de um solo de acolhimento e sustentação, em que a alteridade emerge como constitutiva das experiências subjetivas, mas não por oposição e confronto, e sim por seu caráter de inclusão, primordial, uma modalidade pré-subjetiva de existência (Figueiredo & Júnior, 2004, p.19).

Seria devido a isto que a Intersubjetividade Trans-subjetiva¹³ se daria como modalidade pré-subjetiva de existência, indiferenciação original, onde a intersubjetividade passa a ser vista como um falso problema, pois nela não se coloca a questão se é possível

¹³ Seus expoentes filosóficos são Scheler, Heidegger e Merleau Ponty. Fizeram da filosofia fenomenológica uma referência central para se estudar a intersubjetividade em suas diversas dimensões. Levaram mais adiante algumas intuições husselianas.

conhecer um outro. Situa-se neste nível um campo primordial da experiência da expressividade e da intuição.

Assim a idéia de alteridade, pode ser tomada como um modo fundamental de ser da realidade como também uma dimensão necessária para que possamos compreendê-la. Demarca, assim, um campo discursivo, de um saber que se diferencia e se relaciona.

Neste contexto surge dentro da Psicanálise uma perspectiva vincular, que trata da inserção em diferentes mundos, nos quais simultaneamente vivemos: o mundo espaço intrasubjetivo no qual nos relacionamos com nossos objetos internos; o mundo espaço intersubjetivo no qual a presença do outro é inexorável e condiciona, inevitavelmente, a percepção da própria existência que se constitui precisamente nesta relação, obtendo assim a forma de ser sujeito; e finalmente o mundo espaço trans-subjetivo, o sócio-cultural que nos marca, que nos atravessa.

Dentro destas três modalidades de intersubjetividade o vínculo conjugal passou a ser pensado e investigado, os intercâmbios psíquicos, afetivo e sexuais passam a ser organizados na sua expressão dos aspectos formais e não formais pelas estruturas do que se poderá chamar de psiquismo conjugal.

O texto acima fala da multiplicidade dos objetos-causa do desejo inconsciente, que, embora finitos, apontam, na sua diversidade, para múltiplas configurações da alteridade dos sujeitos. Esta figura alteritária, o inconsciente, impõe a concepção de um Outro como um complexo sêmico, com múltiplas derivações semânticas e por isso passa a ser uma questão não só da Psicanálise, mas também da Fenomenologia.

Portanto, com estas perspectivas de intersubjetividades voltadas para a apreensão do psiquismo conjugal, com foco na relação, a Psicanálise se expandiu, havendo uma ruptura no seu campo de saber, tornando-se mais flexível ao aceitar o desafio das novas demandas psíquicas e também das novas concepções de realidade. Houve assim um processo alteritário

dentro do seu próprio corpo de saber, uma vez que se abre para articulações possíveis, as quais serão apresentadas no tópico seguinte.

4.2 - O nós: articulações teóricas possíveis.

O pensamento clínico hoje, da clínica do casal apresenta um leque de referenciais teóricos que sustentam a compreensão de tal dinâmica e são vários os modelos construídos para dar conta das diversas dimensões psíquicas inconscientes que nela se entrecruzam. De modo que esses modelos podem ser criados em torno de diferentes eixos.

É justamente esta idéia de possibilidades que venho valorizar neste estudo, não tendo como objetivo primeiro apropriar-me de uma em específico e apresentá-la.

Na concepção da análise da díade conjugal uma corrente teórica estaria centrada na noção de relação de objeto, resultando numa concepção psicodinâmica de decantação de uma rede de identificações projetivas cruzadas, determinada pelo mundo intrapsíquico individual e infantil dos envolvidos, na qual o outro funcionaria como objeto intra-subjetivo, ou seja, como representação do desejo e fantasias unilaterais do sujeito, enquanto regras fixas e estabelecidas que vão se organizando e reorganizando (Maldavsky, 1993).

Nesta concepção o casal é uma estrutura aparentemente diádica, embora seja construída por dois corpos, pesam em sua relação muitos outros elementos fantasiados ou reais, tais como um dos pais de um ou outro parceiro, ou a própria relação de casal, ou ainda a dinâmica parental de origem presente na nova relação (Andolfi, Ângelo & Saccu, 1987).

O outro é tido, neste cenário, como uma possibilidade de externalização dos conflitos intrapsíquicos e a união como forma de livrar-se dos mesmos ou de conscientizar-se deles. Há um reforço narcísico que cada um dos parceiros proporciona ao outro de natureza transformadora na utilização recíproca da relação objetal, inclusive como modalidade

defensiva contra as pulsões pré-genitais insuficientemente controladas na distribuição dos papéis e funções.

Fundamenta-se nas necessidades complementares entre características femininas e masculinas: identidade de gênero, as diferentes passagens e resoluções edípicas, bissexualidade identificatória e biológica, etc. Esta complementaridade leva a uma escolha objetal e possibilita a união da satisfação afetiva e sexual.

Nesta compreensão o mecanismo de base do funcionamento do casal é a colusão. Na colusão os cônjuges se unem por supostos comuns, quase sempre inconscientes, e com a expectativa de que o parceiro o liberte de seu conflito. Ela seria uma matriz interacional, que organiza a vida amorosa do casal num jogo colusivo havendo trocas de extratos, facetas de uma mesma temática em comum, que se arranja de forma complementar (Willi, 1975).

Freud (1930) aponta para uma espécie de conveniência inconsciente, cuja essência é caracterizada pela recíproca atribuição de sentimentos compartilhados em nível inconscientes, nos quais cada um aceita desenvolver somente partes de si, conforme as necessidades do outro, renunciando a desenvolver outras partes que projeta no companheiro.

Dicks (1967) afirma, ainda, que os mecanismos em que se fundamenta a colusão são, justamente, aqueles assinalados por Klein (1946 citado por Dicks, 1967): a idealização, a cisão e a identificação projetiva, que são mecanismos de funcionamento relacional úteis à vida e à manutenção da colusão.

A identificação projetiva, recíproca e complementar, promove o intercâmbio de sentimentos, emoções e partes pessoais com o outro, podendo vir a externalizar partes de si, útil para reconhecer os objetos como para procurar outros podendo estabelecer vínculos essenciais.

É múltipla a utilidade desse mecanismo na dinâmica de casal: em primeiro lugar permite comunicar, mas também controlar e atacar, no

outro partes removidas ou cindidas de si, mas proporciona também, num sentido positivo, seu desenvolvimento e sua atuação na realidade, como, por exemplo, com a masculinidade e feminilidade (Nicolló, 1995, p.78-79).

Segundo Dicks (1967), cria-se uma personalidade conjunta e integrada, que permite a cada unidade que redescubra aspectos perdidos das relações objetais primárias, cindidas ou removidas, que são experimentadas na relação com o cônjuge mediante a identificação projetiva.

Outro componente essencial na formação do casal é a regressão, na qual, volta a se colocar a reprodução de modalidades de funcionamento psíquico que haviam sido abandonadas ou modificadas. Em sua intimidade corpórea e emotiva, o relacionamento do casal, facilita, promove e mobiliza o desenvolvimento de tal mecanismo (Nicolló, 1995).

Realiza-se uma regressão a serviço do eu, instaurando, assim, o que Freud (1929) chamava de estado de “um amor feliz real”, que corresponde à condição primária, na qual não se podem distinguir a libido objetal e a libido do ego. Mecanismo presente e útil desde que permita a capacidade oposta, se diferenciar do outro.

A influência e importância da idealização e suas vicissitudes também fazem parte na constituição como na continuidade da vida do casal, fortalecendo o narcisismo normal e a capacidade de amor objetal. E em situações normais sedem espaço a uma oportuna desilusão, pois manterá o investimento recíproco, embora deixando um espaço oportuno para o exame da realidade (Nicolló, 1995).

Seria a superação do narcisismo e a conseqüente substituição do Ego Ideal pelo Ideal de Ego fundamental para que o outro seja visto como tendo características deste ideal de Ego. O Ideal de Ego aparece como substituto da perfeição narcísica primária (Freud, 1914).

Frente a isso, o que se percebe é que o ego torna-se seu próprio ideal, frente ao mecanismo de regressão utilizado no vínculo conjugal e com a identificação projetiva cria-se um imaginário capaz de assegurar a plenitude. Neste sentido a complementaridade conduz à ilusão de completude, de uma suposta conquista do Ego Ideal.

Nicolló (1995) nos fala de um “jogo” recíproco que se estabelece entre os membros do casal, fazendo alusão aos fenômenos que Winnicott (1971) define como transicionais, que nasce do encontro entre os mundos internos e externos dos parceiros. Trata-se de um espaço misterioso, de oscilação contínua, em que cada cônjuge é uma “extensão do outro”, mas ao mesmo tempo é “diferenciado do outro”.

Calligares (1994) fala de uma perspectiva de que o casal possa “formar um”, não desde uma complementaridade, no sentido de duas metades que se juntam, esse “formar um” coloca-se na direção da construção de Um-algo que pudesse anular a diferença, “um” construir-se na presença constante que cada parceiro do casal evoca a partir de então, evocação que organiza o laço, orienta os lugares e o sistema de trocas.

Já para Bion (1962) o que possibilita uma nova ordem de significados na constituição de um casal, seria o que denominou de “capacidade negativa do pensamento”, ou seja, tolerância ao desconhecido e que por sua vez define a tolerância à alteridade. Seria esta tolerância que transforma a relação sujeito-objeto intrapsíquica em intersubjetiva.

Lamanno (1994), por sua vez, nos propõe que na relação conjugal sempre há encontro das vivências virtuais (as representações internas, o mundo relacional) com as atuais de cada um do casal. Ponto de interseção indivisível, que ela denomina de “núcleo de vivência mútua”, sendo a dimensão desta fusão entre atual e virtual que determinará a qualidade desta relação.

Neste contexto da relação conjugal, a mesma autora fala da conjugalidade enquanto aquela parte da vida mental que diz da capacidade de criar elos de ligação entre os vários

elementos do psiquismo, entre psique e soma, entre fantasia e realidade, entre mundo externo e mundo interno, entre eu e outro (s), entre passado, presente e futuro.

Conjugalidade denota a parte da mente que exerce funções de prover elos de ligação, que carrega dentro de si um duplo sentido: potência, flexões, assim como o verbo, sendo conjugado em tempos diferentes e em diversas pessoas. Mas também de aprisionamento, sob o mesmo jugo, paralisia. Neste sentido a palavra conjugar nos remete a associações que implicam na visão de um psiquismo expandido em suas funções discriminativas, de articulação e de síntese, repetição e transformação, ora combatidas, ora buscadas na relação conjugal (Lamanno, 1994).

Todos estes conceitos deveriam acionar um processo de transformação e conhecimento, constituído por: conhecer o outro, conhecer a si próprio no outro, conhecer a si mesmo, por meio da imagem refletida pelo outro. O aspecto revolucionário desses é, justamente, o de personalidade conjunta e integrada; em consequência, as fronteiras da personalidade individual, ou seja, os limites do ego se confundem nesta dimensão. Assim já não se pode falar de patologia ou criação individual, mas da relação.

Já num outro referencial teórico, busca-se estender esta linha de pensamento, focada na complementaridade, na tentativa de diferenciar relação de objeto (tomada como aquela entre um ego e suas representações do objeto) do que seria vínculo ou relação intersubjetiva, sendo esta redefinida como relação entre dois egos.

Tal perspectiva propõe características de extraterritorialidade, na qual o outro, por ser diferente e distinto, irredutível ao desejo e à fantasia do sujeito, desencadearia uma circunstância nova, uma origem para cada um dos envolvidos (que vai além do desejo singular e infantil) que iriam ser determinados por esta relação de presença como um novo sujeito: o sujeito do vínculo.

Berenstein e Puget (1993) enfatizam a idéia do estrangeiro no outro, que não tem inscrição inconsciente e, portanto não pode ser reprimido, é da ordem do irrepresentável e, deverá fazer um lugar para isto, gerando transformações no sujeito. Entrariam aí mecanismos de imposição no vínculo, e não de introjeção, pertinentes à relação de poder.

Berenstein (2001) nos coloca que o sujeito resultaria primeiro, mas não unicamente, do investimento do Ego a partir dos outros, das zonas erógenas, do Ego corporal, apontando para uma subjetividade não determinada somente pelo pulsional através da rede de identificações e das relações de objetos decorrentes, mas também através de cada vínculo significativo.

Um vínculo que pode ser chamado de “relação de sujeito”, distinto da relação de objeto, o sujeito não somente preexiste, estando predeterminado, mas também se constitui nesta relação. Há um sujeito novo, sujeito da mudança, um tornar-se como resultado do acontecer e da recusa da repetição.

Assim, cada vínculo significativo investe no ego como sujeito indeterminado, agregando-se à sua imagem imaginária e faz a sua multiplicidade, “sujeito múltiplo”. O encontro é significativo se modifica quem o produz, eis porque o infantil, sendo uma origem, não é a única.

Aponta ainda, Berenstein (2001), para o aspecto que tem a ver com o variável e específico da pulsão frente à presença de um outro singular e não somente com o inespecífico e invariável do outro como objeto da pulsão, o predeterminado no infantil resultante da ausência do outro.

Com isso a metapsicologia é repensada. Tira-se o complexo de Édipo do centro e, por conseqüência, a subjetividade que institui e passa a ser apenas uma de suas fontes. Também o vínculo não será o centro. O que resulta é que não há um centro ou hegemonia para instituir a subjetividade.

Isso nos leva a pensar que se para o sujeito é inevitável atribuir significados, também o é recebê-los em um vínculo. O pertencer a um vínculo inclui a aceitação de que o significado do que cada um é ou faz não depende somente do sentido que se atribui a si mesmo, mas também do que o outro externo significou.

Segundo Moguillansky e Seiguer (1996) seria uma “capacidade vincular”, capacidade de cada indivíduo pôr em jogo a própria identidade, mas aceitando as significações provenientes do outro e do vínculo, dos estados vinculares. Fala de um estado mental em que a capacidade vincular consegue se instaurar, dado que a experiência emocional da área de encontro intersubjetiva é altamente flutuante e instável.

Assim, a conjugalidade teria condições de possibilitar reflexões a respeito do individualismo, pois ao longo da existência do casal os parâmetros estruturantes do cotidiano são selecionados, constrói-se um projeto vital compartilhado. Uma vez determinados permanecem imanentes e carecem de negociações constantes, o que designa a forma adotada pela díade de enquadrar a realidade, o sentido e os significados intercambiados pelo casal, assim como entendem Berenstein e Puget (1993).

No primeiro modelo pensa-se a relação conjugal por antítese na formação de totalidades, o sujeito na relação (intersubjetividade traumática) no segundo modelo dá-se a oportunidade de se articular, a partir da apresentação de algo distinto, o sujeito da relação e para além da relação (intersubjetividade trans-subjetiva). São modelos considerados por perspectivas intersubjetivas diferenciadas, que segundo Figueiredo e Júnior (2004), não seria uma questão de evolução na compreensão do pensamento metapsicológico sobre a alteridade, mas posições diferenciadas que se suplementam.

As relações entre estas dimensões parecem seguir uma lógica da suplementaridade (Derrida, 1967, citado por Figueiredo & Júnior, 2003, p. 24) (...), ou seja, cada dimensão é sempre um apelo de

suplemento endereçado ao outro, assim como cada dimensão procura no outro a suplência de suas fraquezas ou o controle suplementar de seus excessos (Figueiredo & Júnior, 2003, p. 24).

O espaço conjugal pode ser pensado em ambas as posições por estarem posicionados no campo da alteridade, campo de concepção. A produção de novos sentidos nestas concepções do conjugal se daria a partir da interseção como da confluência dos psiquismos.

Exemplificando dentre outras complementaridades possíveis:

Da mesma forma, como já foi sugerido, a intersubjetividade traumática é indispensável para que possa emergir de fato uma singularidade subjetiva desde o solo trans-subjetivo primordial. Assim é que, tanto em Heidegger como em Merleau-Ponty há uma remissão ao absolutamente outro de mim, a um fora do mundo e fora do ser sem o que não se experimentaria nada além do mesmo. Mas é em Lévinas que este ‘outramente que ser’ se configura como alteridade radical. Em contrapartida, a pura e simples exteriorização do outro jamais resultaria em subjetivação se neste outro não se encontrasse acolhimento e habitação e se, a cada momento algo desta experiência prévia de inclusão não estivesse operando em todos os encontros, sejam os marcados pelo traumatismo, sejam os marcados pela complementaridade. (Figueiredo & Júnior, 2003, p. 25)

O espaço conjugal seria uma articulação entre estas duas dimensões da alteridade? O espaço conjugal seria um espaço transicional entre a complementaridade, continuidade e complementaridade, torção?

Green (1990) ao descrever a introdução do pensamento paradoxal na criação da noção de transicionalidade nos fala de um campo transicional, uma grande idéia que recusa o dilema

se este campo é interno ou externo, mas uma idéia que transforma a noção de limite, já que o interesse da noção de limite é separar dois campos. O limite não é uma linha é um território, que nos coloca problemas lógicos, assim quando neste território, não há como questionar se há interioridade ou exterioridade do objeto.

Seria uma área transicional, paradoxal entre a realidade e a fantasia, uma possibilidade do jogo e da cultura nas relações entre a mente humana e seu ambiente, uma terceira área da experiência, postulada como intermediária. Assim introduz-se, no psiquismo a categoria do paradoxal¹⁴ e com isso um estilo interpretativo, a noção do talvez, ou seja, há uma ruptura com a lógica do que é interno ou externo, dos lugares delimitados da noção de verdade.

Não seria a superação de algo que foi negado num movimento acumulativo, mas algo que, pode ser isso, mas não só isso e o contrário disso. Sustentar e diferenciar ao mesmo tempo aquilo que o precedeu, levar ao extremo e estender, ser isso e aquilo.

Indo de encontro com esta posição Deleuze (1969) baseado em Lewis Carroll que escreveu os paradoxos do sentido na literatura, apropria-se disso e também nos fala dos paradoxos do sentido, de uma filosofia estreitamente ligada à constituição paradoxal da teoria do sentido. Através do paradoxo se destituiu a profundidade e as coisas se mostram na superfície.

Daí que as inversões/reversões de Alice (na ordem do tempo, reversões de proposições, reversões de causa e efeito, etc.) surgem como um paradoxo da identidade infinita e conduzem a contestação

¹⁴ O paradoxo não é um conceito psicanalítico, pertence ao domínio da lógica, via epistemologia. Bertrand Russel quem introduz, através do paradoxo lógico-matemático, uma ruptura epistemológica neste campo.

da identidade pessoal de Alice, tema que atravessa suas aventuras. Segundo Deleuze, a descida de Alice nas profundidades do poço dá lugar a movimentos laterais de expansão, a profundidade se faz superfície, os animais dão lugar a figuras de carta, sem espessura. Não há aventuras de Alice, diz Deleuze, mas uma aventura: sua ascensão à superfície (...). A obra de Carroll joga permanentemente com a dualidade dos sentidos, com a proliferação indefinida dos mesmos, com a criação de jogos sem regras definidas e contraditórias entre si, etc. O não sentido na filosofia do absurdo não se opõe à ausência de sentido, produzindo um excesso de sentido. É o que Deleuze entende por non-sense identificando-o, portanto, ao paradoxo (...) (Leite, 1980, p 13).

Frente às flexões teóricas apresentadas, paradoxalmente conjuga-se uma inflexão entre elas, a invariância do método psicanalítico. Nele ou a partir dele as teorias desdobram-se justamente porque mantém a sua propriedade originária: são seres de e da interpretação.

No campo transferencial há realidade e fantasia, há o inconsciente. Herrmann (2001) atribui espessura ontológica ao método interpretativo por ruptura de campo, por constituir aquilo que vai analisar. O princípio do absurdo faz com que atinja o limite, o fenômeno mostre o avesso ou o contrário do que vinha constituindo. Rompe e desvela a lógica de sua produção. Portanto é a sua capacidade de variância, propriedade originária, que o torna invariável, portanto paradoxal.

O que aproxima e separa as teorias é o estatuto originário da psicanálise, a sua condição de descentramento. O método não poderá derivar do fato de que o mesmo permaneça atrelado ao modelo histórico que o originou, mas sim, o contrário, que a

possibilidade de apropriação explicativa das diversas manifestações do inconsciente pelo método é que o promove a mentor de uma psicanálise legítima (Herrmann, 2001).

As teorias são formas de dar sentidos desde que elas se modifiquem através do interpretante. Há aí outra ruptura dentro da Psicanálise, o universal contém e está contido no singular.

Devido a isto avalio ser a conjugalidade, dentre outros, um campo potencial capaz de fazer um contraponto ao individualismo e à lógica identitária atual organizada a partir do senso comum.

Na conjugalidade, acredito ser possível criar ou não um novo contexto, uma nova ordem intersubjetiva, na qual se resignifiquem e se relativizem os sentidos nos quais cada membro do casal nasceu e se criou (a subjetividade vinda do infantil) e os sentidos emergentes enquanto sujeitos no mundo (a subjetividade vinda do histórico sócio cultural) como no entrelaçamento destes dois campos, permitindo um novo vértice da racionalidade, multisubjetividade, com um novo sentido para cada um e para a relação. Estabelecendo, se possível, uma nova ordem de casal, criada e recriada neste novo campo, o conjugal.

Por isso ainda podemos dizer: porque a conjugalidade ainda sobrevive? Porque o sujeito só sobrevive nela(s) sustentado pelas regras de sua constituição. É sobre isso que se desenvolverá o próximo tópico.

4-3 – Campo - relação conjugal

Tendo em vista a conjugalidade enquanto um campo da multisubjetividade estruturado e que organiza as regras da relação conjugal, utilizarei da concepção teórica e metodológica da Teoria dos Campos, formulada por Fabio Herrmann (1960/2006) por avançar na proposição da Psicanálise enquanto ciência geral da psique, capaz de sustentar

uma gama mais ampla de práticas e um pensamento mais eficaz sobre o homem, uma forma de pensá-lo a partir da produção de sentidos.

Para falar de Campo e Relação, Herrmann propõe uma trilogia dos Andaimos do Real, enquanto regras individuais e coletivas (Sócio/culturais) que estruturam os sentidos humanos. Ele reapresentou uma idéia metodológica fundamental que necessita compreender melhor o homem a quem pretende servir. O homem da Psicanálise, o *Homem Psicanalítico*, que é essencialmente um ser psíquico. Para tanto propõe a investigação da zona intermediária entre superfície de representações e inconsciente para alimentar constantemente a produção de qualquer novo conhecimento sobre este (Herrmann, 2001).

Este autor apresenta um estilo de análise de superfície que originou idéias motrizes desenvolvidas a seguir em seu corpo teórico. Discute a relação entre realidade e fantasia para expor as representações psíquicas, onde as funções de superfície irão esclarecer a condição paradoxal do objeto do desejo.

“Que nome dar ao caminho que vai da representação à profundidade inconsciente, ocupado em grande medida pela análise da zona intermediária, zona que corresponde digamos, à profundidade da superfície da consciência?” (Herrmann, 2001, p.10).

Herrmann (1991) propõe pensar num termo que dissesse de um sentido geral, pois muitos destes inconscientes não são pessoais, mas sociais, está na sua origem a cultura. Para não confundi-lo com o inconsciente freudiano enquanto uma espécie final de todos os inconscientes ele o denominou de *Campo*, para denominar aquilo que revelam análises, lugar das regras que determinam as relações que concretamente vivemos. Herrmann (2001) acha razoável também a expressão de *inconsciente relativo*. Engloba algo do inconsciente tradicional junto com a composição da zona intermediária que organiza nossas idéias.

Segundo Herrmann (2001) uma pessoa pode transitar entre vários campos e ao mudar de campos torna-se diferente, mas não percebe, pois acredita ser sempre um e o mesmo.

Desta forma acredita que a noção de inconsciente se torna mais flexível e ao mesmo tempo mais geral. “Como gosto de lembrar a meus alunos: no fundo, no fundo, todos os homens são iguais, por isso o que interessa é a superfície (...)” (Herrmann, 2001, p.10).

Um ponto básico da Teoria dos Campos é a relação entre *realidade* e *real*. *Realidade* para designar o conjunto de representações do mundo, não confundindo-a com a realidade de fato, com as coisas como na realidade são e nem mesmo com a nossa conhecida realidade psíquica, uma realidade interna à fantasia, não haveria contraposição entre fantasia e realidade. Enquanto representações, tudo o que se exige delas é uma disposição a mostrar-se psiquicamente.

O real por sua vez, nesta perspectiva, apresenta-se como uma ruptura de campo dentro da Psicanálise ao criar condições de método e teorias para que a Psicanálise também investigue o âmbito produtor de sentidos humanos. Conceito central ausente desta ciência da psique, complementar ao inconsciente tradicional do desejo, seu conceito central presente.

De um lado da superfície das representações, portanto, fica o inconsciente tradicional, no sentido freudiano; do outro lado, outro inconsciente, que é o mundo real, composto não de coisas propriamente ditas, mas de linhas de força, ou sistemas produtores de sentido humano.

Esses sistemas produtores podem ser, por exemplo, as regras de parentesco e as estruturas míticas, como aquelas que estudou Lévi-Strauss, os sistemas de produção descritos pela Economia Política de Marx, os fundamentos da ideologia, analisados pelos pensadores da Escola de Frankfurt, as redes fundamentais de Foucault (Herrmann, 2001, p. 15).

Portanto, de um lado das superfícies de representação, fica o inconsciente tradicional e do outro o outro inconsciente que é o mundo real composto de linhas de fuga. Parece-me que Herrmann também gostava de conjugar, ampliou o sentido de alteridade do inconsciente. Tal intento também estava implícito em Freud, quando analisou a cultura humana.

É como se houvesse dois psiquismos profundos em diálogo, confluência, produzindo uma superfície de representações que sustentaria o que denominou de campo, unidade dentro e fora. Assim mundo-psique teria de ser visto como uma complexa construção mutável (Herrmann, 1997, p.230).

Ao falar em *lógica de concepção*, nas *superfícies de representações*, nas pontes, organizam-se princípios racionais, uma lógica razoável, onde o repertório de cada um de nós, traz sua própria estampa, delimitada pela confluência do desejo e do real geradora de idéias e emoções, porém de uma outra lógica, transformada em *lógica de produção*. A lógica do campo, ou as lógicas dos campos expressas nas fantasias. (Herrmann, 2001).

Portanto os dois abismos inconscientes estão sustentados sobre as pontes das representações, a realidade, expressa por emoções que assumem configurações diversas, contraditórias e particulares, lógicas produtoras de um *Princípio do Absurdo* (Herrmann, 1999), que há de se nomear desejo(s). Há essa lógica de produção das emoções que nos constituem e destituem, há possíveis inconsciente(s).

No entanto, por mais variada que sejam as representações de uma superfície, o desejo, opera na interioridade do sujeito fabricando representações da ordem do idêntico, marcas identificáveis do sujeito, a identidade. A Rotina passa a ser nossa amiga e nos garante uma ilusória estabilidade e continuidade, confere imanência à realidade.

Assim a identidade não é totalmente diversa de realidade, é só posicionalmente distinta, por estar do outro lado da superfície representacional. A diferença entre os dois lados

é que a realidade tenta precariamente representar o real enquanto a identidade tenta fazer o mesmo com o desejo, mas não consegue.

Portanto um campo é determinado por um conjunto de regras inaparentes que dotam de sentido qualquer relação humana. No campo considera-se tudo que perpassa a relação: idéias, pensamentos, emoções, lembranças, sentimentos. Campo e relação estão interconectados. A partir da relação, sabe-se o campo se nele houver ruptura.

Para expor a lógica de concepção de nossas idéias e sentimentos, propõe a ruptura de campo a partir de uma ruptura da identidade, oportunizando descobertas e a concomitante multiplicidade de sentidos. Comporta um desvelamento do absurdo do desejo humano, por si mesmo incompreensível, estranho e ilimitado. Podendo ser efetivada sempre que há a possibilidade de mobilização representacional.

Assim Herrmann (2002) sugere a Função Terapêutica que advém da operação metodológica de ruptura de campo. Esta última faz emergir sentidos que se encontravam aprisionados em particulares campos, resultando em conhecimentos específicos, transitórios, que, em outros momentos, poderão ser colocados em questão.

A Teoria dos Campos propõe ainda a generalização operacional do conceito de inconsciente, não o concebe como unidade universal que nos determina, contrário a consciência; ao invés disso ela introduz a idéia de campos ou inconscientes relativos delimitados pelas suas respectivas relações.

Assim é como se houvessem inconscientes relativos frente ao que esta acontecendo no “aqui-agora” e que comporta verdades singulares, parciais e relativas. A Psique seria a totalidade dos campos e matriz produtora de sentidos.

Concluindo, Herrmann (2001) sustenta a idéia de ruptura de campo como sendo fundamental para a recomposição dos sentidos suprimidos, a partir da crise das

representações na Crença da realidade e na Rotina identitária, duas funções de superfície e do real que tentam encobrir o absurdo das regras produtoras de sentidos.

A interpretação por ruptura de campo, enquanto invariância do método psicanalítico visa revelar o descentramento essencial do homem. A insaciabilidade do desejo, o absurdo humano, é o que nos leva a interpretar.

Portanto, este campo transferencial, na medida em que cria o homem psicanalítico, objeto de conhecimento, nos dará informações sobre quem é o sujeito a se investigar, ou seja, a espessura ontológica do método ou *Dupla face* (Herrmann, L. 2004); a dimensão clínica com a função terapêutica do método, o desvelamento das regras constitutivas de um campo a partir da relação, e a dimensão epistemológica, produção de conhecimentos teóricos que o método propicia.

Na perspectiva de Fabio Herrmann (2001), a especificidade humana decorre da dupla relação que estabelece com a realidade, Dupla Face, onde o ser humano se apropria da Cultura, através da Crença expressa na Rotina e concomitantemente nela se objetiva, constituindo-se assim como sujeito. A dimensão singular é inexoravelmente constituída e constituidora do social, o que pode ser tematizado como alteridade, como dimensão de um outro(s), inconscientes ou das relações com os outros.

Portanto, no intuito de darmos continuidade a esta trajetória, proponho uma análise da Crença, um passeio pela realidade da cultura moderna e sua crise identitária frente a três grandes rupturas, delimitadas por mim. A meu ver o entrelaçamento destes três campos influenciaram a lógica de concepção da conjugalidade, imprescindíveis no processo de investigação da relação conjugal na atualidade¹⁵ e ao propósito desta pesquisa, apresentados e discutidos no capítulo seguinte.

¹⁵ Não é objetivo nesta pesquisa definir o momento em que vivemos enquanto modernidade, pós-modernidade ou contemporaneidade, devido às várias questões que delimitam esta temática. Farei como Birman

5 - O TEMPO LONGO DAS NARRATIVAS SÓCIO-HISTÓRICAS: RUPTURAS NO CAMPO DA CULTURA.

5.1 - Da desnaturalização do Casamento

A investigação da conjugalidade nos conduz, inicialmente, ao dimensionamento do contexto histórico e sócio-cultural a partir do qual esta surgiu, a Modernidade. Ao desnaturalizar o casamento, ampliou-se as expectativas de compreensão desta temática, que se formalizou frente às transformações ocorridas na sexualidade e na intimidade dos indivíduos, tendo o casamento como referência.

Para adentrarmos na Modernidade faz-se necessário vislumbrar a concepção de casamento até então concebida.

Nas sociedades arcaicas, a aliança era uma forma de intervenção do grupo sobre bens considerados escassos e essenciais para a sobrevivência, baseada em um sistema de trocas, cujas regras marcaram a origem do casamento. A proibição do incesto, era uma regra fundamental de reciprocidade, que propiciou a formação destas alianças. Para firmar estes laços recorre-se à regra da exogamia, que interdita o casamento com um membro da família e o contrato é estabelecido entre os homens sendo a mulher objeto de troca feita pelos mesmos (Levi-Straus, 1976 citado por Araújo, 2002).

Da Antigüidade à Idade Média, as sociedades tradicionais, ditas patriarcais, onde os pais dividiam entre si o poder na comunidade cívica, o casamento, com efeito, era um entendimento, promessa recíproca, entre dois pais, um dando a filha e outro a recebendo para

(2003), chamarei o momento em que estamos vivendo de atualidade e apresentarei o capítulo a seguir articulando-o à Modernidade enquanto o período de descentralização da razão ocorrido frente às rupturas sócio-históricas no campo da Cultura.

seu filho. Havia uma obrigação de fidelidade eterna aos valores da linhagem a ser perpetuada. (Julien, 2000).

A união era um ato privado ocorrido entre os nobres, tendo como função a transmissão da herança, de títulos e a formação de alianças políticas. A mulher era parte do patrimônio familiar, sua entrega a um homem selava a união de duas famílias, a fecundidade e a fidelidade desta era indispensável ao casamento, caso contrário levava ao abandono ou ao repúdio (Vainfas, 1996).

Neste contexto, a expansão do cristianismo, a partir do século V, abre caminho para que a Igreja passe a estender seu poder sobre o casamento, pois pregava a renúncia aos prazeres da carne para ganhar o reino dos céus, porém, tais ideais de condenação absoluta do desejo e do prazer não se sustentaram e o casamento passou a ser recomendado como uma “concessão”, um freio, para evitar a libertinagem (Vainfas, 1996).

A sacralização do casamento pela Igreja só aconteceu por volta do século XII e foi só no século XIII que a normatização da moral cristã se estabeleceu, instituindo o sacramento do matrimônio, tornando-o monogâmico indissolúvel e legítimo para o uso dos prazeres, desde que voltado para o seu fim natural: a procriação (Vainfas, 1996).

“O principal papel do casamento era servir de base a alianças cuja importância se sobrepuja ao amor e à sexualidade. Escolha e paixão não pesavam nessas decisões, e a sexualidade para a reprodução era parte da aliança firmada” (Araújo, 2002, p.71).

No entanto, as grandes mudanças no casamento, se iniciam na Modernidade, frente à revolução burguesa, que irá dessacralizar o poder da igreja, instaurando-se uma ética protestante e o espírito do capitalismo.

“Tudo que era sólido e estável evapora-se, tudo que era sagrado é profanado, e os homens são, finalmente, obrigados a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas” (Marx & Engels, 1990, p.79).

Com isso, inicia-se uma radical mudança dos valores até então vigentes, o mundo público e privado entra num processo de constante transformação, havendo grandes mudanças no casamento, iniciadas na Modernidade (Ariès, 1987).

Segundo Julien (2000), na Modernidade viu-se o declínio dessa imagem social do pai que ao mesmo tempo permitiu a modificação das razões da escolha conjugal.

O que era bem definido na esfera privada e pública¹⁶, passou a não ser tão circunscrito no mundo moderno. Passamos da comunidade à sociedade e a esfera pública mudou. O público era tido como encarnado em tal ou tal grupo dado, agora se vê uma abertura a qualquer um, ao anônimo.

Doravante, em razão da circulação das pessoas, da oportunidade oferecida de múltiplos encontros e da mistura pré-conjugal desde a escolaridade, um homem e uma mulher podem consentir no casamento independente do pai ou da mãe! É a escolha deles, antes de mais nada, que seja admitida pelo pai, se possível, mas este acordo não é mais absolutamente necessário (Julien, 2000, p.11).

A sexualidade revela, frente a este múltiplo, publicamente que há um além das identificações sociais, uma transgressão das fronteiras culturais, uma familiar estranheza, uma mestiçagem étnica, uma subversão na linhagem; uma alteridade mais manifesta do que nunca.

Neste sentido não há mais privado fechado sobre si mesmo, ele passa a ser influenciado pelo público e a representar o lugar privilegiado da conjugalidade. O social passa a invadir o domínio do político e avança sobre o território familiar.

¹⁶ A primeira circunscrevia o que nos era próprio, o que nos pertencia, e a segunda o que nos era comum, o que pertencia a todos e a cada um, que se compartilha, troca.

“A vida privada muda de sentido: perde o sentido negativo daquilo que é privado da ordem pública e , ao contrário, toma o sentido positivo daquilo que o espaço público deve ser privado” (Julien, 2000, p.12).

De uma arte de viver a dois na intimidade, entre um homem e uma mulher, fechando um lugar do nascimento e do renascimento incessante de dois desejos, um pelo outro e outro pelo um, uma propriedade privada da presença de si a si nasce pouco a pouco.

Esta mudança de sentido da vida privada aparece também gradativamente no discurso da Igreja sobre o casamento: o casamento torna-se um sacramento; em seguida não necessita ser conferido pelo sacerdote, mas pelos próprios futuros esposos, sendo o consentimento mútuo que cria o vínculo conjugal e frente ao abuso de casamentos clandestinos, surge a validade do consentimento mútuo que deve associar-se à licitude pela obrigação de ser trocado, publicamente, diante do sacerdote como testemunha (Julien, 2000).

Por fim, os esposos fazem o ato de união por sua fala sacramental e o sacerdote, ou o juiz, registra o ato fundador: “Declaro-os unidos no casamento”. Assim não há privado fechado sobre si mesmo, mas um privado que se declara no público.

Para Ariès (1987) a partir do momento em que a conjugalidade deixa de ser não só uma decisão de conveniência segundo imperativos sociais e patrimoniais, mas supõe a exigir que seu fundamento seja o amor, fenômeno, próprio à sociedade ocidental, ela começa a abrir precedentes para modificar-se.

Há uma valorização do amor individual, estabelece-se o casamento por amor e esse novo ideal de casamento impõe aos esposos que se amem ou que “pareçam se amar” e que tenham expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio (Ariès, 1987).

O contorno deste cenário é dado pelo Romantismo que tenta instaurar uma consciência romântica como um saber encarnado, diante do autocentramento existente até então.

Diante do autocentrimento do cogito cartesiano “penso logo existo”, a consciência romântica torna-se alteritária e dialógica. O homem, para aceder à esta verdade, deve sair de si mesmo pela mediação do outro. A abertura para cada novo encontro faz com que a consciência escape ao domínio da solidão e de seu autocentrimento (Néri, 2005).

Portanto, segundo Néri (2005), o saber romântico é um conhecimento de participação e reciprocidade que se realiza na “fusão conjugal” entre a subjetividade e a objetividade.

Teríamos então caracterizado o advento do amor na modernidade como princípio da união, regido pelo princípio da fidelidade a este sentimento, a partir de então, norteador das relações conjugais.

Mas este mesmo Romantismo que fez inicialmente, um contra-ponto ideológico ao racionalismo, acabou por contribuir com o individualismo, uma vez que idealizou o retorno a uma unidade perfeita onde os desejos seriam realizados, tudo seria possível. “O homem romântico crê-se único, suas experiências mais profundas parecem-lhe incomunicáveis e radicalmente individuais” (Néri, 2005, p.86).

A desnaturalização do casamento passa pela crítica a este romantismo, uma vez que se organizou sob os alicerces do mesmo acabando por manter a individualidade prescrita pelo capitalismo para sustentar a noção do eu da Modernidade (Santi, 1998).

Uma das críticas ao nascimento da intimidade moderna funda-se na instabilidade inevitável de todo amor humano entre um homem e uma mulher, qualificado de “romântico”, suposto que o amor, como o imaginário, é apenas ilusório e irreal (Julien, 2000).

Com o ideal de casamento vinculado ao amor “romântico” como regra básica, obteve-se “muitas conseqüências e contradições (...) acabou criando uma armadilha para os casais na medida que se acentuaram as ‘idealizações’ e conseqüentemente os conflitos resultantes da desilusão pelo não atendimento das expectativas” (Araújo, 2002, p.72).

Já o amor vinculado ao sexual no casamento foi liberado como estratégia de disciplinarização e higienização das relações, enquanto estímulo na manutenção do casamento, uma vez que o amor conjugal poderia levar a uma relação familiar saudável, a escolha conjugal torna-se uma questão central para a higiene. Levantam-se critérios para a seleção do cônjuge saudável e a hereditariedade, o corpo, a vida sexual e a moral se sobressaem diante das questões sociais (Costa, 1979).

Duas estratégias são ressaltadas por Costa (1998) na utilização deste amor: separação e singularização dos sexos, diferenciando características masculinas e femininas na situação pré-conjugal e na busca da harmonização para um casamento produtivo, através da complementaridade das funções parentais.

Esse movimento descrito pelos autores acima, levou a uma reestruturação da noção de conjugalidade, pretensamente baseada na escolha individual do parceiro, privilegiando a satisfação sexual, o prazer, e o amor. Assim a intimidade conjugal passa a apresentar-se como uma fonte preciosa de satisfação individual.

O discurso disciplinador para suprimir outras formas de sexualidade organizava-se no sexo lícito enquanto restrito às relações matrimoniais e carregado de prescrições, pois havia uma exigência de uma duração fecunda referenciada pelos ideais de monogamia e indissolubilidade. Há uma confluência de aliança e sexualidade, voltada para um modelo de heterossexualidade reprodutiva, instituindo-se um dispositivo de *saber e poder*, campo de poder nas relações entre homens e mulheres (Foucault, 1988).

Foucault (1988) fala do lar como refúgio diferenciado onde da família os indivíduos podem esperar apoio emocional como meio de escapar à disciplina da fábrica, porém esta família é disciplinarizada através da sexualidade, já que surgem pressões para que ela limite seu tamanho com métodos modernos de contracepção. Essa mudança marca uma profunda

transição na vida pessoal e no casamento, sobretudo, a sexualidade passa, gradativamente, a diferenciar-se das exigências de reprodução e tornar-se “propriedade” do indivíduo.

Outro fator significativo neste processo de desnaturalização foi proposto por um sistema de casamento que privilegia a ética acumulativa, o desejo de ascensão social e o individualismo possessivo, valores fundamentais da ideologia burguesa, prevenindo o desequilíbrio entre o desenvolvimento econômico e demográfico, propondo um controle da natalidade e o adiamento do casamento (Mcfarlane, 1990).

Este casamento, no qual o modelo de união conjugal tem como premissas básicas o afeto, a amizade e o companheirismo entre os cônjuges e a procriação não é o objetivo principal do casamento, defende-se da irracionalidade do amor romântico e da paixão sexual, domesticando-os dentro do casamento, não mais ameaçando a racionalidade do capitalismo.

Propunha uma relação mais igualitária entre marido e mulher, o casamento centrado no vínculo conjugal, e não nos filhos ou na família, tornando-se um refúgio dentro do mundo competitivo e individualista.

Dentro deste contexto, o casamento passa a representar uma relação central de forte significação na vida dos sujeitos, considerando o alto grau de proximidade, de intimidade e o intenso envolvimento afetivo, adquirindo o status privilegiado de relação íntima, concentrando alto grau de expectativas de realização e de desenvolvimento dos sujeitos (Ariès, 1987).

Este ideal atrelado ao erotismo (com a autorização do prazer sexual no casamento), introduz um outro aspecto importante: coloca à prova a duração do casamento. Uma vez que o amor-paixão em geral não dura, o amor conjugal ligado a ele também não dura. Então, conseqüentemente, sua durabilidade passa a ser questionada passando também a uma relativa tolerância com as relações pré-nupciais ou extra-matrimoniais (Ariès, 1987).

Com isto, surge então, a perspectiva do divórcio que se transforma enquanto possibilidade, na principal característica do casamento moderno, diz Ariès (1987), como uma sanção normal de um sentimento que não pode nem deve durar, e que deve dar lugar ao seguinte.

Como nos diz o poeta Vinícius de Moraes, “quem sabe a morte, angústia de quem vive, quem sabe a solidão fim de quem ama, eu possa me dizer do amor que tive, que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”, nada mais Moderno, quando nos fala do amor paixão que tende a acabar com o passar do tempo, ao contrário do amor conjugal, que pretendia aumentar com o passar do tempo.

Neste confronto entre o amor paixão e o amor conjugal romântico encontra-se o grande desafio que os casais modernos enfrentam nos dias de hoje e que os levam a redefinir expectativas e idealizações sobre o casamento (Araújo, 2002).

Assim esta nova intimidade conjugal engendra figuras de disjunção frente ao casamento tradicional. Segundo Julien (2000), uma delas é a dos casais vivendo em união livre, fora do casamento, relações frequentemente estáveis. Instituem por sua própria fala uma vida comum privada e a fazem reconhecer pelos mais próximos.

Segundo o autor, vê-se outras figuras disjuntivas, como a do divórcio por consentimento mútuo. Este é reconhecido legalmente pelo discurso judiciário deixando claro que uma separação é de ordem privada, consentindo que a conjugalidade possa ser exercida com vários parceiros.

Por última disjuntiva, o mesmo autor aponta para a lei que instaura o *Pacto civil de solidariedade* (PACS)¹⁷ que permite duas pessoas vivendo juntas serem reconhecidos legalmente seus direitos sociais, independente da orientação sexual dos contratantes, saber de ordem íntima de cada casal.

¹⁷ Lei francesa que legaliza a união entre casais do mesmo sexo.

Todos estes precedentes nos leva a reconhecer que a sexualidade, longe de ser um fenômeno natural, está suscetível às influências sociais e culturais, que ao se desviar do paradigma cartesiano (categorização normal, anormal) reinventa o corpo como uma forma de organismo social que abre caminho para a aceitação da diversidade como norma viável da cultura. Dá-se, então, o pluralismo sexual do século XX, no qual cada indivíduo tem histórias diferentes e, portanto, necessidades diferentes (Foucault, 1988).

Já os ideais de amor romântico atrelados à sexualidade, nos discursos disciplinares, começaram a se fragmentar com a emancipação sexual e a autonomia feminina. O declínio do controle sexual dos homens sobre as mulheres colocou possibilidades reais de transformação da intimidade (Giddens, 1993).

Verifica-se neste contexto uma ruptura na tradição da aliança heterossexual reprodutiva atrelada ao casamento. A partir desta brecha aberta,

(...) vimos nascer um novo modo de existência, que é o de dar direito a seus próprios pensamentos, sejam eles nobres ou baixos, nascidos na paixão ou na serenidade, e acolher a contradição entre eles tornou-se uma boa chance a ser agarrada (Julien, 2000, p.21).

Com isso uma aposta abriu-se graças a esta perda da mestria de si mesmo e de outrem e com isso nossas capacidades criadoras fazem-se mais inquietas, nosso poder de invenção pode se renovar sempre que possível. “Temos um jogo a ser vencido a partir da própria modernidade e não contra ela, indo além desta alternativa entre tradição e modernidade” (Julien, 2000, p.22).

Desse modo percebemos que o projeto científico romântico ao ser distorcido não foi incorporado ao projeto moderno, sua tentativa de purificação deixou à margem formas híbridas que tem efeitos significativos na subjetividade e na cultura moderna (Néri, 2005).

Pode-se concluir que o Romantismo, na tentativa de garantir a durabilidade do casamento, acabou por direcioná-lo à perspectiva de sua dissolução, justamente pelo seu idealismo, ao mesmo tempo em que a restrição da sexualidade à procriação no interior do casamento, pela moral sexual civilizada, prometia a satisfação das necessidades sexuais através deste. Devido a isto o casamento veio se modificando, mas ainda não deixou de ser um valor nos dias de hoje.

Herrmann (2003) nos fala que o casamento tem por semelhança ao *regime do atentado*¹⁸ a relação geral de pertinência ao mesmo campo geral, isto é, ao da dessubstancialização do sujeito. O casamento de hoje, tem a mesma característica de interditar as representações que o explicitam, ou seja, o mesmo suporte que mantém um casamento é o que o destrói. No casamento a realidade também é uma representação propagandista do real, diz-se que hoje o casamento se modifica. Mas poderia ser esta mudança uma propaganda enganosa dos novos tempos, em que tudo muda para que nada mude? Um casamento feito às pressas e às pressas desfeito... manter-se estável passou a ser uma tarefa difícil.

No entanto o casamento ainda está se transformando numa nova representação consensual e propagandista de um casamento ao contrário; está perdendo, o que segundo Herrmann (2003, p.156) “não poderíamos chorar com lágrimas sinceras – a dominação

¹⁸ Termo desenvolvido na Teoria dos Campos de predicação paradoxal que significa a transformação do ato que rompe a cadeia histórica em matriz da história. Termo desenvolvido a partir da perspectiva da Guerra Fria que segundo Herrmann (1997), produziu um forte trauma ético no pensamento humano, a destruição do homem pelo homem, inviabilizando qualquer pensamento racional, fazendo com que a vida humana perca sua substância afetiva e racional. Tal regime está presente no ataque ao World Trade Center, em todos os ataques terroristas que presenciamos no cotidiano como nas relações diárias e também no casamento.

patriarcal do homem, a submissão da mulher, que acarretava, para os dois, uma espécie de renúncia à vida pessoal, apostando na imortalidade psico-genética do seu legado póstumo”.

Hoje seu projeto social está mais evidente, uma transformação de matrimônio em patrimônio, no entanto a idéia de resolver o problema da existência conjugando duas existências permanece, sendo ainda hoje um inestimável bem necessário, “mesmo quando alguém sempre se esteja queixando dele, como da chuva (...)” (Herrmann, 2003, p.157).

Frente ao contexto descrito, não podemos negar que as mudanças que vêm acontecendo no amor, no casamento e na sexualidade ao longo da modernidade resultaram em transformações radicais na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos, permitindo outras modalidades de relacionamentos conjugais.

Para essa realidade atual, Giddens (1993) nos fala da possibilidade de um amor confluyente que não se pauta pelas identificações projetivas e fantasias de completude, presume igualdade nas trocas afetivas e no envolvimento emocional, sendo a realização do prazer sexual recíproco um elemento chave na manutenção ou dissolução do casamento e não sendo necessariamente nem monogâmico nem heterossexual. Uma sexualidade plástica descentralizada das necessidades de reprodução sendo fundamental para a emancipação implícita no relacionamento puro assim como para a reivindicação da mulher ao prazer sexual.

Relacionamento puro centrado no compromisso, na confiança e na intimidade, implica em desenvolver uma história compartilhada em que haja garantia de ambos, por palavra ou atos, algum tipo de garantia, por um período indefinido. O compromisso traz a probabilidade de duração, mas que não o impede de vir a dissolver-se. A continuidade depende da satisfação que ambas as partes podem extrair da relação (Giddens, 1993).

Esta intimidade a que se refere Giddens “implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública” (Giddens, 1993, p.11).

O casamento e as relações conjugais deslocam-se do mito da estabilidade do eterno “*para sempre até que a morte os separe*”, da fidelidade ao pai, seja ele falocêntrico ou teocêntrico, para o princípio da instabilidade do “*eterno enquanto dure*”, da fidelidade ao sentimento amor e a liberdade de escolha do sujeito.

O mais relevante neste contexto é que dessa forma, o enquadre conjugal passa a oferecer contorno, delimitando o externo e o interno, conferindo significado ao sujeito, sendo referência e repercutindo sobre a constituição da subjetividade moderna.

Verifica-se a busca de um projeto auto-reflexivo do “eu” na modernidade, a valorização da busca da auto-identidade associada à esfera das relações íntimas, na conjugalidade, onde tende a atribuir ao parceiro a função de confirmação e manutenção da identidade do outro (Ferrez-Carneiro & Magalhães, 2003). Transformando o “nós” em instrumento de legitimação do “eu” (Magalhães, 2000).

Assim a conjugalidade, transformou-se numa possibilidade, uma condição de transformação dos sujeitos na atualidade, através da abertura de um em relação ao outro, ou seja, através do exercício da alteridade.

O que se percebe, de acordo com Costa (1998) é um deslocamento do amor para o imaginário do ideal de felicidade pessoal com conseqüências para a transformação da subjetividade, onde a insegurança constitutiva desta subjetividade moderna busca na relação amorosa certa tranquilidade e garantia de identidade.

Aponta também, que o amor ainda é considerado componente importante da noção de conjugalidade, mesmo que em termos de ideal desta, mesmo que distante nos dias atuais. O eu moderno, estruturado sobre a noção de indivíduo autônomo, utiliza o amor como forma de

compensação para dar sentido à sua própria existência, reforçando o sentimento de pertencimento mútuo entre os parceiros.

Podemos concluir que tais transformações afetaram e afetam profundamente as representações e vivências do casamento como permitiram outras formas de relacionamento conjugal, tanto no contexto heterossexual com fins de constituição da família, quanto fora dele: uniões consensuais, casamentos sem filhos ou sem co-habitação, re-casamentos, uniões homossexuais e outras (Araújo, 2002).

A pluralidade conjugal apresenta-se como um efeito dispersivo e dissolvente da sexualidade sobre a aliança e nesse processo de transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas (Araújo, 2002), mas com isso os níveis de insegurança dos sujeitos se tornam maiores também, pondo em questão a manutenção destas (Bauman, 2004). Assim a conjugalidade, embora ainda inclua uma perspectiva ou esperança de reconstrução do “eu” a partir do “nós”, apresenta-se cada vez mais fluída.

Falar desta temática é uma forma de desmistificar o casamento e a relação conjugal sempre vinculada a ele, abandonar a idealização e retirá-lo do plano do privado na iniciativa de trazê-lo a público, e por isso à diversidade (singularidades), na tentativa de ser *re-visto* nas suas *entre-vistas* atuais.

A questão se dá ao indagarmos o lugar que a conjugalidade ocupa no projeto de vida dos sujeitos na atualidade. Houve uma descentralização na condição conjugal proveniente da transformação da intimidade que passa necessariamente por uma análise de gênero num contexto de igualdade interpessoal que só foi possível despontar devido à emergência do feminino na Cultura, tema tratado no tópico seguinte.

5.2 - O Feminino conjuga a História de homens e mulheres.

Iniciarei retomando a trajetória da mulher na civilização ocidental passando pela emergência do feminino, centrado inicialmente na figura da mulher, e no seu deslocamento para a proposição da diferença sexual, enquanto elemento singular de construção da cultura.

A mulher, surpreendentemente, sempre esteve numa posição de destaque na história da civilização ocidental: se não era a protagonista da cena, somente ela era capaz de torná-la possível.

Na Grécia antiga não havia o estatuto da feminilidade e as mulheres eram concebidas como seres inferiores ou imperfeitos, com órgãos sexuais masculinos internos, isso marcava, pelo pensamento cristão, o apagamento das diferenças, que seria o ideal de perfeição. O cristianismo no ocidente fez da renúncia à sexualidade o símbolo do restabelecimento da liberdade humana perdida, já que esta era indicativo de servidão (Freire, 2002).

Na Antiguidade o modelo de referência era o do sexo único, o masculino, já o feminino era considerado um masculino inferior. A mulher, por ser identificada à sexualidade, ao passar para o gênero masculino atingiria a perfeição. Assim, surgiram as mártires como produto de um modo de pensar que não abarcava as diferenças sexuais, pois a martirização equivalia à masculinização da mulher (Freire, 2002).

Já no início do século XVII, os ideais de igualdade começaram a despontar na Europa, colocando em questão a ordem platônica pelo empirismo racional, iniciando um novo universo mental. Começaram os questionamentos sobre a imperfeição da mulher, já que todos seriam iguais, e a diferença sexual foi tematizada e remetida ao plano anátomo-fisiológico (Néri, 2005).

Anuncia-se a Modernidade, no âmbito da sexualidade, rege-se a tese de dois sexos diferenciados, mas por uma essência natural biológica, modelo essencialista, que traz no seu

propósito uma restauração da hegemonia do sexo masculino. Nele a essência da mulher estaria mais próxima da natureza e da paixão, destinada à maternidade e à casa, ao espaço privado, enquanto o homem à natureza racional que o destinaria a ocupar o espaço público (Néri, 2005).

A título de elucidação, esta proposição de dois sexos já seria uma restauração do modelo do sexo único. Em ambos há um norteador, a hierarquia que induz a uma ordem transcendente. A mudança de modelo se deu na necessidade de afirmação do sujeito da razão do Iluminismo, que inaugura uma diferença sexual, agora biológica (Néri, 2005).

No entanto é com a Revolução Francesa, na rejeição do rei, que se rejeita toda transcendência:

O advento da democracia é incompatível com a autoridade paterna vigente. Liberdade, igualdade, fraternidade substituem a submissão, hierarquia e paternidade. Direitos do homem ou da humanidade, eis a questão, a queda do Deus monarca pai vai colocar em discussão a idéia da superioridade de um sexo sobre outro (Néri, 2005, p.61).

Tal ruptura abalou as fronteiras entre o masculino e o feminino, conduzindo a uma interrogação sobre a diferença dos sexos frente à premissa de igualdade de todos os seres.

Neste cenário surgem discursos culturais, políticos e científicos sobre a sexualidade, mostrando que o elemento sexual apresenta grande instrumentalidade nas relações estratégicas de poder, reprimindo a sexualidade pelo dispositivo da aliança, com objetivo de produção de subjetividades que se coadunem com a consolidação do capitalismo e da família burguesa (Foucault, 1988).

Projeto que delineia uma espécie de saber-fazer das mulheres, ligado à idéia de natureza feminina, frente a uma possível feminilização do corpo social. Surgem com isso, sentimentos de maternidade, de recolhimento da mulher à família, de cuidados com a saúde

corpórea, de princípios da boa educação, exercidos na vida privada e difundidos pelos manuais médico-pedagógicos (Foucault, 1988).

Foucault (1988) vai mostrar que os dispositivos de saber e poder produzidos pelas ciências sexuais incidem particularmente sobre o corpo feminino que será posto como desviante, adoecido.

Néri, nos convida a interrogar “em que medida o discurso psicanalítico sobre a sexualidade feminina rompe ou é herdeiro desse discurso das ciências sexuais de adestramento dos corpos e da sexualidade ...?” (Néri, 2005, p.66) , uma vez que o simbólico na psicanálise é indubitavelmente conjugado no masculino e o feminino se apresenta como anticultura.

Tal idéia se apresenta também na operação de histericização do corpo feminino, apresentado como excessivo, desviante, nervoso e histérico com o intuito de configurá-lo como sexualidade perigosa, visando excluir a mulher do espaço público (Foucault, 1988).

Frente a isto, surge a investigação freudiana da etiologia da histeria que teve como base a interrogação “o que uma mulher quer?”. Freud não se interessou apenas pelos fenômenos histéricos; seu interesse pela mulher tornou-se uma reflexão sobre as conseqüências da feminilidade na cultura (Assoun, 1993 citado por Freire, 2002).

Néri (2005), também nos aponta uma perspectiva de resposta, quando diz que o discurso psicanalítico emergiu na crise de identidade do sujeito da razão, mas também em um solo de questionamento da identidade sexual, sendo tributário do masculino, mas emergente do feminino. Tal expressividade pode ser notada quando cita o processo delirante de Schreber:

A ordem do mundo reclamava imperiosamente minha emasculação
(...) não podia fazer mais nada do que me reconciliar com a idéia de
minha metamorfose em mulher (...) uma fecundação para a criação

de uma nova humanidade (...) A partir daí inscrevi o culto da feminilidade em minha bandeira. (Schereber, citado por Néri 2005, p.138-139)

Nestes discursos, o sexo anatômico prevalece sobre o gênero, cria-se duas categorias imutáveis, homens e mulheres, desprezando-se as outras diferenças. A partir da análise das diferenças sexuais: a mulher é um complemento do homem, dividindo com ele um prazer carnal e um papel social; ou ela é inferiorizada (prostituta); ou é idealizada (louca; virgem). A partir dessas representações da feminilidade, foram deduzidas as posições de poder, submissão, complementaridade ou exclusão da mulher da sociedade moderna. (Roudinesco, 2003).

Segundo Kehl (1998), Rousseau foi o maior expoente filosófico de divulgação deste ser corporal, instintivo, sensível e débil organicamente, inadaptado pela lógica da razão, chamado mulher, inspirando o ideal de feminilidade baseado na dedicação, na doçura, na submissão, no recato e no pudor cuja finalidade na cultura é a procriação.

A literatura do século XIX mostra uma figura feminina idealizada e, por isso, inatingível. A personagem é construída no registro do masculino e não coincide com a mulher: em seu lugar fala uma heroína, sempre pronta a ser o desejo do desejo de seu herói. Essa heroína é o modelo de perfeição na beleza corporal ou na virtude pretendida que a coloca como amada, esposa e mãe. Já os contos de fada perpetuam, no imaginário do feminino, o mito do amor romântico, que se opõe à autonomia pessoal da heroína adormecida, salva por seu herói (Freire, 2002).

Com isso a família se torna uma das estruturas de base da sociedade, pautando-se em três fundamentos, a autoridade do marido, a subordinação das mulheres e a dependência dos filhos. Tem-se com isso um movimento de fratura no cerne das massas de mulheres, criando

uma oposição entre duas posições: as feministas querem a vida pública e as mães de família a interiorização do privado (Kehl, 1998).

Marco significativo nas mudanças ocorridas no campo da sexualidade foi o movimento feminista, precipitado na figura de Simone de Beauvoir (citada por Kehl, 1998) ao propor que - “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” - provocando um deslocamento da naturalização da condição feminina. Representou uma ruptura na história das mulheres, sobretudo uma mudança em suas vidas, em suas escolhas profissionais, em seus desejos e em suas relações amorosas que puderam seguir diferentes caminhos, podendo hoje abrir um leque de possibilidades. Kehl amplia esta questão ao propor “o que o sujeito pode se tornar, sendo(também) mulher” (Kehl, 1998, p.15).

Frente a esta crise e emergência do feminino, apresento como exemplo analisador o texto literário “AS HORAS”, de Cunningham, que nos leva imediatamente a Mrs. Dalloway, de Virgínia Woolf, comentado por Sérgio Telles (2005). Nesta obra o feminino é vinculado a uma posição depressiva, em monólogos interiores que tentam dar conta das perplexidades e da angústia de viver, dá-lhe um caráter trágico e uma captação exacerbada da passagem do tempo numa riqueza extraordinária de detalhes através de uma narrativa onisciente direta e linear, bem ao estilo literário freudiano.

Estruturada a obra anteriormente citada em três fios narrativos, em torno de três mulheres, Mrs. Dalloway, Mrs. Brown e Mrs. Woolf, o que as une é uma ambígua sexualidade e por expressarem a condição feminina, no fazer um bolo, planejar uma festa, na administração das serviçais. Atividades onde tentam expressar suas capacidades e criatividade, tentando se afirmar no mundo dos homens. Mulheres, personagens, que se organizavam em torno do cotidiano doméstico, mas também que já questionavam este lugar e se angustiavam por negá-lo e desejar algo diferente. Fala-se, então, da angústia deste

feminino referenciado pela lógica fálica, pondo em questão a tradição e a hierarquia nas relações de gênero, na qual o masculino também se encontra enfraquecido.

Inicialmente, sua escrita literária, parece focar a fragmentação e a fragilidade nos impasses da questão feminina em transformação e em épocas diferentes, mas revela “a posteriori”, num movimento de resignificação da trama que estava contando de forma indireta e disfarçada a história de Richard, que a sombra delas une os três fios narrativos. Então nos fala, também, deste masculino fragilizado, que sai do centro da narrativa, mas continua dando-lhe a condução, uma vez que se orienta e desorienta frente a este feminino em transformação, sedutor, instável, voltado para figura materna que protege e aterroriza mas que, ao questionar esta posição, desestabiliza a condição masculina, representada através da homossexualidade de Richard ao propor uma identificação com este feminino.

O tema central então é a criação literária através, segundo Telles (2005), da sublimação desta ambigüidade do feminino, que não sabe o que deseja e que por isso acaba por destruir. Análise muito próxima do discurso disciplina-dor da sexualidade feminina para não contrapor o poder fálico.

No entanto o suicídio como abertura da narrativa, com a cena de Virginia Woolf entrando lentamente no rio, e seu término com o suicídio de Richard atirando-se premeditadamente da janela, na presença de Clarissa, nos coloca, no seu extremo, esta condição de amor à vida e intimidade com a morte, necessárias às transformações que se faziam presentes na questão feminina em Virgínia Woolf.

AS HORAS é um retrato de uma crise sócio-cultural mais ampla, onde vacilam os papéis convencionais do homem e da mulher no crepúsculo de uma injusta sociedade patriarcal (...), parece reinar uma infeliz e triste confusão de papéis, o que proporciona saídas insatisfatórias (...) (Telles, 2005).

Citar o texto de “AS HORAS” como exemplo deste feminino em crise, em emergência, reflete um momento de posituação do mesmo e de contraponto com o masculino, numa perspectiva de exaltação deste, fazendo-se defender da lógica onipotente, mas ao mesmo tempo utilizando-a, uma vez que o masculino é referência oculta e acaba por prescindir ao feminino. Declara um estranhamento e uma integração não mais possível frente à concepção de sujeição do feminino na relação homem mulher.

Devido a esta transformação, a crítica ao modelo essencialista da diferença sexual prosperou e deu frutos, diante disso:

(...) podemos observar uma passagem: se antes a questão paradigmática era formulada a partir do que se constitui como um enigma (para os homens) – “o que quer uma mulher?” - hoje a questão que se apresenta no horizonte de nossa reflexão é “como pensar a diferença de sexos?” (Arán, 2003, citando Fraisse, 1991, p.400).

Isto se deu, segundo Arán (2003), devido à crise da forma burguesa da família nuclear (monogâmica e heterossexual); à entrada da mulher no mercado de trabalho; à separação da sexualidade da reprodução, e à uma política de visibilidade da homossexualidade.

Neste contexto Arán (2001) dá foco ao movimento homossexual, por ter realizado efeitos consideráveis na cultura atual. Estamos assistindo ao crescimento de uma política de visibilidade da homossexualidade na esfera pública, devido às suas conquistas e reconhecimento frente ao código penal. Coloca na ordem do dia uma rediscussão sobre casamento, família e filiação, significando o reconhecimento de uma prática afetivo-sexual, mas também a desconstrução, a um só tempo, de um particularismo, instaurando a necessidade de repensar a política e subverter a idéia de identidade.

Todos esses fenômenos indicam o surgimento de uma nova cartografia da relação entre os sexos. Nesse sentido, não podem ser considerados um somatório sociológico distante de cada um de nós, mas, pelo contrário, são fenômenos incorporados nas sexualidades

contemporâneas que redefinem a questão da diferença, configurando um novo topos para pensar formas de subjetivação¹⁹ (Arán, 2001).

No campo da história e da filosofia contemporânea, articula-se uma tese que enfatiza a desconstrução da referência do sistema de oposições, organizadoras do pensamento metafísico, e como consequência propõe a desconstrução da binaridade sexual. A condição pós-moderna se caracterizaria pelo apagamento das fronteiras identificatórias, o que permitiria uma circulação de desejos e posições sociais em que não haveria mais diferença entre os sexos (Loyola, 1998).

Destacados filósofos, neste período, colocam o feminino como figura emblemática promovendo projetos éticos e estéticos numa perspectiva não essencialista da diferença de sexo, sensíveis à crise de identidade da modernidade.

Nietzsche se destacou, segundo Néri (2005), por associar a questão a uma luta de poder e por ter falado da história das mulheres e não de sua essência, para avaliar o que ganhariam e perderiam com a emancipação. Falou-nos de uma potência feminina, bem diferente daquela infernal negativa e moralizante da mãe do bem e do mal que nega a vida.

Neste contexto Néri destaca ainda, que para Derridá (1978, citado por Néri, 2005) o feminino se apresenta não como o outro em oposição ao masculino, mas como o outro que desconstrói a lógica do “logofalocentrismo” e que Deleuze e Guattari (1976) formulam o “devir mulher”, um devir múltiplo, que assinala uma linha de fuga em relação às máquinas duais, propondo uma economia libidinal na forma de uma “máquina desejante” com potencialidade de subverter qualquer ordem preestabelecida, seja política ou sexual.

¹⁹ Forma de singularização no universo da alteridade, universo de valores compartilhados pela práxis da experiência cotidiana, pela forma de ser com o outro (Arán, 2001).

Todos estes filósofos, citados anteriormente, teorizam sobre o que se anuncia como uma verdade não metafísica definida como sendo o feminino, permitem pensar tanto a idéia de multiplicidade do sexual como também a idéia de desconstrução.

A importância de suas teorias está em demonstrar como a potencialidade da sexualidade originária, para além da diferença sexual, se constitui como um anonimato possível de uma multiplicidade de afetos e de circulação de desejos que podem sempre se presentificar, desconstruindo identidades formadas a partir de um sistema de oposições (Arán, 2003, p. 416).

Portanto, na emancipação do feminino há também uma desnaturalização da sexualidade humana, o deslocamento do sujeito do cogito cartesiano para um sujeito transitório radicalmente descentrado.

A modernidade opera um deslocamento das representações do feminino, tidas como universais, para o campo da história. Assim o feminino ao surgir na cena social, torna-se parte da história e a conjuga, “é apresentado como um ciclo de puro Devir, onde vida e morte, alegria e dor, passado e futuro coexistem” (Néri, 2005, p.135).

Deslumbra-se, assim, feminilidade(s), enunciadas como uma realidade plural marcadas por sua multiplicidade de perspectivas frente à diferença marcante. “(...) a feminilidade é aquilo que constitui a singularidade propriamente dita...” (Birman, 2002, p.8).

Na perspectiva de desconstrução e multiplicidade frente à potência do feminino na modernidade, apresento as histórias singulares, voltadas para este outro olhar sobre o feminino, ao evidenciar, através da análise de Outeiral e Moura (2001), a criatividade de Frida Khalo, Camille Claudel e Coco Chanel, três mulheres, artistas, criadoras de formas, estilos e, portanto, modos de ser. Elas expressam a transformação cultural e social do século XX: uma outra descoberta da condição feminina das mulheres.

Com elas o gênero feminino libertou-se dos papéis únicos de reprodução, de prostituição e cuidados domésticos, levando seus traços para a cultura através da estética, uma ruptura no campo do feminino. A mulher deixou de ser apenas inspiração e objeto artístico para se tornar sujeito. Cada uma, em sua área, deu uma importante contribuição para isso.

A pintora Khlo, amante de Diego Rivera e de Trotsky, deu origem a uma arte latino americana colorida, tropical e rústica, única no mundo pelo seu impacto de expressividade das emoções. A escultora Claudel, lutava para libertar-se do estilo de Rodin, seu mestre e amante, cujo talento inegável só era comparado e ameaçado pelo dela. A estilista Chanel que inventou um estilo, a combinação do verdadeiro com o falso, uma roupa singular, *tailleurs* inconfundíveis, um penteado discretamente bissexual e um perfume, usados no mundo todo (Outeiral & Moura, 2001).

Outeiral e Moura (2001), não reafirmam tais personagens como ícones do papel de vítimas talentosas e realizadoras frente à dominação masculina, assim como o faz a mídia da década de 1980 e 1990, ao contrário contribuem para a desmontagem dos mitos e revelam pessoas reais, com suas ambigüidades, mentiras, limitações e dúvidas.

Nestas histórias verifica-se um colorido passional e sexual em suas vidas, marcados por relacionamentos atormentados. Através da paixão, lutaram contra a alienação nestas relações amorosas e no mundo, puderam criar, a partir do prazer e do sofrimento, à beira da loucura.

Os autores também apresentam estilos femininos, que ao assumirem sua feminilidade, através da paixão e da criatividade, estão vinculadas a um projeto ético estético de vida. Falam de uma arte que é “*poiesis*”, isto é, criação do novo, geração daquilo que nunca houve antes, é transformação, mas não só: acrescenta o que não havia.

Um feminino que se revela na alteridade, em relação a um outro, gera-dor de angústias, perdas, emoções, paixões e criatividade, expressas em formas estéticas materializadas em obras de arte como nas relações cotidianas, no ato cria-dor de viver.

Portanto o feminino aqui apresentado coloca para o pensamento a tarefa de problematizar a questão da alteridade e a questão da diferença de sexos, desvinculando-se de um olhar totalitário para um descentrado propenso a erigir o novo.

Descentramento expresso no pensamento de Foucault (1988) quando formula que não há sujeito nem sexualidade universal, mas que os modos de subjetivação e sexuação são determinados historicamente. As formas de subjetivação se dariam num jogo incessante entre poderes, formações discursivas e agenciamentos libidinais.

Para Costa (1998), o sujeito não seria a expressão mental e moral de seu sexo, corpo e gênero; pensar assim seria ao mesmo tempo um consolo e um compromisso. Consolo porque abandonamos os riscos das escolhas éticas, ao deixar que a natureza sexual dite os rumos de nossas felicidades; compromisso porque tornar a diferença de gênero uma norma de construção de identidade significa abrigar os órfãos da tradição e reforçar a imagem do sujeito como apêndice mental de vísceras, glândulas, metabolismos, circuitos neurais, aparências corporais ou cálculos estatísticos de longevidade.

Tais idéias expressam o feminino como possibilidade/criatividade e não como gênero/identidade. Com isso deslocamos o feminino de uma positivação vinculada à mulher, necessária naquele momento, para um reconhecimento e descoberta de uma feminilidade, humana, a partir da alteridade. Uma vez que o feminino não conclui, ele conduz o pensamento para uma crítica do todo em benefício do descentrado, das singularidades, ele passa a conjugar a história de homens e mulheres.

Alteridade que se daria no respeito e resgate da diferença, considerando o paradoxo entre o universo fálico (identidade) e a questão da diferença (singularidade), para não cairmos

na indiferenciação sexual, pressupondo que historicamente existem duas formas de lidar com essa questão, “pensar a historicidade da relação entre os sexos, assim como admitir o conflito constitutivo dessa relação, seria a base para pressupor uma nova forma de pensar a alteridade” (Arán, 2003, p.417).

Quando se propõe uma outra concepção de gênero/identidade e aponta-se para uma diferença contida neles e entre eles aponta-se conseqüentemente para a questão da conjugalidade, que não dá para ser pensada fora desta questão. Rompe-se com o campo da conjugalidade assimétrica (complementaridade, enquanto posições definidas de gênero que se completam por assimetria) reconhecendo sua possível simetria (Heilborn, 2004).

Portanto há uma diferença enquanto condição em comum, expressa através do feminino que conjuga a história de homens e mulheres, levando-nos a pensar a conjugalidade não mais sob o julgo do homem ou da mulher, de uma relação de hierarquia, mas a partir de uma igualdade, fundada numa dependência mútua.

Melhor dizendo de uma equidade²⁰, uma conjugalidade que flexione sentidos desde a diferença de cada um e da relação, arranjos conjugais que articulam e condensam a multiplicidade de sentidos na atualidade. Porém, permanece o desafio de pensar formas de subjetivação que podem se apresentar através do feminino, tanto para os homens como para as mulheres.

O que significa então ser homem e ser mulher nesse novo contexto? Essa falta de referências torna-se provocativa por deixar um vazio, uma indefinição quanto aos lugares que homens e mulheres devem ocupar. Tal indefinição influencia o processo identificatório de um e do outro, pois não existe mais uma referência precisa, não se sabe quem deve fazer o que e quando, os afazeres que normalmente cabiam às mulheres hoje já são assumidos pelos

²⁰ Reconhecimento imparcial do desejo/direito de cada um, respeito às singularidades.

homens, e vice versa. Então, como pensar essa complementaridade e como viver essa aliança?

Estamos presenciando frente a isto a inclusão social de novas parcerias e diferentes modalidades de criação e procriação, ao mesmo tempo em que os relacionamentos já não estão tão duradouros, em contrapartida encontramos hoje relacionamentos mais simétricos do que antigamente, e com maior grau de liberdade para ambas as partes.

Tais possibilidades acabam por nos apresentar diversidades, configurações outras das já existentes. Mas seriam estas novas formas de conjugalidade reflexo ou resistência à lógica da produção-consumo. Tema abordado e refletido no tópico a seguir.

5.3 - Vínculos: da Globalização à Hipermodernidade

Considerando a influência do social e sua transformação na Modernidade, parto agora para a compreensão das transformações subjetivas que estiveram associadas às macro modificações sociais deste mesmo contexto.

Falarei de uma transformação ocorrida dentro da própria Modernidade, uma reflexão sobre a composição do social hoje e suas implicações no modo de se viver a alteridade, que nos posicionará quanto às possibilidades de reflexão sobre os campos intersubjetivos, propósito deste estudo.

As transformações ocorridas durante a modernidade, bem como as conseqüências advindas do cartesianismo referido como uma unidade que se apresenta indiscutível e obrigatória a todos e a cada um. Este modelo atendeu a necessidade de ordenação no mundo que surgia, estabelecendo a certeza subjetiva como critério de verdade e como garantia de conhecimento (Figueiredo, 1996).

Este Paradigma promoveu processos de constituição subjetiva distintos entre aquele momento e o atual. Então, estilhaçado o espelho dos valores universais da modernidade, é na multiplicidade de seus fragmentos que buscaremos nos reconhecer.

Assim, para nos aproximarmos da atualidade, revisarei algumas contribuições recentes na tentativa de apreender o espírito de nosso tempo, nosso “Zeitgeist”, com a ressalva inicial de ser uma aproximação parcial.

Contrariando aquele conceito de verdade, a palavra de “des-ordem” do momento é “complexidade”, a complexidade do real e sua heterogeneidade estão em questão. Freud nos mostrou modos de apreensão do real, *ao anunciar que o homem não é senhor em sua própria casa*, que por não estarem organizados pela lógica racional apontam para o campo psicanalítico. O real, ao ter nele incorporada a dimensão da realidade psíquica, também deixa de ser homogêneo e racional (Castoriadis, 1995).

Essa lógica própria pode surgir em suas muitas nuances, lógica esta que muitas décadas após Freud, Herrmann (1997) chamaria de *lógica de concepção*. Então sobre qual lógica de concepção estaríamos vivendo?

Para Herrmann (1997), o mundo em que vivemos participa de cada um de nossos pensamentos de formas distintas, uma delas é determinando como o sujeito psíquico é constituído. E o autor argumenta:

(...) que a psique que nos usa como lugar de sua ação, mas que nós temos a ilusão de dominar como a um instrumento, não é de nossa fabricação pessoal cria-se no real, desenvolve suas propriedades historicamente e é infundida no indivíduo por seu tempo e sua cultura moldando-o ao estilo presente de pensar (Herrmann 1997, p.131).

Contemplando tais idéias, Lasch (1988), ao estudar a Modernidade nos “fala de uma cultura do narcisismo” resultante do fracasso da família como sistema de orientação moral, da evitação de conflitos por acordos e da acentuação da gratificação instintiva. Propõe a dissolução do indivíduo sob a cultura de massa e considera que o capitalismo produziu uma devastação cultural e psicológica, contribuiu para um mundo onde é difícil discriminar a realidade da fantasia. Assim o processo individual só pode porvir de imagens projetadas e impressões errôneas.

Herrmann (2003), ao discutir este contexto, nos fala de um processo de controle global, a que nosso mundo está submetido, que não se pode limitar ao controle punitivo de ações concretas, mas que se infiltra na própria raiz do ato, para o anular no nascedouro. Discute um novo *estado*, constituído por cadeias de efeitos sem identificação social circunscrita — empresas multinacionais, um sistema econômico despersonalizado e dificilmente identificável, a automação substituindo o trabalho e a informação, o conhecimento — criando o Regime do Atentado, já evidenciado no primeiro tópico deste capítulo.

A ordem que despontava não se podia furtar a promover um progressivo dismantelamento das antigas organizações sociais e mesmo do ato individual. O indivíduo, que parecia ser exalçado como paradigma do humano, estaria na verdade sendo reduzido a uma *impotência patológica* paradoxal: para valer alguma coisa, para ter algum *prestígio ontológico*, tinha de imitar o novo estado do mundo, ou seja, produzir efeitos rápidos, marcantes e autônomos, bem como produzir meios para produzir ainda mais efeitos, mais rápidos, mais marcantes e mais autônomos. Todavia, qualquer que fosse o curso de sua ação, o resultado seria necessariamente anulado,

reincorporando-se na cadeia ampla da automação que se generalizava; não só a automação tecnológica, mas também a da economia e, mais amplamente, a da cultura (Herrmann, 2003, p.2).

Ao reconhecer este recorte da psique do real sugere uma forma de ação política que tende ao ato puro, vale dizer, ao ato que não se cumpre em vista de um objetivo racional, meditado e debatido de antemão, que não se alia a outros atos socialmente deliberados, mas cuja realização apenas cumpre o mandato de produzir efeitos e mais meios, para maiores efeitos. A raiz do ato na reflexão entre interlocutores passou a ser uma região muito exposta à interferência. *Atos impensados*, no sentido mais estrito do termo, de concentrada e imediata eficácia, deslocados do lento processo de reflexão, atos não pensados, ato puro por excelência. Assim o *regime do atentado* cumpre paradigmaticamente tais quesitos (Herrmann, 2003).

De acordo com o mesmo autor, pode-se afirmar que esta condição de *dessubstanciação* do pensamento contribuiu para a perda de substância social e, conseqüentemente, para o prejuízo da noção intuitiva de substância da realidade, indispensável para que o cotidiano nos pareça crível. No entanto, cria-se uma suspeita de falsificação localizada e o sentimento de ser toda a experiência de vida uma invenção descartável dos meios de comunicação. “(...) Como resultado, o indivíduo e a sociedade vêm sofrendo de uma progressiva e acelerada crise de desrealização (...). O mundo cotidiano parece incrível – quer dizer difícil de acreditar, incompreensível, sem substância permanente e, sobretudo, sem substância natural. A natureza humana converteu-se no mais ambicioso dos sonhos de consumo” (Herrmann, 2003).

Desta forma delimitou-se uma diferença significativa entre dois momentos na Modernidade quanto à subjetividade:

A subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma. Em contrapartida, o que agora está em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade. Com isso, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica. (Birman, 2003, p.23).

Birman (2003) nos fala de uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental e os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas.

Bem como nos diz Bastos (2003), “Deus está morto, deus está posto”, ao falar da violência simbólica que vivemos hoje, contemporânea da globalização, que não se confunde com a universalidade tal como o Iluminismo nos legou, que diz dos direitos dos homens, às liberdades, à cultura, à democracia.

O universal parece estar em desaparecimento, ao menos em sua constituição de sistemas de valores, ou melhor, na globalização o universal como idéia aparece, mas o que se globaliza é o mercado, culturalmente dá-se a promiscuidade de todos os signos e valores, assim não há mais diferença entre o universal e o global.

Fala-se muito que a globalização propiciou a legitimidade da diferença, mas o que se percebe é esta confusão entre universal e global, o que está fazendo é “tabula rasa” de todas as diferenças e de todos os valores inaugurando uma cultura (ou incultura) totalmente diferente dos valores universais que conseguiam integrar as singularidades como diferenças numa cultura universal da diferença (Bastos, 2003).

Ao banir o universal como idéia, a globalização torna-se a única instância de referência. A humanidade imanente a si mesma ocupa o lugar do Deus morto. O homem reina sozinho doravante, mas sem uma razão final. Não tendo mais inimigos, fabrica-os do interior de si expelindo metástases inumanas. Daí a violência do global: violência que persegue toda e qualquer forma de negatividade, de singularidade (...). Uma vida cativa, existência protegida, saturação da existência em que tudo se pode, virtualmente, ter, exceto as singularidades (Bastos, 2003, p.266).

Estamos vivendo em um mundo dominado por um só senhor, é a ilegitimidade de um poder que não reconhece a existência de outras singularidades, em nome de uma democracia que só a si mesma contempla, o arbítrio surge deste imaginário narcísico sustentado na onipotência.

Santos (2000) nos aponta que ao mesmo tempo em que vivemos sob a divulgação da inclusão do diferente existe uma ideologia implícita através da globalização que prega a homogeneização do mundo. A “aldeia global” tanto quanto o espaço, tempo contraído, permitiram imaginar a realização do sonho de um mundo só. Pelas mãos do mercado global, coisas, relações, dinheiro, gostos, largamente se difundem por sobre continentes, raças, línguas, religiões, “como se as particularidades tecidas ao longo de séculos houvessem sido esgarçadas, tudo seria conduzido e, ao mesmo tempo, homogeneizado pelo mercado global regulador” (Santos, 2000, p.41).

O atual período técnico-científico permitiu, na prática, que espaço e tempo se fundissem, confundindo-se, em virtude da velocidade com que os acontecimentos são transmitidos atualmente e da maneira como as imagens são articuladas em sua apresentação (Santos, 2000).

Até então a imagem poderia ser interpretada como representação do real, mas com a tecnologia não é mais este que preexiste à imagem e sim o programa (o pensamento lógico formal e cálculos matemáticos), a simulação. Essa é a realidade virtual que na lógica do simulacro, homem, imagem, objeto se interpenetram, se misturam e se desalinham na representação. A imagem torna-se imagem-objeto, imagem-linguagem e, também, imagem-sujeito (Couchot, 1993).

Desta forma, toda natureza, incluindo o homem, pode ser “coisificado” pela simulação. A lógica da simulação não pretende mais representar o real com uma imagem, mas, sim, sintetizá-lo, em toda sua complexidade (Couchot, 1993).

No virtual o real é abstraído e a lógica da simulação torna-se o ideal, onde afetos emoções e pensamentos são transformados por esta lógica e apresentados como ideais ficcionais em imagens virtuais (Gevertz, 2002).

“A ficção como realidade é o campo do imaginário. A ficção como ficção é simplesmente o virtual” (Baudrillard, 1991, p.147). Ou ainda “(...) o que se opõe ao virtual não é o real, mas o ideal de verdade que é mais pura ficção. A imagem de síntese por si mesma não abole os ideais de verdade, pelo contrário, faz desses ideais uma ficção, uma ficção universalizante” (Parente, 1993, p.22).

Daí a importância de distinguir mundo virtual do emocional, considerando lógicas distintas, pois caso contrário estaremos coisificando o emocional e universalizando suas especificidades. Santos (2000) confere que tal processo vem sendo feito pela globalização ao confundir-se, ideologicamente, com o universal. Propondo um real que não é fruto da experiência humana.

Tal indiferenciação, homogeneidade se dá pela distorção entre real, virtual e imaginário e pela imanenência entre sujeito, objeto e imagem. Pode-se dizer que, por representarem o ideal do mundo, as imagens e o mundo virtuais preexistem ao real e geram

realidade, a realidade virtual; e por estar desligada do real o mundo virtual tudo pode, não existem limites, finitude. Assim, o eu e o outro podem existir conforme é desejado, o mundo experienciado como uma ficção, onde o outro não existe, a não ser como extensão de si mesmo. Com a perda do sentido de separação eu-outro, as vivências de ausência e de falta podem ser dribladas e evitadas (Gevertz, 1999, p.271).

Há uma tentativa de equalizar identidade com igualdade e ao se tentar vivenciar este mundo virtual como realidade real, o ser humano cai no vazio, na ilusão de encontrar a felicidade buscada, encontrar situações de intenso prazer.

De acordo com isso, Lipovetsk (2004) nos fala da era do vazio, onde as disciplinas as grandes estruturas deixam de ser o princípio de inteligibilidade do real, estaríamos numa sociedade pós-disciplinar, a qual seria a hipermodernidade e que estaria sob o domínio do efêmero. A era do hiper (hiperconsumo, hipernarcisismo).

Isso não significa que desapareceu todo o poder sobre os indivíduos, os mecanismos de controle se adaptaram, abandonando a imposição a favor da comunicação muitas vezes transmitida pela imagem. Houve também uma notável mudança de rumo na dinâmica do individualismo nascido com a modernidade, no qual a essência agora é o paradoxo (Lipovetsk, 2004).

Para o mesmo autor, a sedução seria a marca que afeta indistintamente os domínios públicos e privados numa lógica emotiva e hedonista referenciada no consumo. Vê-se singularidades pouco originais, pouco criativas, pouco ponderadas, mas mais numerosas e mais flexíveis. E na onipotência da lógica consumista e no relativismo desmedido a superficialidade dos vínculos parecem ter contaminado o conjunto do corpo social.

Lipovetsk (2004) nos fala de paradoxos essenciais e aponta a ação paralela e complementar do positivo e do negativo:

(...) quanto mais avançam as condutas responsáveis, mais aumenta a irresponsabilidade. Os indivíduos hipermodernos são mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos (Lipovetsky, 2004, p.28).

Diz que a mudança se deu, principalmente, no ambiente social e na relação com o presente, não havendo emancipação do indivíduo frente à desagregação do mundo da tradição, ele vive sob o regime da tensão nervosa, do medo da ansiedade e da angústia, em face de um futuro incerto; que fragiliza os indivíduos e conseqüentemente seus vínculos.

Tendo em vista esta concepção de mundo, Peres (2001) aponta para a fragilidade na relação com o outro e na fissura da própria identidade que se traduz na pergunta constante de quem sou, o que faço e o que desejo e que embora o indivíduo possa se dizer livre para escolher, ele fica aprisionado à essa pseudo-liberdade, que nada mais é que a inexistência de laços que o conduzam pela vida. Preconiza que a doença atual é uma *doença de vínculos* e há uma liberdade do vazio que não encontra outra resposta a não ser a angústia.

É possível que nosso maior mal-estar repouse exatamente nessa doença dos vínculos ou, se quisermos, do narcisismo. Já não cremos, não obedecemos, não nos orientamos, não admiramos. E nesse abandono ao outro vai encorajando nossos invólucros narcisistas. O descartável é o predominante em nossa época: valores, pessoas, relações, instituições, objetos, teorias. Assim sendo, necessariamente, para enfrentar o vazio da desesperança, o mundo necessita ser fetichizado – valores são incorporados ao sem valor (Peres, 2001, p.12).

Assim, é a fetichização que dá a sustentação da mercadoria como objeto de consumo, objeto consumível e nunca atingido, porém sempre pronto para ser o próximo de uma cadeia simbólica infinita e sempre mais cara, onde o mito da tecnologia se reitera sem cessar, com a promessa do novo e melhor (Homem, 2003).

(...) o ser humano destitui-se de sua dimensão histórica e inaugura uma espécie de a-temporalidade, constituindo memória desvinculada, carente de marcas vinculares. Sua marca é ser marca. Não se tem marca, se é a marca. E qual marca? Aquela que pode ser a mais deslizante para que o vazio existencial continue circunscrevendo a regra do descartável. Tudo tem que ser deslizante sem barreira, sem contato, sem atrito (Romera, no prelo).

Poderíamos nomear também este regime de pensamento do mundo, de acordo com Herrmann (1997), de *Regime da Farsa*, onde tudo é aparência, havendo uma crise representacional.

Tal farsa é vivida frente à oferta de consumo onde a mensagem veiculada é que se pode tudo, numa falsa ética inclusiva que nos coloca numa posição de tudo poder, na ilusão de não ter que escolher. Há um excesso de tudo, uma promessa de paraíso diante de um imediatismo exagerado. Saímos de um tempo de escassez e entramos no campo do excesso.

Com isso, o real se apresenta e a vida se faz presente, pois na recusa da escolha, o indivíduo se remete ao nada, nega-se a perda. A ordem é de subversão, como se fosse possível percorrer todos os caminhos, mas não podemos escolher tudo e nem mesmo nos mantermos permanentemente conectados. Esta ilusão se faz necessária, visto que a angústia do real está sempre presente, como uma espécie de sombra (Paravidini et al, no prelo).

Por sua vez, a relação de alteridade (simbólico e material) ganha um contorno bastante singular. A atualidade revela um modo de relação masoquista intersubjetiva bastante

proeminente para fazer frente ao desamparo. Nesta perspectiva, o sujeito entrega-se ao desejo do outro, servindo de objeto de expiação frente à carência erótica originada pelos tempos de hiperconsumo, visto os estados fusionais e homogeneizantes (Birman, 2003).

Portanto, a questão, se revela neste princípio do self-service, da busca de emoções e prazeres imediatos e do cálculo utilitarista que culminam na superficialidade dos vínculos que parecem ter contaminado o conjunto do corpo social.

Desta forma este estudo contextualiza-se a partir da reflexão crítica deste conjunto substancial de transformações nas relações sociais, determinado pela era da globalização e pela *hiper-conduta*.

Então, frente a isto o que dizer dos vínculos no campo conjugal, que também sofre destes efeitos, pois está imerso na mesma lógica de concepção deste real: diversidade, liberdade, autonomia e a relação com o tempo virtual (immediatez)?

Não gostaria de ser maniqueísta e aí me tornar moderna, ao homogeneizar (globalizar) os vínculos colocando-os de forma positivista ou negativista, mas gostaria de me referenciar no paradoxal, tão pronunciado pelos teóricos da pós-modernidade ou hipermodernidade. Neste terei o princípio da incerteza, da dúvida, como norte, que tanto pode levar ao vazio quanto à criação.

Tal concepção, problemática, revela como o casal hoje é confrontado por duas forças paradoxais, ou seja, pelas tensões entre individualidade e conjugalidade como descreve Ferez-Carneiro (2000) como também pode ser neste paradoxo, vivido no modo de relação conjugal, que a subjetividade de cada um do par pode se transmutar (Magalhães, 2000) como também a relação.

Para Bastos (2001) o que se percebe é que o casal de hoje perdeu os referenciais do passado, que também geravam conflitos e insatisfações, uma vez sustentados pela reprodução social e biológica, mostrando-se plural em suas novas organizações. Nestas, as configurações

narcísicas dos sujeitos e suas falhas vêm mais facilmente à tona devido à importância concedida ao amor, à individualidade, à independência emocional e econômica e ao prazer sexual, na escolha conjugal.

Um fator de desintegração deve-se a veiculação de uma imagem do casal. Anuncia-se que o amor está à venda e que a felicidade pode ser comprada apelando aos desejos narcísicos de beleza, perfeição e eternidade presentes em todos nós (Bastos, 2001). O que se vê é uma desterritorialização violenta, sendo que o capital inflacionou e esvaziou nosso jeito de amar.

A partir disso, vimos surgir, segundo Fuks (2003), um sujeito mais indiferente em matéria de afetos, com uma modalidade menos densa, sem paixões intensas, falta-lhe uma disposição de passagem para o estabelecimento de projetos pessoais ou coletivos, inclusive em se tratando do conjugal. Aponta para um neonarcisismo próprio da nossa época, uma vez que a possibilidade de dialogar cedeu espaço à imagem, e que a palavra perdeu relevância como suporte de pensamento e da subjetividade, e também como suporte da intersubjetividade e do vínculo.

Frente a isso, a mesma autora observa uma prevalência da aparência, culto de corpos cuidados e uniformizados num mesmo padrão de beleza; sentimento de vazio e a manifestação da retração narcísica nos quais se vive uma vida marcada pelo isolamento, pela solidão, pelo desassossego crônico, pelo embotamento e pelo tédio.

Há também, segundo Fuks (2003), uma tensão existente entre o ideal de indivíduo dotado de autonomia, valorizado atualmente, e as exigências que lhe impõem uma realidade cada vez mais imprevisível, tornando-o vulnerável e capaz de desfalecimentos inesperados. Assim, a relação com outras pessoas pode ser considerada como hostil para o equilíbrio psíquico, gerando hostilidade e retraimento defensivo, o que reforça o voltar-se sobre o ego e principalmente sobre o corpo como objeto narcísico primário.

Essa exigência de plasticidade a esse ego tensionado no limite da exasperação, impõe uma tarefa difícil de recompor a esfera dos valores e de reelaborar um projeto identificatório no campo da identidade sexual.

Estamos falando de um mal estar na atualidade no campo destas subjetividades sofrimentos precipitados por uma intensidade e um excesso pulsional que lança a questão da afetividade e do corpo como crucial na compreensão destes impasses. Os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas (Birman, 2003).

Frente a isto Bastos (2001) nos fala que as identidades tendem a se fragmentar, a perder seus contornos e que diante dessa ameaça os sujeitos passam a se defender narcisicamente onde o corpo entra nessa guerra, o ataque vem da imposição violenta de um eu ideal que é uma imagem outra vinda de fora e esta se torna a única saída para evitar a dissolução.

O eu se cola nessa imagem de corpo configurando uma espécie de ego-corporal nunca pensado por Freud. É um ego aderido, colado, confundido com uma dada dimensão corporal: a de uma única imagem. Nela o eu se gruda em busca de contorno e de definição. Corpos sarados e definidos para subjetividades frágeis e indefinidas. São, como as chama Marisa Maia (s/d) imagens de superfície numa sociedade de espetáculo (Bastos, 2001, p.812).

Assim temos visto hoje o casal X definido imagetivamente na figura da bioestética, da transformação, centrado na figura da mulher, de um feminino pigmaleão, uma perversão do mito de Pigmalião, que se orienta pela perspectiva de um ideal de completude e eternidade, onde a imagem do masculino está implícita nesta imagem corporal, numa simbiose.

Há um certo tratamento serial e universalizante do desejo que consiste precisamente em reduzir o sentimento amoroso a essa espécie de apropriação do outro, apropriação da imagem do outro, apropriação do corpo do outro, do devir do outro, do sentir do outro. (Guattari & Rolnik, 1996, p 281).

Frente a tantas possibilidades e intensidades oferecidas hoje na vivência da sexualidade e da afetividade, associada à materialidade da vida, através da imagem e da promessa de prazer, veiculada por uma idéia de liberdade, o que se percebe hoje é a vivência de extremos, ou nos anestesiemos, endurecemos a toda sensação de mundo, frente ao medo da desterritorialização e nos enclausuramos em simbioses ou se mergulha no movimento de desterritorialização, na pura emoção de mundo. A desterritorialização deixa de ser vivida como uma dimensão, imprescindível, da criação de territórios, para tornar-se uma finalidade em si mesma (Guattari & Rolnik, 1996).

A partir deste movimento instaura-se um processo de ruptura de significados e valores que organizam e sustentam a identidade subjetiva de sexo e os comportamentos práticos o que se apresenta nas mudanças atuais da relação homem-mulher alterando os valores de suas identidades levando-os a sensações de fragilidade antes desconhecidas. Fala-nos também de uma agressividade inerente a este neonarcisismo, marcada na relação dual, pelo enfrentamento mortífero. Toma a forma de uma disjuntiva radical, “ou eu ou o outro”, não havendo lugar para a diferença, a mediação, a possibilidade de lugares para cada um dos dois. O perigo disso reside na convergência entre o narcisismo e a pulsão de morte, ou seja, a pretensão narcísica da coincidência absoluta com o ideal, implicando na morte do sujeito desejante (Fuks, 2003).

No entanto, há nisso uma miséria, pois tem se a impressão, que os fios não se articulam, não há organização de territórios, as intimidades recém conquistadas se dispersam, se desperdiçam (Guattari & Rolnik, 1996).

Deleuze e Guattari (1976) nomearam tais processos de máquinas celibatárias, que na fúria de tecer com tantos fios, tão rapidamente substituídos, não mais conseguimos nos deter. O outro, descartável, é a mera paisagem que, quando muito, mimetizamos e almas penadas viajam por entre essas paisagens que se sucedem. Segundo eles uma Miséria celibatária.

Seria possível inventar uma outra espécie de amor, não tão demasiadamente humana, montagens desintoxicadas do vício de redução do desejo de mundo a um objeto-pessoa ou uma pessoa-objeto, nem tão demasiadamente desumana, montagens desintoxicadas do vício de proliferação de mundos, objetos do desejo, tão desenfreada que não há nem mais mundo nem desejo? (Guattari & Rolnik, 1996).

Guattari e Rolnik (1996), falam de uma “nova suavidade”, que é o da invenção de uma outra relação, do território conjugal, distinta da vontade de poder sobre o corpo do outro, da posse de um gênero sobre outro e da imposição de um tipo de sexualidade. E porque não do uso do corpo pela mídia como normatizador do desejo sexual como dos corpos esteriotipados do casal de hoje?

Nestes *regimes do atentado e da farsa* percebemos que o mundo em que vivemos passa a ter algo de totalmente controlado frente a uma suposta liberdade de escolha e assim também passa a ser a vida a dois, mas também pode constituir uma maneira de vivenciar o mundo inteiramente original. Talvez o pulo do gato fosse compreender e suportar este paradoxo.

O atual momento pode ser considerado, ao mesmo tempo, um período e uma crise? Pode ser visto como período por suas características estarem instaladas em toda parte e influenciar a tudo, direta ou indiretamente. E como as mesmas variáveis construtoras do

sistema estão continuamente chocando-se e constituindo novas definições e novos arranjos, pode ser visto como um momento de crise. De acordo com Santos (2000) trata-se de uma crise persistente dentro de um período com características duradouras, mesmo se novos contornos aparecem.

Herrmann (2003) também nos coloca sobre a gravidade da dessubstanciação da existência pessoal e social, mas é forçoso reconhecer que trazem, como contrapartida, certa consciência potencial, como qualquer crise dentro de um processo crônico.

Portanto, esta desestabilização exacerbada pode gerar paradoxalmente um apelo pela manutenção de referências identitárias. Desta forma podemos produzir um perfil maleável que lhe permita transitar entre os diferentes apelos atuais, tentando manter-se intacto, preservando sua configuração fixa a despeito das forças externas que a desestabilizam a todo tempo, buscando novas formas e resoluções e assim também se reformulando.

Podemos averiguar, que a capacidade de criar elos de ligação e flexioná-los no exercício da conjugalidade vem se tornando um desafio, uma condição cada vez mais fluída, norteadas por uma liquidez moderna e por um amor líquido que vêm se evaporando e transformando-se em matéria dura, em arma-duras neonarcísicas que no exercício destas “ditaduras” de consumo nos leva a questionar o surgimento de novas versões conjugais.

Devido a isto, me propus a conhecer a realidade conjugal atual a partir de um olhar diferenciado daquele que cria expectativas para se ver de pronto, um olhar superficial que vê somente simulacros virtuais. Aponto para um outro olhar de superfície, àquele em que possamos ver a Realidade como expressão do Real. Será possível com ele outras visões, entre-vistas? Foi isso que nos propusemos a investigar entre-vistando e que será apresentado no capítulo seguinte.

6- O TEMPO MÉDIO E CURTO DAS ENTRE-VISTAS: CONSTRUÇÕES

A partir do *tempo médio* das relações afetivas, do drama transferencial: dos sentimentos delicados e das vivências dolorosas que se dão no processo, convoquei a história de cada relação conjugal e o *tempo curto*, estará representado naquele do tempo condicional, dos possíveis, do ato falho a dois que condensa a história em poucas palavras (Herrmann,2006).

Quando me proponho a denominá-las de entre-vistas, falo de uma condição da relação, já estou dando indicativos da minha crença de que há um *entre* e que ao mesmo tempo também estou em relação, de que há também um campo da relação da entre-vista. Parto na busca de um vacilo, de que um terceiro olho pode captar, de um lugar de quem está dentro, que não seria meu, nem da orientadora ou dos entrevistados, mas emergente do campo, reconhecido a *posteriori*. Digo de um tempo de ver onde se apresenta não o que é visto, mas o que se pode descobrir por aquilo que não se vê.

Estarei interessada em definir qual o campo “(...) conjunto de determinações inaparentes que dotam de sentido qualquer relação humana, da qual a comunicação é tão só o paradigma.” (Herrmann, 1991, p.28).

6.1 - O casamento ditado(r)

N tem 39 anos, está solteiro há 7 anos , casou-se aos 23 anos, ficou casado por oito anos e meio e teve dois filhos que hoje estão pré adolescentes . Ele teme o casamento, mas o deseja, angustiando-se neste impasse. Diz de uma conjugalidade regida pelo ditado que dita a própria dor.

“A fenda que nos separa do abismo que nos aproxima”

Paulinho Mosca

Relata que no dia do seu casamento lhe deu uma crise de choro uma hora antes de ir para a cerimônia, um misto de medo e arrependimento, e disse que no fundo sentia que não estava fazendo a coisa certa, mas que como levava até ali, agora iria assumir.

Ele morava em uma cidade pequena desde os 17 anos para onde foi trabalhar. Já estava cansado de morar em repúblicas, ficar sozinho e a cidade também não oferecia recursos para estudar e se divertir, sentindo-se frustrado em morar ali. Sua família morava numa cidade maior um pouco longe dali e quando ia até lá já não tinha mais amizades e vínculos sociais, sentindo-se perdido, sem um lugar. Vi ali um menino tendo que virar homem à força, se virar “esperniar” sozinho.

“Hoje sei que fui pressionado pela falta de recursos do lugar, não tinha horizonte de sair de lá, era um lugar de confinamento. O ambiente interferiu muito e a minha idade também, era muito jovem...”

Ele quis casar, pois acreditava estar apaixonado, **com vontade de casar “ter casa”**, conforto, constituir uma família e ter uma companheira legal. Namoraram um ano e cinco meses, mas a maior parte foi à distância, pois ela morava em Uberlândia estudava e trabalhava e sua família era da cidade que ele morava. Ambos estavam em situações semelhantes e sentiam falta do colo familiar, da familiaridade de contar com o outro. Organizavam-se na lógica da aliança heterossexual reprodutiva. Durante o namoro ela se mostrou uma pessoa compreensiva, que delimitava e respeitava o lugar de cada um.

Faltando cinco meses para o casamento ela veio para sua cidade morar com a família e, desde então, outra pessoa entrou em cena. Neste momento ela larga seus projetos de estudar e trabalhar, até então tidos como prioritários e adere rapidamente à condição de ser uma mulher casada. Seu projeto seria administrar a vida do marido.

“(...) parecia que estava disfarçando, não tive olhos para ver, ou melhor, tive sinais, mas não quis ver. Ela era dissimulada mesmo. (dá uma pausa) (...). Tem um ditado que diz que a mulher casa achando que vai mudar o homem, mas ele não muda; e o homem casa achando que a mulher não muda e ela muda.”

Ele ficou assustado, logo no início, pois no outro dia ele viu a incompatibilidade, ou seja, houve uma mudança de personalidade por parte dela. A pessoa liberal que aceitava opiniões mudou para uma controladora impositiva, ele já não podia mais ir sozinho ao clube da cidade, conversar com um amigo, jogar bola, pois ela ficou ciumenta ao extremo. Ela não importava para dinheiro então começou a cobrar as coisas e a gastar com facilidade, sem limites.

“Casei para diminuir a distância e ela aumentou, a coisa degradingolou.”, afirma N. Estavam separados mais do que nunca, agora pelo casamento, pois às vezes a proximidade demais distancia, principalmente quando ela é feita ao estilo Zoom do computa-dor, imagens de superfície que se distorcem quando de aproxima.

“Eu levei um choque! Como eu não aceitava, deu problema, na primeira semana ela quis voltar para a casa da mãe e com um mês eu já queria me separar. A minha mãe veio fazer uma visita e ela aprontou, deu uma explosão de ciúmes, fez esquete de madrugada, arrumou as malas e disse que iria para casa da mãe de manhã. Minha mãe ouviu tudo e ficou desconcertada e foi embora no outro dia. Eu me perguntava o que fazer e não consegui fazer nada...”

Ele permaneceu tentando: tentava conversar, dialogar, rezar, se comportar como um bom menino. Acreditaram que a vinda de um filho ajudaria e com um ano de casados engravidaram. Ele pensou que as coisas iriam melhorar, mas nada aconteceu. Mais uma ilusão, idealização de que este desencontro poderia levar para caminhos compartilhados.

“A mulher quando tem um filho ela muda, fica paranóica, tudo que ela gostava de fazer começa a reprimir, tudo fica perigoso errado de se fazer. Como o P veio pré-maturo, ela ficou transtornada.”

Ele ia me contando tudo rapidamente, muitas vezes quis pedir para ele ir devagar, mas se eu o fizesse também estaria sendo, qualquer fala seria pré-matura, literalmente nesta relação: “apressado come cru”, os fatos vão se dando de forma adiantada. **Relações pré-maturas.**

O desgaste foi ficando grande para N, pois ela era intempestiva, apelava, gritava, xingava e agredia fisicamente. Ficou marcada para ele uma cena em que ela o agrediu com um cabo de vassoura pelas costas quando ele segurava o filho de seis meses no colo.

Mantinha o casamento pela idéia de família pelo filho e pela esperança, para **garantir sua identidade fixa**, mas se sentia infeliz, angustiado. Outro problema também era o descontrole financeiro dela, gastava muito, fazia muitas contas para ele pagar e também desfazia-se com facilidade das coisas adquiridas.

“Com isso eu fui ficando agressivo, nervoso, me sentia um bicho enjaulado; minha vontade era de desintegrar, sumir (...). Veio a vontade de ficar com outras pessoas de ser feliz. (...) Procurei fazer a coisa certa por algum tempo, não fui leviano.”

Viviam brigando, estavam quase separando quando ela ficou grávida do segundo filho. Devido a isto tentaram ficar juntos, houve uma transferência para outra cidade e a possibilidade de uma renovação. Ela dizia ir trabalhar, mas só lhe dava trabalho, despesas e confusões e, como mãe, não correspondia ao papel esperado, “o que toda mãe faz, é cuidar” disse N. Assim, ele a traiu, ela soube e deu o troco.

“Hoje sei que ela teve algo com alguém, ela deu o troco, mas eu não tinha provas...”

Para quê provas se tudo já estava à prova de fogo cruzado? Pensei...

“Eu queria separar, mas pensava nos filhos. Como viver longe deles? Como deixá-los aos cuidados daquela mãe avoadada? Temia que eles não ficassem bem e que não me amassem por isso. “Eram pequenos, estava esperando eles crescerem”. (...) O que segurava também era o sexo, nos dávamos muito bem na cama, era hilário, separávamos ele de tudo”. (...) Acho que eu não amei, fui apaixonado, foi acabando e sobrou o sexo (...) a paixão vai diminuindo e os defeitos aumentando!”

Fico com a sensação de abertura e fechamento, fico meio perdida neste movimento.

Quanto mais ele a estranhava, se perguntando quem é esta pessoa e o que estava fazendo ali, mais ele se paralisava, *“estava de coração vazio mesmo, não havia mais afinidade”* dizia N.

“Tem um ditado: onde passa um boi passa uma boiada (...) não faça uma vez, depois fica fácil, você se sente desejado, atraente, cobiçado capaz de conquistar e a fonte do problema não acabou.”

Ele começou a fazer faculdade em Uberlândia e veio mais uma possibilidade de mudança, mas conheceu uma garota e começou a ter um caso que durou certo tempo e depois se envolveu com outras pessoas. Parecia haver um vazio cheio de regras ditadas, alicerces instantâneos que se fragmentavam a cada atrito. Espaço paradoxalmente lotado de vazio, ocupado por uma **nova mente ilusória**.

“Não conseguia me controlar, vi que estava vivo, vi possibilidades, horizontes. Como diz o ditado: homem procura razões para trair, e a mulher procura para não trair.”

Fala isto com certa intensidade como se estivesse perdido o controle quando as possibilidades se descortinaram à sua frente; ficou perdido, desnortado e conduzido pelo prazer em contraponto com a dor, prisão que se colocou. Tornou-se prisioneiro disto, desta **lógica do prazer** permanente, da sedução, do descartável em si e com os outros. Ficou preso nesta compulsividade. Quer sair, mas não consegue, por isso que quando quer casar não

consegue se entregar é como se ele fosse voltar a ser infeliz/doente. A dor de estar com o outro, de fazer concessões, ele fez demais... “agora só”, quer somente alegria. **Tenta conjugar um prazer permanente com relações provisórias**

“A vida a dois foi tornando-se um disfarce, quando saíamos parecíamos dois namoradinhos, parecia que tudo estava bem, era muito falso. Quando você vê um casal onde um está para cada lado, eles estão juntos. Tentávamos, mas caía na mesma mesmice.”

O que os unia era a possibilidade de estarem separados, de serem desejados e desejantes. A partir de então vão viver outras coisas, mas permanecem casados, não conseguem desfazer o vínculo doentio.

Eles estiveram para se separar várias vezes, já se separaram de casa por algumas semanas, dias e horas, mas sempre a culpa fazia com que ele retornasse. Ele sabe que fez de tudo para ela separar, era sem educação, desfazia dela, ignorava, era indiferente, não era carinhoso, parou de investir na casa e na relação.

Ele assumiu sua raiva, descontentamento, mas não assumia sua vontade de separação. Por alguns momentos fiquei com uma impressão de que eles, o casal, ia desaparecendo, mas não sumia. Afinal ele se apresentou como separado! Fui ficando angustiada, então perguntei apressada, me adiantei: Mas então o que fez vocês se separarem? O que seria capaz de dar um fim a esta série de acontecimentos provisórios!

“O que fez eu sair foi aquilo!”

Aquilo o quê? Perguntei no fluxo da sua fala... Assim como minha fala foi expulsa de dentro de mim ele foi expulso dessa relação tempo-espera no casamento e agora comigo. Estávamos no campo da pressa, traindo a esperança.

“A traição dela... já havia perdoado uma vez, em nome da família Mineira. Ela armou a situação, foi premeditado, ela pediu para uma amiga ficar com os meninos para ela sair num dia em que eu estava de plantão. A partir daí saí de casa. Seis meses depois ela já

estava com outra pessoa, não sei se era ele não quero saber. Tivemos vários flash back's mas não pensava em voltar, era pura luxúria."

Ele está sempre começando, a cada relação de consumo consumada, ele parte para outra, aperfeiçoando sua expectativa de um feminino mais completo, que não o irá fazer sofrer, ditar a sua dor. Ele insiste em não querer saber da sua traição! Ser o seu ditador.

Oscilava entre o ditado e o dita-dor de si mesmo.

Foi a presença e suporte de outra mulher que garantiu a ele a possibilidade de continuar sem desintegrar. Esta lhe ouviu, orientou, cuidou, suportou, transou, fez tudo que ele sempre esperava encontrar em uma companheira, seu ideal feminino materno. Também fez terapia onde encontrou outros sentidos para sua vida, outra visão de homem, marido e pai.

"A pessoa com quem eu já vinha saindo me deu o maior suporte neste período; ela foi a muleta real que fez eu dar conta de separar. Quantas vezes ela me ouviu, foi carinhosa e nunca se posicionou quanto ao que eu deveria fazer... tive para voltar várias vezes e ela me ajudou. Iria voltar pela comodidade, a separação implica numa mudança terrível."

Como você ficou?

"Aliviado, culpado, angustiado, por causa dos meninos, medo do que aconteceria com eles, medo de ser rejeitado e de deixar de ser amado por eles. Nunca tinha me sentido tão perdido. Vi na terapia que tinha o direito e a possibilidade de ser feliz e que o casamento foi um projeto que não deu certo e que podem vir outros. Tirei a culpa das minhas costas".

A culpa acabou, mas o vazio continua. N acha que tem que ter alguém, dizendo: **"sinto-me um aleijado social"**, diz que a sociedade discrimina a pessoa solteira e que procura por alguém mas se sente às vezes incapaz de conjugar uma união fixa e duradoura. Mas o medo de romper com a tradição, educação familiar, com o bom filho, o homem de bem, e com o "consenso" dos ditados populares fez o garoto perfeito se transformar no ditador de si mesmo, preso na idealização do casamento para sempre "na saúde e na doença" e na fixação

da procura do feminino na mulher perfeita que ele nunca encontrará e por isso se inquieta tanto.

Eu: Foi preciso muita dor para enfrentar seus medos! Um herói sem coragem?

“Apesar dos meios terem sido tão ruins, precisa coragem para assumir antes, todos vão ao limite. É como um dependente, depois da droga cai no vazio, então queria instalar o ciclo vicioso novamente, quando começava de novo eu caía fora. Queria me relacionar, gostar de alguém, ser amado, mas saí louco à procura de diversão bebida e mulheres”.

“Fui ficando, fiquei com muitas, como diz a música já tive mulheres de todas as cores, todas as idades, mulheres cabeças, casadas, carentes e desequilibradas (Martinho da Vila). Estava na tentativa, ver se eu acertava, procurava, mas em cada uma encontrava um prazer, mas um defeito também, não sentia nada e caía fora rapidamente. Refleti alguma coisa com isso... Amor é mais atitude comportamento, pequenos gestos, do que um sentimento pronto. Amor é construído com respeito e afeto recíproco”.

Neste momento ele me surpreendeu, **não havia só vazio ali**, em meio a tanta “coisa” ainda há possibilidades de implicação dele com alguém... fora do ditado. Ele deixa escapar um leve traçado na sua trajetória, a possibilidade de uma outra sensibilidade no amor, para além do ideal do ditado, da ordem do construído.

Ele quase voltou para a ex-mulher depois de tudo isso, mas não o fez, pois encontrou outra pessoa que tinha tudo que ele desejava, mas com o tempo, quatro anos de relacionamento voltou a sentir-se perdido novamente e a questionar quem é esta pessoa com quem ele estava. Então separaram porque ela tinha outros, ele descobriu e terminou.

“Ela era tranqüila transmitia calma, me ouvia, me sentia muito bem ao seu lado. Mas ela era muito passiva, não desejava outras coisas além de se casar comigo, ter um homem e filhos, não tinha projetos de vida além do casamento. Isto me atormentava, tinha muita

cumplicidade, amei, mas isto me angustiava e me deixava inseguro, oscilava muito entre assumir ou não o relacionamento desta forma.”

No momento está com outra pessoa, cicatrizando a ferida deixada, depois que soube que a ex-namorada tinha se casado ele afirmou: *“definitivamente ela morreu para mim”*.

“Agora estou com a L, ela me parece companheira, parceira, trabalha, tem sua autonomia, sabe o valor das coisas e está disposta a cooperar com as despesas de uma vida a dois. Já pensamos em nos casar, mas ela não fica em torno de só se casar e ter filhos, mas quer crescer profissionalmente, ter vida própria.”

Mas com as outras duas, você também, inicialmente, acreditava ter encontrado a mulher perfeita! Teria um tempo necessário de espera para se conhecer, o outro e a nós mesmos na relação, antes de ir para o casamento?

*“Eu já tenho 39 anos já vivi muitas coisas, **não preciso esperar para saber o que quero**, estou com vontade de viver uma vida de casal, com parceria confiança e segurança, preciso organizar minha vida. Tendo condições financeiras, ela tem senso de cooperação não precisa esperar muito! **Isso** é para casais novos que não têm condição financeira, estão estruturando a vida.”*

Você conhece o ditado que amor rima com dor! Entro no ditado, pois me vejo sem esperança de vê-lo esperar, me adianto. Talvez tivesse a ilusão de afetá-lo jogando com este ditado... já que ele adere com facilidade ... então novamente conjugamos o mesmo campo.

“Ele ri e diz que este ele não conhecia.”

Mesmo no **campo da pressa**, ao não saber esperar vive na esperança de conjugar algo diferente no casamento. É um herói machucado na guerra do casamento, mas ainda persiste na batalha, não desertou.

6.2 - Sobre casar: a conquista de um tempo que é a insônia da eternidade.

Casal recém casado. Ela vem de um **longo** tempo de solteira e ele de um casamento há **pouco** tempo terminado. Conjugam um meio tempo para recomendar uma vida casada.

*“Minha procura por si só já era o que eu queria achar...
...E saiba que forte eu sei chegar...
Mesmo se eu perder o rumo!”
Ana Carolina*

Primeiro Tempo: a solidão

F, Inicia sua fala dizendo que ficou muito tempo sozinha, era uma procura constante por alguém. Norteava-se por alguns quesitos como beleza, dinheiro, inteligência e cultura.

“A solidão, acabei acostumando com ela, depois lhe dei outro sentido. Impulsionava-me a ir em busca de mim mesma.”

Num primeiro momento começou a experimentar. Ficar com muitos, sem critérios, acabou sendo uma condição de sustentabilidade para continuar sozinha.

“Procurava os príncipes e estes me desencantavam, fiquei com os sapos, aceitava tudo, queria ser descolada, aquela que não buscava compromisso. Assim não demonstrava minha insegurança.”

Uma princesa moderna, segura, confiante e independente. Questões como a fragilidade, a espera e a entrega passaram a ser vergonhosos para se mostrar.

“Ouvi dizer que o Romantismo não acabou, o que acabou foi a formalidade. Tornei-me uma princesa às avessas.”

“Entrei no ritmo e acatei o que uma amiga dizia: enquanto o homem certo não aparece vou me divertindo com os errados. Se é assim... saí a me divertir, não me comprometi em nada. Mas nem sempre isso era divertido mesmo. Tornei-me lisa que nem sabonete.”

“Virei caçadora, Diana dos asfaltos, amazona veloz que não se detinha nunca em lugar e em colo nenhum. Havia desistido da minha busca. As presas não eram desejadas, eram apenas isto: presas abatidas para que eu pudesse me sentir livre, mesmo que isso me doesse tanto, pois essa não era eu.”

Nesta última fala, F revela um lugar de angústia. Ela adere e descola repetidamente, substituições de objetos, ausência de desejo. **Anestesiamento da afetividade em si, no outro e entre eles, na relação.**

Por tanta **idealização** desapareceram os possíveis encontros, houve um momento de desistência. Um vazio frente a tanto volume.

“Então me entreguei à solidão, parei de procurar o outro ideal e fiquei só comigo. Estava mais madura, com 30 anos, me vi mudando o rumo da minha vida, novo emprego, novos projetos de trabalho, estava realizando um sonho.”

Conseguiu sair de uma condição que a aprisionava, do trabalho que realizava com sofrimento, o que lhe fortaleceu para ocupar outros, dentre eles a relação a dois.

Esta parada foi possível, pois conseguiu reconhecer um lugar para si, numa possível relação. Ela apresenta a imagem de um feminino moderno, independente que sabe o que quer e deseja o que não quer, ou seja, a relação com o outro.

*“Quando parei de procurar, encontrei. Estava **perto** de mim, mas eu olhava para longe.” Disse ela. Corria atrás do tempo para não se haver com seu tempo.* Ela olhava só para si com medo de não ser vista e acabava não enxergando a sua vista.

Segundo tempo: reformulando quesitos

Uma terceira pessoa que conhecia ambos, por achá-los parecidos, provocou uma aproximação, um encontro marcado que marcou o encontro.

“No primeiro encontro já fiquei bastante interessada, vi um homem separado com um filho. Encantei-me com ele como pai com seu filho, ali estava um homem diferente...”

Nesta época, uma amiga lhe apresentou uma lista de quesitos para estar com um homem: não poderia já ter sido casado, ter filhos, fumar, beber, ser pobre. Ela ficou chocada, pois estava tentando largar seus quesitos, então começou a revê-los.

Quais seriam seus requisitos naquele momento?

“Quais??? Poder confiar e fidelidade.”

Os dois já foram traídos por outra pessoa e se traíram ao ficar numa condição não desejada em relações anteriores.

Ele permaneceu no casamento para sustentar a idéia da família ideal e para cuidar do filho, pois a mãe não se comprometia nesta função.

Ela permaneceu experimentando para sustentar sua imagem ideal e não cair na solidão. Aderiu a imagens de superfície estimuladas por uma lógica do descartável, do consumo sedução.

“Combinamos sermos abertos um com o outro, não termos disfarces.”

“Ele diz que eu lhe chamei a atenção devido ao meu jeito descontraído, uma mulher que sabe se divertir, descompromissada, com as regras de conduta impostas a uma mulher.”

Quando eles se conheceram ele tinha três meses de separação. Ela ficou muito insegura, medo de ele voltar com a ex, ele queria se divertir, ela o queria muito e fez de tudo para dar certo, abriu mão de muita coisa *“tinha que dar certo”*.

Ela estava perdida em quais seriam seus requisitos, foi fiel às vontades dele e à sua de dar certo.

*“Eu me joguei de cabeça nesse projeto, era **agora ou nunca**.”*

Aponta um segundo quesito. Seria o de se sentir bem ao lado dele, não precisar fingir.

“Lembro que já no início fui até a casa dele e tirei o carro da garagem, quase bati, o carro morreu e eu nem liguei”.

Fala da sua pressa no manejo das coisas que conduz, em conduzi-las.

“Fumava, bebia perto dele, dei minhas ratas. Uma pessoa sem noção.”

Outro quesito lembrado por ela é ser uma pessoa crítica, não dar valor no ter por ter, não pensar só no material. Diz que tiveram uma identificação cultural, coisas que se mantêm até hoje.

Deu uma risada e disse:

*“agora ele cismou que devo ler: Casais inteligentes enriquecem juntos.(...) **Descobri alguém que é do jeito que eu procurava, mas não sabia como era até encontrá-lo. Com quem me senti livre pra ser eu mesma. Que me fez descobrir o amor.**”*

Terceiro Tempo: driblando o casamento

Assim que se conheceram começaram a namorar. O primeiro beijo foi iniciativa dela depois de desistir de ficar esperando por ele.

“Eu tinha na cabeça desde adolescente que: conheceu um rapaz não beijou, não vai beijar mais.”

Ela tem a idéia de que **tudo tem um tempo para acontecer** e tem que ser agora.

Estavam namorando há um mês e ele ainda não havia tentado nada. Este tempo para ela já era muito, *“me impus este tempo de espera”*. Então novamente chegou nele, tiveram a primeira relação sexual e não houve encontro.

“Já ouvi dizer que a primeira vez de duas pessoas é sempre uma primeira vez”.

Apesar de ela já ter transado com outras pessoas, não considera que tinha experiência. Conversaram bastante sobre este desencontro e se propuseram a experimentar. **Inicia aí um projeto em comum, conjugando a possibilidade de um (re) começo.**

No primeiro ano de namoro fizeram tudo que tinham vontade, foi um tempo de conhecer e aproximar. O filho vinha de 15 em 15 dias, mas a presença da ex-mulher, da história deles era algo difícil de lidar. Queria construir sua história, mas tinha que conviver com uma história pronta, vivida antes dela. O filho delimitava bem este campo e teve que manejar muitas exigências, dela e deles.

Queria a certeza de que teria alguém só para si, fidelidade, mas sente-se traída, pois tem que **dividir** o companheiro com o pai de seu entiado, àquele com quem se encantou no primeiro encontro à primeira vista, por ser um pai diferente, e com o ex-marido que já traz uma história conjugal pronta.

No segundo ano ela passou a morar com ele, suas coisas estavam todas lá mas, não sentia pertencer àquele lugar.

“ficava com as malas nas costas, entre a casa dele e a dos meus pais.”(...) Aí veio a questão do tempo que eu me imponho, 31 anos, quero casar, ter filhos, a minha casa, um lugar para mim.”

Estava estruturando um futuro com ele, dividia contas, saldava dívidas, ajudava nas despesas e mesmo assim não respondia como dona da casa, não tinha um lugar definido.

Então informou a **vontade de casar** “*tinha que ser no civil com aliança e tudo*”. Ele concordou e veio adiando, disfarçando. Surpresa! Cadê aquela mulher descolada das regras de conduta impostas a uma mulher.

“É difícil assumir, tenho medo de ficar solteirona, percebi que os rótulos são importantes para mim, quero ser uma mulher casada que tem sua casa e é mãe também.”

A partir de então passam a conjugar o trato de serem claros na relação. Ela adianta, ele adia.

Marcaram a data, ele não se manifestava. Ela cansou de esperar, estava magoada.

“Ele iria ficar barrigando, ele veio barrigando no casamento dele, não me sentia a vontade, era uma intrusa.”

Quando ele conseguiu falar que não queria, ela saiu da casa e dos projetos conjuntos. Houve neste momento uma **expectativa de trânsito**, prenúncio de ruptura com a identidade de mulher que sabe e consegue tudo o que quer e a dele que passou a definir o que quer.

Então você iria abandonar seu projeto?

“Eu iria continuar com ele só que investindo nas minhas coisas.”

Mas então, o que muda?

Ela diz: o que muda...? e dá uma pausa (Fico perdida e já nem sei o motivo porque havia perguntado, repito o que ela disse para não perder a conversa).

Eu: O que muda? Momento de confusão para mim e para ela. Agora abalou o campo da nossa relação, deixamos o saber, passamos a não saber onde estar.

“Eu queria saber o que ele não queria. Qual a dúvida?” (...) “Querida saber se não queria eu ou o casamento.”

Segundo ela, não era uma coisa nem outra, era uma dificuldade dele em tomar decisões. Assim voltamos para o saber, a saber...

“Então ele me chamou para jantarmos e me pediu em casamento. Disse: vamos firmar o ‘gorpe’ e eu aceitei.”

Nesse meio tempo do jogo, nesse meio termo, surge uma possibilidade de trânsito. Estão no **campo da incerteza**, mas eles recuam e aderem à razão, que paradoxalmente a própria razão desconhece.

Começaram a correr atrás do casamento, data, festa, comprar casa, mobiliar. Casa esta que entrou em reforma e até meses depois do casamento ainda não estava pronta. Esta seria provisória, pois daí um ano irá construir outra. Ela já não vê a hora desta reforma terminar, pois suas coisas continuam desorganizadas.

“Esse período foi tão tumultuado, corrido, por fim, do jeito que saísse tava bom.”

Neste caso os meios justificaram os fins, ao adiantar o casamento atrasa a possibilidade de casar: dividir, esperar, suportar a diferença.

Há um abalo na **lógica do possuir a relação**, como um objeto de consumo, abre-se uma questão: como estar na relação, afetando-se com a presença do outro. Este quesito foi conjugado por um instante, ao serem críticos quanto ao ter.

Quarto Tempo: de indefinição...

“Quando me vi estava casada, até agora me surpreendo: cristaleira, mesa de vidro, casa pronta, já tenho tudo para a casa, falta organizar.”

Depois que se casou sentiu mais segurança?

“Ainda é cedo, foi tão rápido o negócio, está confuso, a casa em reforma, emprego novo, casa nova, situações novas. São tantas coisas a cuidar, tarefas de uma dona de casa, rotina, despesas.”

Agora consegue ficar na casa dele até a outra, a deles, ficar pronta. Dá para esperar sabe que é provisório.

Você encontrou o lugar?

“Vi que casar não dá o lugar, agora que estou começando a delimitar, antes era um não lugar, com um não tempo, minha vida ainda está espinicada, mas agora tem um prazo. Eu não vislumbrava um pouso, agora eu tenho certeza de um tempo.”

Tem?

Ela ri e responde:

“É... a gente nunca tem...” (...) “É como fazer estágio numa empresa e não saber quando será contratada e vem outra e te oferece um emprego, você não vai ficar esperando lá, vou para o outro, é certeza que vai dar certo”.

É?

“É não é... (e riu) (...) E agora tem o filho dele que anda me deixando esgotada, não sei o que fazer, como me posicionar, temo ser crítica. Agora ele vem morar com agente, a mãe vai para fora do país. Vê se pode, ela acha que vai ganhar dinheiro e volta bem para o Brasil! Sabe já estou repensando a idéia de ter filho...é complicado.

Eu: Tem horas que a fantasia é a nossa certeza, para continuar tendo esperança. De novo aponta para a sua lógica onde um é pouco, dois é bom e três é demais.

“Preciso cultivar a paciência do pescador, que espera às vezes uma vida inteira por um peixe que valha a pena. E cá entre nós paciência não é muito o meu forte, mas eu quero aprender. Tenho muita certeza disto, e sei que sou capaz. É que às vezes me pesa um pouco ter que segurar sozinha estas minhas inquietações todas. O temor de que no final, a espera não tenha adiantado, e eu me frustre. Mas assim é o mar. E o amor também.”

Agora você está em alto mar!

“Eu não imaginava que casar dava tanto trabalho!”

Sente se fragilizada frente à atemporalidade do amor, um desconhecido que angustia a quem tudo sabe e não duvida das suas certezas. Sente-se angustiada pois há mar (amor) para todo lado, não quer afogar-se; sua saída é permanecer esperando, esperar para poder transitar.

naquele lugar havia uma pedra,

que parou para ver o mar,

*o mar não parou para ser olhado,
era mar para tudo que é lado.*

Paulo Lemisky:

A mulher dos quatro tempos queria jogo rápido “em dois tempos” acabou indo para a **prorrogação** e outros abalos neste campo de jogo virão. Quanto mais aumenta o tempo do jogo mais diminui a distância da definição do resultado, podendo este ser modificado num instante.

6.3 - O Casal no ideal de filho

Este casal se dispõe a falar, com prazer, do modo de conjugar sua união, contam sobre a condição de não quererem filho de modo descontraído e ao mesmo tempo resistente. Conjugam a idéia de filho.

*É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã...
Porque se você parar para pensar,
Na verdade não há ...
Renato Russo*

A formalidade: O casal sem filhos...

Desde que namoravam decidiram por não ter filhos, estão juntos há alguns anos e permanecem não querendo, dizem já acostumados à vida de casal. Isto significa para eles, fazerem tudo junto, **autonomia de fazerem o que desejam**; investir na carreira, viajar, adquirir bens, ter casa própria. **Dizem se divertir muito por terem possibilidade de escolha e liberdade de ação.** Possuem a ilusão de ter controle sobre a manutenção da felicidade e que filho seria um fator impeditivo que desarticularia essa potência produtiva do casal.

Contam que já são conhecidos pelo casal que não tem filho e que em quase todos os lugares este assunto aparece por indicativo de terceiros que voltam ao assunto ou que fazem questão de contar para outros da escolha feita.

Fala articulada entre os dois: *“Então temos que começar tudo novamente, parece um ritual, com as mesmas perguntas: Como pode? Vocês não têm vontade de serem pais? Todo mundo quer ter um filho? Vocês não vão dar continuidade à família? Não temem a solidão na velhice? Chega uma hora que todo casal quer. Já houve vontade um dia? Os dois concordam em não ter filho? Você não tem vontade de ser mãe, porque de homem isto pode até ser esperado? Um casamento sem filhos não é um casamento! Dá um trabalho uma canseira responder...”*

Pensei..., mas responder o quê além do não? Os dois foram dizendo os dizeres, e conseguiram que eu sentisse o esforço deles em manter uma não resposta, a **angústia**.

Sentem-se às vezes **excluídos socialmente**, *“parece que as pessoas querem descobrir algo de errado em nós”*. A maioria das pessoas não concorda e afirmam que um dia mudaremos de idéia e outras, poucas, dizem aceitar diante de uma razão importante para isso. Já mudaram o repertório de justificativas várias vezes, na tentativa de serem compreendidos e aceitos. Atualmente para encurtar a conversa, **ela diz que estão pensando**. Recurso utilizado para diminuir a angústia deles e dos outros frente a este desconhecido mundo da desfiliação, de não se sentirem filhos, e também da não ocupação dos papéis paternos. Convivem diariamente com a questão deste para além do modelo da família tradicional, tendo que reafirmá-la no discurso.

“Ela: Parece um trabalho de parto em que querem tirar um filho a força.”

“Ele: a Forceps.”

Eu: Essa decisão não parece tão descontráda assim ...

“Ela: Sabe! Às vezes é tão difícil, a pressão é grande para este filho sair!”

A cultura naturalizou a reprodução no matrimônio, mas o sujeito contemporâneo ampliou sua possibilidade de escolha e deslocou seu desejo para outros objetos?

Dizem ter um relacionamento muito bom, gostar desta **rotina** e de fazerem **tudo juntos**.

“não tem o que é meu e o que é dele, tudo é nosso, construímos as coisas juntos. Algumas pessoas nos elogiam pela nossa cumplicidade e outras nos condenam por isso, mas estamos satisfeitos assim.”

A informalidade: filhos melhor não tê-los, ou melhor, o estranho familiar.

Eu: Cúmplices?

A partir de então só ela falou, ele retraiu-se e ficou mais ouvindo.

Eles garantem uma vida conjunta, dividem as contas os débitos e os lucros, independente de quem contribuiu mais ou menos e com as tarefas de casa também. Planejam o dia-a-dia juntos, *“somos um para o outro, fazemos as coisas para agradar a ambos”*.

Temem que com um filho isso se perca. Traz a questão da impossibilidade, de ser completo (eternamente feliz) que a estranheza do convívio familiar apresenta, estão no **campo do prazer e da dor** que a familiaridade conjuga, sendo conjugado na relação atual.

“Eu tinha muito contato com a minha família, mas aos poucos fui me afastando, fui percebendo e ele foi me mostrando como eles eram... e realmente não dá para ter contato. Hoje fico um tempão sem ver meus pais e irmãos, não dá para relacionar.”

“Com a família dele também não temos contato, não vamos à casa dos pais dele, ele tem só uma irmã que é muito estranha. Há quatro anos que não passávamos o Natal juntos, e ano passado resolvi fazer lá em casa, e chamei só os pais dele.”

As famílias cobravam um filho, agora já não falam mais nada sobre isso. Para o casal os amigos, bem escolhidos, é que podem se tornar sua família. Tentam fazer uma transição da família intensa (privada) a uma família extensa (social) constituída pela afinidade, mas a fragilidade do vínculo permanece.

“Ele é muito na dele, prefere conviver com os amigos e sente mais à vontade do que com sua família. Não é qualquer um que levamos lá em casa, só as pessoas que nós gostamos, damos mais valor aos amigos.”

Eu : Vocês só fazem o que gostam e gostam do que fazem, é assim?

“Ele: diríamos que planejamos uma zona de conforto.”

Fiquei tensa com este conforto, me senti desconfortável ali, aparentam uma descontração que é tensão. Neste instante ela traduz ou eu traduzi, traduzimos o que se passava na relação.

Ela vira-se para ele e diz:

“Mas às vezes ficar avaliando demais gera desconforto!”

Ele fica calado e não olha para ela.

Deixam de conjugar a mesma idéia, há silêncio, expressa diferença.

Ficamos em silêncio por um instante... Neste momento não houve explicações ou respostas a serem dadas. Estranha contenção de algo entre eles que não pode ser revelado. Conjugam o prazer de ter e não ter, de ser e não ser, filhos. Sustentam a tensão e o temor **pelo imprevisto, há um campo pré-visto.**

Fantasiavam a garantia de um campo de isolamento, como se fosse possível uma desafetação do estranho que há neles e nos outros, do desencontro que pode ser transformador.

Neste sentido um filho também os colocaria neste risco, frente às suas impossibilidades, das quais planejam deixar de lado. Para eles a inclusão só se dá frente critérios bem estabelecidos, será então que há possibilidade de...

A questão: Filhos. É possível tê-los?

Ela retoma a fala, um feminino que não quer calar, insiste a questionar!?

“ Como vamos fazer para ter filho!? Nós dois trabalhamos o dia todo, saímos às 7:00hs da manhã e retornamos às 19:00hs , precisamos dormir a noite toda, almoçamos em self-service todos os dias e aos finais de semana fazemos uma comida rápida, queremos ficar quietos em casa, descansar ou passear. Nós estamos no momento de construir nossa carreira profissional, queremos ganhar dinheiro.”

Quem irá sair desta zona de conforto para conceber o filho? Ela aponta para a privacidade da relação e questiona-se sobre maternidade.

Dizem ter um grupo de amigos onde alguns já têm filhos, pessoas da mesma idade que sempre estão se reunindo e que “às vezes isso mexe um pouco com nós”.

“Ele: Mas são visíveis as dificuldades que eles passam, ficamos observando nas festas, eles não divertem, não conseguem relaxar nos lugares, sempre preocupados com a saúde/educação/futuro dos filhos quando não estão corrigindo, fora a vida financeira que vive desorganizada em decorrência dos imprevistos com as crianças. O casal não tem tempo para eles e começam a brigar em decorrência das dificuldades e alguns já se separaram ou pensam nisso com frequência. Eu observo tudo isso”

Quem entrará nesta zona de conflito para conceber um filho? Ele aponta para o público e as demandas sociais contemporâneas e se questiona sobre paternidade.

Eu: Ter ou não ter..., eis a questão.

Ela: temos medo de perder a nossa união.

Eu: Há uma possibilidade?

Ela dá um sorriso sem graça.

Ele fica sério e formalmente me diz ter um compromisso e que precisa ir embora.

Eu: Há uma possibilidade...

Ele levanta-se e ela o acompanha, por enquanto, vejo que ainda é preciso que tudo permaneça como está.

Agradeço a entrevista e me disponho a continuarmos a conversa, ela diz que gostaria e que voltaria a me procurar, ele não diz nada e se despede formalmente. Fico com a sensação de que há algo falso, um certo, que é duvidoso.

Frente a tantas incertezas ao conceber um filho, apresentam “**o filho**” que para eles passou a ser a idéia de não ter filhos, é desta **idéia que ambos cuidam**. No campo da entrevista conjugamos a questão do filho-idéia ou idéia de filho.

6.4 - Um horizonte de (in)(di)visibilidade .

Casal de homossexuais que vivem juntos há nove anos, mantém uma união de comum acordo em coabitação. Conjugam um não saber sobre a diferença existente na relação.

*Dizem que sou louco, por eu ser assim...
Mas louco é quem me diz que não é feliz
Eu juro que é melhor não ser um normal
Se eu posso pensar que Deus sou eu.*
Nei MatoGrosso

Convidei o casal para participar da entrevista sobre conjugalidade, pedi a D que convidasse F, ele concordou e disse que falaria com F.

D chega sozinho, pergunto por F e ele me diz que não havia comentado com ele e se eu o tinha feito. **Fico por entender** e lhe digo que não. Diz ser melhor estar sozinho, poderia dizer algumas coisas que na presença dele não diria e que depois eu entrasse em contado com F para ver se ele gostaria de participar.

Apresento sucintamente a pesquisa e ele inicia dizendo não ter problemas mais com a homossexualidade e **se questiona “se isso pode ser um problema!?”**. Será que ele ainda se afeta com este abalo identitário?

Há quanto tempo vocês estão juntos, qual a história de vocês?

D conta que quando conheceu F, não tinha mais dúvidas da sua homossexualidade já há algum tempo, mas que para D isso ainda era muito desconhecido, tumultuado, pois ele sentia atração, correspondia, mas **não queria se reconhecer homo**. Havia um “*clima*”, que excitava a relação (o proibido), eram amigos e foram se apaixonando. Havia a tentativa de controlar o descontrole que a paixão e os impulsos sexuais lhes impunham, queriam estar juntos.

Com o tempo, depois de muitas dificuldades F foi aceitando e passaram a ficar juntos, mas ainda com muitos conflitos por parte dele. A relação afetiva e sexual era vivida na casa de D e poucos sabiam deles.

Conta que um dia, estavam na sua casa e F o viu guardando algumas roupas, ele diz: “*o que tem a ver isso*”, mas segundo o que lhe conta F, foi neste momento que ele sentiu vontade de morar junto e o convidou. Ele diz que nunca havia pensado nisso, para ele a relação já existia, morar junto não tem a ver. **Ainda não estava pronto, isso ainda ficou a ser visto?**

Então passaram a morar junto. Diz ser agitado, gosta de fazer muitas coisas, badalação, passear, viajar, sair com amigos, ir a festas, conversar com as pessoas e que F é

mais parado, lento, faz tudo devagar, com muito cuidado, dedicação, gosta de ficar em casa, lendo, escrevendo (estudando), vendo um filme, dormindo.

“Eu sou atirado, arrisco, vou atrás do que quero já o F tem medo de tudo, de investir financeiramente profissionalmente, é muito cauteloso. Eu quem o incentiva e encoraja.”

Diz que gosta de oferecer o conforto, comprar coisas para casa, decorar, cuidar dos pequenos detalhes, de pensar nos investimentos materiais, que ele é o suporte material e que F dá o suporte intelectual, teórico e preocupa-se em lhe oferecer isto. Fala que faz tudo sozinho, viagens, festas com amigos, compras para casa. Hoje um não exige do outro que o acompanhe, D já tentou conversar, entender, reclama sua presença, mas não deixa de fazer o que gosta, F por sua vez não reclama, somente em alguns momentos sente ciúmes de um parente (afilhada de D) ou de um amigo.

D às vezes gosta que ele sinta ciúmes e acredita que talvez pela ameaça ele possa reagir, socialmente faz quase tudo sem o parceiro. ***“A quietude me incomoda, sinto solidão, deixa lacuna!”***

Há uma diferença clara entre eles, que os une, e que os ameaça de separação, este é o ponto de fixação, sustentação da relação. O que deixa a desejar a relação.

Então... O que compartilham?

“O dia-a-dia, o suporte para os problemas diários com trabalho, família, convívio social. Gostamos de namorar, das mesmas leituras, filmes, músicas, conversamos muito, sobre tudo, vamos ao cinema e a alguns poucos encontros com amigos em comum. Temos o companheirismo, a amizade, a cumplicidade, o cuidado um com o outro, que para mim é o amor. Sei que posso contar com ele, hoje talvez temos menos paixão, temos amor”.

Aparece então um esboço de conjugalidade um em comum, um nós articulados no mesmo campo e também uma delimitação de um e do outro.

Qual sua idéia de família?

D. Diz não gostar muito da idéia de família, não se sente à vontade com a sua, para expressar seus sentimentos, buscar ajuda, não se vê pertencendo a ela, não se sente afetivamente acolhido nela, não os tem como recurso que pode ajudá-lo quando precisa mas diz ser o recurso da família quando precisam. Avalia que pela formação cristã, terem pouca instrução, baixo nível sócio econômico não dá para compartilhar a intimidade, não entenderiam. Nunca falou da sua homossexualidade para eles, diz não se sentir confortável, mas que todos sabem, perguntam pelo F. quando ele não pode ir visitá-los e se referem a ele como seu companheiro de forma implícita. Quando sua mãe fica doente é o F. quem cuida dela.

Com a família do F. funciona assim também, mas eles têm pouco contato com ele e quase nenhum comigo. *“Amigo é mais presente que família.”*

Quando precisa de ajuda procura um amigo de confiança, deixa claro que amigos são poucos e bem escolhidos, afirma que hoje considera sua família os amigos que escolheu para compartilhar sua intimidade e com estes faz questão que saibam da sua homossexualidade, todos sabem e tratam disso explicitamente. *“Escolho e sou escolhido para fazer parte de uma família, de amigos.”*

Acredita que **a conjugalidade mesmo se dá no casamento** e que não considera os rituais do casamento, acha um grande teatro uma encenação e não se percebe casado. Não acha que seja casado, mas que possui uma parceria.

Conta que já teve um outro relacionamento neste período de união, durante um ano, *“com uma pessoa casada também”*. Repito para ele o também, ele fica surpreso, ri sem graça, diz..., é..., e continua. Nunca pensou em separação, *“mantive para preencher a falta da presença de F.”*, fazia de tudo para não dar certo mas chegou a pensar junto com esta pessoa na hipótese de montar um terceiro espaço para eles. Mas com o tempo percebeu que não queria aquilo e se sentia mal frente ao **“não saber”** de F quando olhava-o dormindo, *“talvez*

tenha percebido alguma coisa, mas não disse nada”. Diz ter se proposto a isso sem culpa, caso contrário não valeria a pena.

Para ele o futuro..., dá uma pausa, é mesmo continuar o que é..., continuar juntos. Diz-se romântico, quer que demore, tenha continuidade.

Eles tem em comum uma vida construída e reconhecida pelos dois, eles tem a vivência de casal na intimidade da casa, mas há um *não saber* declarado, ou um não querer saber da diferença vivida por eles na relação que se manifesta explicitamente na sua vivência às vezes de fachada às vezes fechada (entre quatro paredes ou entre amigos). O espaço constituído da relação entre os dois se coloca como projeção contornada mas não efetivada: ficam juntos mas na ambivalência de conjugar.

Vocês são uma família?

“Somos e não somos..., família é parceria responsabilidade. Então somos.”

Ele vinha num movimento de incertezas mas agora coloca-se com firmeza e me passa uma certeza.

Fala de uma preocupação quando da sua falta, teme pelo F., em relação à partilha de seus bens, o que lhe é de direito, mas não está oficializado pela lei. Teme que F. fique sem nada, pois frente à lei ele não tem direitos garantidos, pois **a união deles não é reconhecida**.

Neste momento cria-se um ponto de tensão em mim, fico incomodada “como ele não sabe” ele ainda vê esta questão desta forma e acabo por informar de seus direitos e de como está a lei nesta questão, tento doutriná-lo no discurso jurídico... Logo em seguida percebo que não passa por aí...

Arranjos no campo, eu peço e ele me dá explicações, que tem conhecimento das conquistas legais neste campo dos direitos da família (ele quer dizer do casal). **A questão é que teme a não reivindicação deste direito pelo F.**

“Ele não considera que tenha algo meu (...) e minha família pode não reconhecer ele também.”.

Mas para a lei qual a diferença entre vocês e um casal heterossexual na mesma condição (sem registro jurídico ou religioso)?

O casal heterossexual não precisa reivindicar, as evidências são explícitas e **reconhecidas pelos outros**, e tem os filhos que comprovam a relação.

A ocupação de um lugar não está no registro de sua oficialidade, mas no desejo de ocupá-lo. A questão da tradição não permite uma visibilidade explícita, há um temor por parte de ambos, ainda vivem a homossexualidade como proibição. Transitam entre tradição e transgressão. Ainda estão namorando, não oficializaram a união, isto é o que há a ver.

Campo da (in) visibilidade.

Vocês pensam em filho?

“Eu não quero ser pai biológico e nem por adoção, não tenho vontade, mas já perguntei se F gostaria e ele diz também não querer.”.

Houve então um momento de interesse nisso?

“Eu procuro o diálogo, conversamos sobre todas as possibilidades.”.

E sobre esta questão da partilha de bens? Volto ao começo do fim... fico intrometida!

Ele se surpreende e diz que diretamente sobre isso não!

Diz baixinho para si,

“É..., não sei por que até hoje não fiz isso, posso deixar declarado”.

E complementa que já poderia passar para o nome dele desde agora e mesmo numa separação ele quer dar o apartamento para F. Indaga o que está esperando.

Está às voltas com a separação, separar desta condição em que se encontram, do não reconhecimento da relação.

Como não há reconhecimento entre o meu e o seu que na conjugação advirá o nosso, percebe-se ainda neste **campo uma oscilação na (in) divisibilidade**. Fala-nos de algo que é de cada um e da relação que não é conjugado e por isso conjugam o não saber e o não dizer. É no **paradoxo da falta da presença** que se mantém a relação.

Eu: Como é a vida social do casal?

“Como já te disse eu estou sempre sozinho, vou para festas, viajo, saí com amigos, sou criterioso ao me relacionar, não gosto de ficar na casa dos conhecidos quando viajo, prefiro hotel, mas me sinto bem com alguns grupos. Tenho amigos que me ajudam afetivamente quando preciso. O F sai às vezes entre amigos em comum, com eles fica claro que temos um relacionamento, eles se referem a nós como casal, mas não há demonstração de afetividade entre nós na presença deles, há diálogos que deixam isso explícito.”

Diz que quando duas pessoas estão juntas no desejo, ou na vontade de estarem juntas, mesmo separadas corporalmente, no local, todos que estão às voltas percebem, mesmo que tentem esconder, disfarçar.

Você presencia outros casais homossexuais em público demonstrando a afetividade entre eles de forma explícita?

“Sim, eles demonstram. Acho legal demonstrar, mas não tenho vontade, tenho dificuldade.”

Como você se sente?

“Acho estranho, olho e não me reconheço nesta condição, parece que não pertencço a este metiê. Questiono se há uma identidade homossexual, mas também acho que não tem isso de um papel masculino e um feminino definido na nossa relação. Já me relacionei com mulher, me vejo como homem. Nunca tive vontade de ser uma mulher de me travestir, me sinto com corpo de homem, faço tudo que um homem faz.”

O que é ser um Homem?

“Não sei.”

E uma mulher?

Responde rindo...

“Não sei.”

“Para mim o que importa é a minha postura, o respeito comigo e com os outros, não preciso sair por aí dizendo que sou homossexual e não me sinto diferente de ninguém por ser. Acho que isto é da minha experiência e revelo a quem me sentir bem, como o faço para alguns amigos.”

Acha que o movimento gay já trouxe muitas transformações, mas não participa diretamente desta causa. Acredita que socialmente hoje isto já é mais aceito. Mas vê que o preconceito é amenizado quando há dinheiro, status social, pela posição de poder ou conhecimento que a pessoa tenha. Isto lhe dá um reconhecimento sem implicações negativas, se aceita sem deixar explícito.

*“Acho que não há homem ou mulher como algo definido, isto é do **campo da imposição**, vejo como uma igualdade no que se pode fazer; ter os mesmos direitos. Hoje até a questão de se gostar de dois ao mesmo tempo já acho possível, isto de um único amor é do campo da imposição também.”*

*Neste **campo da (in)(di)visibilidade** o **social** estaria representado pelo olhar expressivo do outro, pelo saber do outro que poderá denunciar a diferença implícita desta relação e da condição diferenciada de cada um quanto à identidade sexual e isto se torna **ameaçador**.*

A questão paradoxal contemporânea fica evidente na dependência autonomia na relação deste casal, entre eles e deles com o social/público tão valorizado e temido na contemporaneidade, reforçando assim o privado.

Que tipo de aliança eles têm? A aliança não é de ouro nem de prata, é proclamada no retrato do quarto, no criado mudo. Tem visibilidade mas não tem expressividade.

6.5 - O lar: espaço “incomum” de encontro.

Casal com filhos de uniões anteriores que mantêm uma relação estável, mas sem coabitação. Z tem 56anos, foi casada por 23 anos, teve dois filhos adotivos neste primeiro casamento, hoje estão com 15 e 20 anos e moram com ela, após a separação ficou sozinha por oito anos, teve alguns relacionamentos neste período, nada fixo. Ele já foi casado também e possui dois filhos que moram com a mãe em outra cidade, estava sozinho há três anos. Conjugam um espaço de fixação: o lar.

*E por falar em paixão, da razão de viver, você bem que podia me aparecer!
Nestes mesmos lugares, nas noites, nos bares, onde anda você.*
Vinícius de Moraes

Chego a sua casa, espaço definido por ela para a entre-vistas, nos cumprimentamos, me apresento e logo em seguida ela comenta com pesar que viu, numa reportagem na televisão, que não tem remédio que elimina a depressão, o que tem-se a fazer é lidar com a tristeza. “*Que coisa não?!.*” Fico em silêncio e **aguardo.**

Início comentando sobre sua condição de morar separada do parceiro.

Situa sua geração como diferente. Faziam a coisa certa, dentro do esperado para o casamento dar certo, mas a separação foi inevitável.

Sentiu-se sozinha e teve que reorganizar sua vida e com isto conquistou uma liberdade de escolha. Diz que nos últimos tempos está dando conta de falar o que sente e o que quer.

Diz que saiu da dependência do pai para a dependência do marido e que pela primeira vez estava numa outra condição.

Obs> neste momento o telefone fixo toca, ela não atende, minutos depois sua filha lhe diz que o companheiro havia ligado, *“disse que você sumiu”*. A partir de então seu celular começa a chamar.

“Agora não quero morar junto, com marido as coisas tem que andar bem em casa, tudo pronto, comida, organização da casa, tem cobrança para isto. Ter que agradar o parceiro. O cotidiano acaba com o relacionamento.”

Diz que não morar junto é um avanço.

“A gente... não, eu prefiro assim. Por ele moraríamos juntos mas já deixei bem claro que se for desta forma prefiro me separar.”

Outro fator que também contribuiu para isso são os filhos. Exigem uma atenção dela, uma dedicação. Segundo ela os filhos já exigem, ela é exigente consigo, gosta de tudo organizado e com ele, que é uma pessoa exigente também, teria uma sobrecarga. Nossa quanta gente que exige... gente!

Conta sobre a passagem onde desmontou sua casa, que era grande, vendeu tudo e foi morar com ele em outra cidade (onde ele reside e trabalha atualmente). Ficou lá por quatro meses e retornou.

“Não gostei de morar com ele, obsessivo, absorve tudo, o jeito dele é difícil.”

Diz ter feito isto num momento difícil de sua vida, estava desempregada, **sem lugar**. Hoje avalia que foi um ato impulsivo.

Mas o que aconteceu lá?

“Ficava em casa o dia todo, não tinha o que fazer, não conhecia ninguém e o apartamento dele é de solteiro, tudo improvisado. Acho que se eu tivesse trabalhando seria diferente.”

Ficou literalmente dependendo dele, perdeu o controle.

“Lembro que ao sair ele me perguntou: você está saindo da minha vida ou da minha casa? Eu sentia que não queria mais a relação, mas lhe disse que estava saindo da casa.”

Para ela, **segundo casamento é mais inseguro, solicita maior trânsito, por isso ela transita fora dele**. Separa-se do encontro e do desencontro do casar, do espaço em comum, apresenta o como incomum.

“Nesta época não éramos casados ainda!”

Nesta fala dela, fiquei confusa, com a sensação que tinha **perdido algum pedaço da história** e surpresa repeti. Ainda! Vocês são casados?

“Sim, nos casamos com um ano e meio de relacionamento. A minha filha me questionava quanto à nossa relação. Somos casados por uma questão educativa, isto traz uma responsabilidade maior para a relação.” Resguarda a boa educação, garante a moral e os bons costumes.

E o que seus filhos, os conhecidos dizem de morarem separados?

“As pessoas ficam surpresas, mas percebo uma vontade de fazerem igual. Desejam isso também, porque será que não conseguem, preferem ficar sofrendo? (...) Morar separado é um avanço.”

Ele mora em outra cidade, mas eles se vêem todos os finais de semana, revezam as idas e vindas. Viajam muito e vão para a fazenda da família dele. Quando estão juntos saem para almoçar fora, passear, **“temos um cotidiano interessante”**. Ele fica na casa dela quando vem à cidade e ela direciona o que fazer. Ele não participa da criação dos filhos, não interfere no modo como ela os educa.

Obs. O celular continua tocando e ela não atende. Ela me sinaliza que é ele. Pergunto lhe se ele sabia da entrevista, ela diz que não falou, mas que iria falar.

Como fazem com as despesas ?

“Financeiramente cada um banca com o seu, ele ajuda quando necessário, um extra, mas não tem responsabilidade fixa. Nosso contrato é com separação de bens”.

Não tem nada fixo, está móvel, mas o casamento tem que ser fixado para garantir o compromisso de não ter responsabilidade extra prazer. **O ponto de fixação está móvel.**

O que vocês dividem então?

“Dividimos os problemas, os planos, damos suporte um ao outro. Agora ele vai aposentar e virá para cá, pensamos em trabalhar juntos, montar um negócio (pode não ser uma boa! Também não sei se quero).”

Ela ressalta que já havia um conhecimento anterior, eles tinham namorado quando adolescentes (coisa passageira) e encontraram-se por acaso 38 anos depois. Ele é uma pessoa conhecida, que pode confiar, se entregar, não teve medo de se envolver. Possuem as mesmas raízes, são da mesma região e as famílias de origem se conhecem há muito tempo e se consideram. Possuem um espaço em comum, um ponto de fixação, dividem uma mesma geração, cultura, família. Isto dá garantias mínimas de poderem estar juntos em algumas situações.

“Ele também acha importante sermos do mesmo lugar.”

Obs. O celular continua chamando. Diz para mim:

“eu não atendo, depois quando me der vontade eu retorno, isso me irrita é assim todo dia, ele é chato.”

Ela não atende mas mantém a expectativa.

Neste momento reafirma que isto de não querer morar junto é definitivo, fala meio nervosa/tensa. (fico tensa e sinto novamente uma falta de sequência na conversa).

“As coisas caminham como eu quero, não quero sofrer mais, prefiro sair”.

O dentro e o fora da casa, o eu e o outro, morar, estar juntos pode diluir e ampliar as dimensões deste campo, **um lugar em comum**, “do mesmo lugar”.

Eles são tão próximos que ela tenta colocar a distância, um ocupa o lugar do outro, não quer se juntar, pois são o mesmo às avessas, **conjugam a fixação de um espaço intransitivo**. Ela quer ficar no ideal do amor, a paixão, força ele a ser o seu eu ideal, mas está descobrindo que não o é.

“No primeiro casamento há mais segurança, suporta-se mais, tolera-se mais o sofrimento, é o pai dos seus filhos. Já o segundo é mais ... inseguro”.

Fica perdida para definir.

Neste não tem sofrimento?

“Tem atritos (...) tô sempre com um pé dentro e outro fora (...) Eu sou controladora, gosto de tudo organizado. Acho que moramos separados por mim!”

É pelo jeito dele ou pelo seu?

“Ela ri. É pelo meu”. Dá uma pausa *“(...) é pelo nosso.”.*

Obs. O celular continua tocando.

“Tá vendo como ele é insistente, qualquer pessoa liga, vê que não atende e pára, ele não.”

Pensei, já que ela não vai atender agora porque não desliga. Ele não foi chamado para o nosso encontro mas estava presente, ele fica longe, não divide a casa mas está lá o dia todo atrapalhando a privacidade dela, abalando as fixações dele e as dela.

Conjugam os pontos de fixação. Ele também insiste no “estar separado” ao se fazer presente através do incômodo. Ele acompanha sua solidão e a faz sentir sempre acompanhada, pois mesmo ausente está presente.

“Amor passa por admiração, desse jeito ele incomoda, sufoca. Perco o tesão.”.

Diz que ele é uma pessoa difícil, obsessivo, tenso. Sua família faz uma “propaganda” muito ruim dele, tem um estigma terrível, agressivo, descontrolado, chato. Ele não é aceito por eles, ela lhe dá suporte e o acompanha com eles.

Ele bebe e ela não, ele come muito e ela não, ele fala muito e ela não, ele gosta de brigar, falar alto e ela não. Com ela, ele diminuiu a bebida e ensinou ela a beber vinho, ela está tentando fazer com que ele emagreça e ele despertou o apetite dela para comida. Ela até engordou um pouco, saiu das dietas rigorosas que fazia. Ela acha que eles são diferentes ele acha que eles são iguais. **Paradoxalmente ela está tentando domesticá-lo em sua casa e ele desdomesticá-la.**

Um ocupa o lugar do outro, não se juntam, pois são o mesmo às avessas. Conjugam a fixação de um lugar em comum.

Então onde está a admiração?

“Ele é inteligente, sabe de tudo um pouco, é sofisticado com comidas e cuida muito bem de mim, agrada o tempo todo.”

Ela gosta do prazer que ele proporciona, do lar doce lar do ideal romântico.

“Ele tem que ficar me conquistando o tempo todo, todo dia.”

Ilusoriamente para não repetir tudo que viveu no primeiro casamento ela força uma diferença, eternamente namorando, mas sabe que um dia terá que se haver com ele na sua casa. Por enquanto faz de conta que ele não está, mas ele está não estando. Por enquanto distrai-se no seu faz de conta, casada solteira e solteira casada.

“Uma conhecida diz que só temos mais um terço de vida útil, temos que aproveitar.”

Ele já fez tratamento, toma remédio, vejo que ele faz um esforço para se segurar. Teme que morando juntos ele estoure com o relacionamento, “fico na corda bamba”. Já pensou em separação por três vezes e ele sabe disso. Ela não sabe até quando ele vai agüentar. Casou para dar conta de segurar ele. Tem **compaixão** por ele, quer ajudá-lo.

*“Parece que homem quer casa, colo e comida, **rotina, algo fixo**. Já a mulher quer paixão, insegurança, emoção, ser cativada e não cativa do casamento. Ela está mais para os*

filhos”. Os pequenos detalhes a irrita, o ronco a divisão do banheiro, o sujo o feio, o gordo, o desarrumado. *“Isso acaba com o casamento.”*

Diz que algo depois que se casa muda, aumenta a tolerância tem que fazer mais restrições.

“Separar é algo muito difícil. No primeiro casamento quase voltamos, mas apareceu outra pessoa na vida dele e então demos conta de separar, mas se tivéssemos voltado não daria certo. Ainda me sinto fracassada pelo término da família.”

No primeiro casamento você não pensou em morarem separados como uma outra forma de relação?

“Não, isto é algo desta relação, do segundo casamento.”

“Descobri que não vou me apaixonar mais, acabou! É isso aí não vai ser diferente. Minha mãe diz que sou apaixonada pelo amor”.

Neste momento criou-se um clima de intimidade e senti uma tristeza, uma depressão pelo luto da paixão, seus olhos brilhavam de dor. Neste momento ela conjuga uma possibilidade de trânsito, aponta para uma mudança de **padrão** de vínculo. **Ela não se vê no olhar do outro então fixa-se no seu, tenta manter o olhar em sua imagem refletida num espelho estilhaçado.**

O que quer não é o que sente; paixão, e o que sente não é o que quer, vazio por não se apaixonar. Revela o desejo de ocupação de dois lugares: o de estar apaixonada e o de não estar. **Ela mantém a distância para poder ficar junto, este é o paradoxo, campo da distância próxima, do virtual.** Ela ficou muito distante no primeiro casamento e teve que se aproximar para separar, ainda mantém o mesmo princípio nortea-dor, luto da paixão.

Ela ainda não consegue expor diretamente sua dor sobre a distância imposta, então impõe diretamente uma proximidade especular, idealizada.

7- HÁ (A) CONJUGALIDADE: CONCLUSÃO

*Eu vejo o futuro repetir o passado,
Eu vejo um museu de grandes novidades,
o tempo não pára*
Cazuza

Ao longo desta trajetória percebi-me num esforço de guerra, no campo da batalha fui tentando conjugar Psicanálise-Fenomenologia; amor-morte; intersubjetividade traumática-transubjetiva, Campo-relação; cultura-clínica e clínica-cultura em entre-vistas. Vejo-me agora como uma grande casamenteira, no sentido de casar possibilidades norteadas pelo princípio da *alteridade* e no resgate da *afetividade* na vivência da conjugalidade hoje. Dizem que no amor e na guerra vale tudo... num esforço de paz.

Em entre-vistas investiguei tais conjugações e conjuguei novos olhares: com o ditado(r) conjuguei o *campo da dor* em contraponto com a lógica do prazer sem limite, do pensamento em ato puro; com a insônia da eternidade conjuguei o *campo da esperança* frente à lógica da pressa; com o ideal de filho conjuguei o *campo do imprevisto* frente ao ideal de controle no processo de criação; com a (in)(di)visibilidade conjuguei o *campo do não saber* à partir da lógica heterossexista reprodutiva/reprodutora de um saber sobre a sexualidade e finalmente com o espaço incomum conjuguei o *campo do vazio* frente ao querer todas as possibilidades.

Nestas relações, há singularidades, produções de sentidos específicos de cada relação, os quais já foram apontados no capítulo anterior. Dimensões singulares que são constituídas e constituidoras do social e que podem ser tematizadas como alteridades, mas entre elas há também sentidos compartilhados que as sustentam no campo do conjugal na psique do real, ou psique social, verificados tanto no campo das entre-vistas quanto no campo da pesquisa.

A valorização do casamento enquanto reconhecimento social da conjugalidade. Casamento é campo, tido como uma estrutura determinante das relações, não uma relação entre outras. Houve um descentramento do casamento e do conjugal quanto à aliança heterossexual reprodutiva, abrindo questionamento a outras configurações, mesmo que tal estrutura ainda prevaleça.

As relações estão instáveis e terminando com rapidez, não porque desqualificam o casamento mais porque o valorizam muito. A idealização permanece e talvez de forma bem mais intensa, não há suporte para a não correspondência das expectativas. Continua orientada pelo ideal Romântico, de completude e felicidade eterna, o que mudou foi a formalidade e a relação com o tempo, não precisa ser mais até que a morte os separe, mas que seja eterno enquanto dure. Reafirma-se ainda o projeto moderno de durabilidade, agora com um sujeito mais autônomo e menos tolerante a frustrações. O paradoxo dependência independência do sujeito também é positivado neste campo.

A presença da família de origem permanece como referência, seja para mantê-la ou transgredi-la configurando um para além desta. Foi na sua manutenção que houve a possibilidade de transição da família intensa à família extensa, transitam entre as duas polaridades e vê-se surgir um conceito de afinidade como uma nova categoria vincular para instituir o familiar. Neste cenário ainda há a valorização e articulação do filho ao projeto conjugal.

Vê-se um abalo identitário do masculino e do feminino quando em relação, há um questionamento quanto às fixações destes lugares, abrindo possibilidade ao trânsito destes. Implicitamente todos dizem, cada um a sua maneira, de um estar junto a partir de uma separação necessária, como condição desejante da relação. A conjugalidade ainda é um projeto de afirmação da identidade, necessitando de uma permanência para que haja a articulação de sentidos a compartilhar, podendo dar sentido também ao nós.

Vê-se também um cálculo utilitarista na superfície dos vínculos conjugais, onde a vivência temporal entra na mesma lógica da imediatez por sentir que não há tempo a perder. Pelo imediatismo que se impõe compromete-se o pensar e o sentir e as tensões passam a exigir alívio imediato, buscando símbolos e materiais externos, fazendo com que a relação fique fragilizada. Entram na mesma lógica produção-consumo das relações com o capital.

Foi neste compartilhar de sentidos, que pude visualizar um sentido maior que norteava talvez, todos os outros, estruturados na *lógica do ter*: uma parceria; uma garantia; um ideal para a relação conjugal; razão frente ao desconhecido e de se ter todas as possibilidades não tendo que escolher. Isto no seu contraponto configurou o Campo Conjugal hoje como *Campo da restrição*, por não ter parceria fixa e estável; por não ter fidelidade no sentido de exclusividade; por não ter reconhecida a diferença e por não ter paixão no sentido de passividade à relação o que demandaria trabalho para sua constituição e manutenção.

Tendo em entre-vistas todos estes aspectos, passo a passo na minha caminhada metodológica fui rompendo alguns campos e descartando verdades perseguidas na tentativa de chegar a um fim. Num primeiro momento tinha claro que seria a lógica do compartilhado, o *em comum*; interseções que garantiriam a sustentação da relação conjugal, sentidos compartilhados. Mas isto passou, entre um passo e outro, a ser óbvio..., tanto na repetição como quando há transformação - a conjugalidade existe- em qualquer relação conjugal.

Num segundo momento, fui para a lógica da *diferença*, seria nas aberturas, no desencontro que estaria a condição de suporte e permanência de uma relação conjugal, a partir da produção de novos sentidos. Fui para outra verdade, fiquei no campo do pensamento moderno, que se orienta por exclusão e por uma única verdade, isso ou aquilo, então percebi que o diferente é uma das condições possíveis na relação e que só ela não sustentaria a relação, mesmo porque somos seres carentes de repetição, necessitamos de identidade.

Assim encontrei-me também no *campo da restrição* ao pensar a conjugalidade, restringindo a isso ou aquilo e de ter que apresentar uma verdade. Neste momento consegui apreender o paradoxal da conjugalidade e me vi atualizando, seria então isso e aquilo e o contrário disso. O que dá sustentação, condição de permanência da relação seria a possibilidade de jogo entre o compartilhado e a diferença na relação, uma articulação possível. É preciso que tudo permaneça como está para que mude. Portanto aproprio-me do *campo paradoxal*

Concluo então que paradoxalmente será no campo da restrição que haverá a possibilidade da produção de algo distinto da sua lógica de concepção. Tal vestígio de transformação já se apresenta na conjugalidade hoje, em traçados inexpressivos quando na emergência fugaz de uma outra sensibilidade para o amor. Tido como algo da ordem do construído, escapando à lógica do pronto a consumir como no esforço de uma simetria nas relações de gênero.

Foi possível entre-ver por alguns instantes não só nas entre-vistas, mas também no campo geral da pesquisa, lampejos de uma *nova sabedoria*. O amor seria um desconhecido há saber...? Um amor atrelado ao conjugal, à alteridade no conjugal.

Como nos diz a canção, “o amor está no ar”, para quem puder senti-lo. Aponto para um amor com aspas - “amor”- um outro amor daquele do Romantismo, idealizado, o ideal é necessário desde que se reformule. Faz-se necessário um desaprendizado deste amor padrão romântico, pedagogicamente falando através do erro necessário e da angústia frente ao não saber, para reiniciarmos uma nova alfabetização amorosa, desconstruindo o ideal de amor moderno. Porém o Romantismo enquanto epistemologia, dialógico, faz-se viável ainda.

Neste sentido há uma conjugalidade há saber, uma possibilidade de um novo conhecimento frente à crise instaurada neste campo, ao abalo identitário do amor na nossa cultura atual. Como nos diz Herrmann (1991) certas idéias têm que perambular longo tempo

para que encontre um corpo que a receba. Já iniciamos este momento de fluxo ao estarmos vivendo uma crise permanente no campo conjugal, campo híbrido de sentidos múltiplos e instáveis.

Frente a tantas lógicas provisórias, o novo está na possibilidade de se por em questão a vivência no/do conjugal. Na singularidade, tido como privado/íntimo e no público, tido como social/cultural compartilhado, ambos já apresentados acima. Como não é possível fazer esta separação para além do conceitual, uma vez que tudo é da ordem do real, da psique do real. Vê-se então *lógica e dúvida* conjugando a possibilidade de nascimento de um outro campo. Para Herrmann (1991) a interrogação quanto à forma do que se apropria e ao resultado de cada apropriação instituinte, dota o quê, o inconsciente de seu caráter de questão. Daí propor o método interpretativo que em essência é conhecimento, verdade provisória, há o inconsciente designa a dimensão de conhecimento.

Surpresa então! Ao utilizar o método interpretativo, campo do não saber na pesquisa, descubro que a conjugalidade está em questão. Visualizo a espessura ontológica do método ao conhecer a conjugalidade, então método conjuga conhecimento.

Diz-se por aí que o amor é vontade de gerar de criar, indo de encontro à descoberta de que ele pode ser também construído e não só consumido. Mas também diz-se por aí que onde houver criação se dará o método. Vejo algo conjugando por aí... ambos dizem de uma espessura ontológica do humano, *há criação*, possibilidade de conhecimento. Então método, humano e amor se alinham e por isso conjugam um há saber que nunca se saberá por completo.

Outra descoberta se deu no entre-ver a clínica, uma vez que esta se configura na operação do método, podendo acontecer em qualquer tempo/espço desde que haja criação. Na pesquisa alinhei clínica e cultura conjugando sentidos e descobri que a *clínica está na cultura e a cultura na clínica* do conjugal na atualidade.

Nesta o novo, enquanto produção de sentidos no conjugal foi visto em instantes de conjugalidade, de saber, onde se abriu possibilidades há saber diferenciadas das já concebidas. Já sabemos que o encontro é a matriz do desejo demarcando os limites da experiência psíquica e enquanto inconsciente é o limite dos possíveis. Neste sentido micro rupturas já estão sendo processadas, talvez não haja olhos para enxergá-las, devido à nossa crença nas aparências, mesmo porque há muitas maneiras de algo ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo, há muitos sentidos de verdade e muitas verdades diferentes e provisórias. **O paradoxal está na essência das relações conjugais hoje.**

Era uma vez uma coincidência que saiu a passeio em companhia de um pequeno acidente. Enquanto passeavam encontraram uma explicação, uma velha explicação, tão velha que já estava toda encurvada e encarquilhada, que mais parecia uma charada (Deleuze, 1969). Assim o novo e o velho, a repetição e a transformação conjugam na mesma superfície de sentidos a cada manhã e a diferença está nos olhos de quem vê.

Por mais que tudo mude, a necessidade de amar permanece intrínseca à condição humana. Por sorte ainda precisamos do outro! Assim a conjugalidade se repete inovando e inova-se repetindo no fluxo eterno do tempo, demarcando uma alteridade fragilizada mas persistente.

Desejo(s) que nela haja e amor pra recomeçar...

*Eu te desejo não parar tão cedo
pois toda idade tem prazer e medo
e com os que erram feio e bastante
que você consiga ser tolerante*

*Quando você ficar triste
que seja por um dia e não o ano inteiro
e que você descubra que rir é bom
mas que rir de tudo é desespero*

*Desejo que você tenha a quem amar
e quando estiver bem cansado
ainda exista amor pra recomeçar,
pra recomeçar*

*Eu te desejo muitos amigos
mas que em um você possa confiar
e que tenha até inimigos
pra você não deixar de duvidar*

*Quando você ficar triste
que seja por um dia e não o ano inteiro
e que você descubra que rir é bom
mas que rir de tudo é desespero*

Desejo que você tenha a quem amar...

*Desejo que você ganhe dinheiro
pois é preciso viver também
e que você diga a ele pelo menos uma vez
quem é mesmo o dono de quem*

Desejo que você tenha a quem amar...

Barão Vermelho - Amor pra recomeçar

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andolfi, M., Ângelo, C., & Saccu, C. (1987). **Tempo e mito em terapia familiarliare**. Turim: Boringhieri.
- Aranha, M. L. A., & Martins, M. H. P. (1986). **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna.
- Arán, M. R. (2001). **O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social da UERJ, Rio de Janeiro.
- Arán, M. R. (2003). Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Estudos feministas**, 11(2), 360.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, Casamento e Sexualidade: Velhas e novas configurações. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, 22(2), 70-77.
- Ariès, P. (1987). O amor no casamento. In: P. Áries, & A. Béjin (Orgs), **Sexualidades Ocidentais** (pp.153-162). São Paulo: Brasiliense.
- Bastos, L. A. M. (2001). A identidade masculina e a identidade feminina: o casal hoje dos Raios X ao casal X. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 35(3), 805-821.
- Bastos, L. A. M. (2003). Armagedon: a violência no mundo contemporâneo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 37(2/3), 259-270.
- Baudrillard, J. (1991). **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bauman, Z. (2001). Modernidade Líquida. **Ciência e Profissão**, 22(1), 38-49.
- Bauman, Z. (2004). **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Berenstein, I., & Puget, J. (1993). **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bion, J. (1962). **O aprender com a experiência**. Rio de Janeiro: Imago.
- Birman, J. (Org.) (2002). **Feminilidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Birman, J. (2003). **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Buber, M. (1979). **Eu e Tu**. São Paulo: Editora Moraes.
- Calligaris, C. (1994). **O Laço conjugal**. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Caruso, I. (1984). **A Separação dos amantes**: uma fenomenologia da morte. São Paulo: Diadorim e Cortez Editora.
- Castoriadis, C. (1995). **A instituição imaginária na sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Costa, J. F. (1979). **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal.
- Costa, J. F. (1998). **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco.
- Couchot, E. (1993). Da representação à simulação. In Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual, p.37-48.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1976). **O anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago.
- Deleuze, G. (1969). **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva.
- Dicks, H. V. (1967). **Marital tensions**. New York: Basic Books.
- Ferez-Carneiro, T. (2000). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2, 379-394.
- Ferres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2003). **Conjugalidade e Subjetividades Contemporâneas**: O parceiro como instrumento de legalização do “eu”. Rio de Janeiro: Estados gerais da Psicanálise-Segundo Encontro Mundial.
- Figueiredo, L. C. (2003). **Psicanálise**: elementos para a clínica contemporânea. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C., & Júnior, N. E. C. (2004). Figuras da Intersubjetividade na Constituição subjetiva: Dimensões da alteridade. **Interações**. IX (17), 9-28.
- Foucault, M. (1988). **História da Sexualidade - A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal.
- Freire, L. (2002). A Histeria e a beleza: uma expressão no contexto Cultural da Atualidade. **Psicologia Ciência e Profissão**. 22(3), 70-76.
- Freud, S. (1910). Sobre a tendência universal a depreciação na esfera do amor. (contribuição à psicologia do amor). **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol.XI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In. S. Freud **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. (pp. 85-122). Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In. S. Freud **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. (pp. 18-44). Vol.XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização. In. S. Freud **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. (pp. 89-179). 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Fuks, L. B. (2003). Narcisismo e vínculos na atualidade. **Revista Percursos**, 30(1), 25-30.
- Gevertz, S. (1999). Um olhar psicanalítico em direção à sociedade globalizada. **Revista de Psicopedagogia**. 18(47), 27-9.
- Giddens, A. (1993). **A transformação da Intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp.

Green, A. (1990). **Conferências brasileiras de André Green**. Metapsicologia dos limites. Rio de Janeiro: Imago.

Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes.

Heilborn, M. L. (2004). **Dois é Par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Editora Garamond.

Herrmann, F. (1991). **Andaimes do Real: O Método da Psicanálise**. São Paulo: ed. Brasiliense.

Herrmann, F. (1992). **O Divã a passeio: à procura da psicanálise onde não parece estar**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. (1997). **Psicanálise do cotidiano**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Herrmann, F. (1999). A Psicanálise, a psicanálise e as demais psicoterapias em face do absurdo. **Jornal da Psicanálise**, 32(58/59), 93-132.

Herrmann, F. (2001). **Introdução à Teoria dos Campos**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. (2002). Função Terapêutica – Apresentação. In: L. M. C. Barone, (coord.). **O psicanalista hoje e amanhã: O II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito**. (pp. 257-259). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. (2003). Amor, guerra e o casamento de hoje. In: P. B. Gomes (Org.), **Vínculos Amorosos contemporâneos: Psicodinâmica das novas estruturas familiares**. São Paulo: Callis.

Herrmann, F. (2003). Psicanálise e Política – no mundo em que vivemos. *Revista Trieb*, R.J., vol. II, n.2, pp. 235-263.

Herrmann, F. (2005). Da Clínica Extensa à Alta Teoria- Meditações Clínicas. VI Os Três Tempos da Análise (trabalho não publicado).

Herrmann, L. A. F. (2004). **Andaimes do Real: a construção de um Pensamento**. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. PUC, São Paulo.

Homem, M. L. (2003). Entre próteses e prozacs – o sujeito contemporâneo imerso na descartabilidade da sociedade de consumo. **Estados gerais da psicanálise: Segundo encontro Mundial**, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/4_Homem_135161003_port.pdf. Acesso em: 29/06/2007.

Julien, P. (2000). **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Kehl, M. R. (1998). **Deslocamentos do Feminino**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Lamanno, V. L. C. (1994). **Repetição e transformação na vida conjugal**. São Paulo: Summus.

Lasch, C. (1988). **A Cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago.

Leite, S. (1980). Agradecimentos e nota sobre a tradução. In: L. Carroll, **Aventuras de Alice**. (pp.07-13). São Paulo: Summus.

Lipovetsky, G. (2004). **Os tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcelona.

Loyola, M. A. (Org.) (1998). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.

Magalhães, A. S. (2000). **O eu transformado pelo nós: influências da conjugalidade sobre a subjetividade dos parceiros**. Tese (Doutorado em psicologia clínica). PUC - Rio de Janeiro.

Maldavsky, D. (1993). **Processos e estruturas vinculares: Mecanismos, Erogenidade e Lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Marçola, M. A. (2006). **Um estudo sobre o tempo no processo analítico: reflexões sobre a postura metodológica psicanalítica**. Dissertação de Mestrado, UFU - Uberlândia.

Marx, K., & Engels, F. (1990). **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Global.

McFarlane, A. (1990). **História do casamento e do amor**. São Paulo: Cia das letras.

Moguillansky, R., & Seiguer, G. (1996). **La vida emocional de la família**. Buenos Aires: Paidós.

Moreira, J. O. (2003). Do problema da alteridade no pensamento freudiano: uma construção. **Agora**. 6(2), Rio de Janeiro, Julho/Dezembro.

Néri, R. (2005). **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Nicolló, A. (1995). O modelo psicanalítico de funcionamento do casal. In: M. Andolfi, C. Angelo, & C. Saccu (Orgs), **O casal em crise**. (pp. 75-90). São Paulo: Summus.

Outeiral, J., & Moura, L. (2003). **Paixão e criatividade: estudos psicanalíticos sobre Frida Khalo, Camille Claudel e Coco Chanel**. São Paulo: Revinter.

Paravidini, J. L. L., Perfeito, H. C. C. S., Rocha, T. H. R., Dias, A. G. & Campos, A. F. (2006). **Nascimento psíquico e contemporaneidade: Implicações metapsicológicas nos modos de estruturação subjetiva (no prelo)**.

Parente, A. (org.) (1993). **Imagem e máquina: a era das tecnologias do virtual**.

Peres, T. V. (org.) (2001). **Culpa**. São Paulo: Escuta.

Romera, M. L. C. (2004). Método Psicanalítico por Ruptura de Campo: o verso e o reverso da ocupação de um lugar. In: Org. F. Herrmann, T. Colds Lovenkrnn, L. H. Warchavchir, L. Sadok, M. G. Khouri, **Pesquisando com o Método Psicanalítico**. (pp.254-280). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Romera, M. L. C. (2005). **Corpo marcado em relações dêsmarcadas: a clínica psicanalítica na atualidade (no prelo)**.

Roudinesco, E. (2003). **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Santi, R. L. P. (1998). **A construção do eu na Modernidade**: da Renascença ao século XIX. Ribeirão Preto: Holos.

Santos, B.S. (1989). **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Graal.

Santos, M. (2000). **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record.

Souza, O. (1994). Uma visita ao amor e à conjugalidade na época de Freud. In: C. Calligaris (Org.). **O Laço Conjugal**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed.

Telles, S. (2005). **Seria a condição feminina o tema central de “as Horas”? ou Aqui ninguém tem medo de Virginia Woolf, pelo contrário**. Disponível em: <www.estadosgeraisdapsicanalise.com.org>. Acesso em: 23/05/2006.

Vainfas, R. (1996). **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática.

Willi, J. (1975). A construção diádica da realidade. In: M. Andolfi, C. Ângelo, & C. Saccu, (Orgs), **O casal em crise**. (pp. 38-46). São Paulo: Summus.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Autorizo a utilização dos dados colhidos nas entrevistas concedidas à psicóloga e pesquisadora **Andréa Gonçalves Dias, RG. 5796377 SSP/MG, CRP 04/14054, fone (0xx-34) 3219-2906**, para pesquisa e eventuais publicações científicas, desde que resguardados os cuidados éticos e preservado o sigilo sobre qualquer informação identificatória, podendo ser os dados finais da pesquisa, colocados à minha disposição.

Estou ciente de que a psicóloga está envolvida no projeto de Mestrado “Conjugalidade: reflexões sobre o campo da intersubjetividade” e que este estudo tem como objetivo a investigação dos campos que sustentam e estruturam as relações conjugais na atualidade, considerando a conjugalidade uma condição que influencia a formação e transformação das subjetividades e das relações intersubjetivas, buscando apreender quais as regras que sustentam estes campos e quais os sentidos apreendidos na atualidade.

Sendo realizado sob a orientação da **Profa. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera** pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e submetido aos critérios do **Comitê de Ética em Pesquisa desta Universidade, fone: (0xx-34) 3239-4131**.

Também estou ciente de que tenho a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma como também que minha participação não envolverá nenhum tipo de despesas.

Local e data : -----

Nome do Participante: -----

Endereço/fone: -----

Ass.:-----

ANEXO B

Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP
Av. João Naves de Ávila, nº 2160 - Bloco J - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG –
CEP 38400-089 - FONE/FAX (34) 3239-4131

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA Nº 309/05**Registro CEP: 229/05****Projeto Pesquisa:** “Conjugalidade: reflexões sobre o campo da intersubjetividade”

Pesquisador Responsável: Andréa Gonçalves Dias

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Projeto aprovado

Uberlândia, 07 de novembro de 2005.

Profa. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado
Coordenadora do CEP/UFU

Orientações ao pesquisador:

(Para parecer Aprovado ou Aprovado com Recomendações)

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 - Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e). O prazo para entrega de relatório é de 120 dias após o término da execução prevista no cronograma do projeto, conforme norma da Res. 196/96 CNS.